

Novo Mapa das Religiões



www.fgv.br/cps/religiao

Institut für Brasilienkunde

KI-BR 176.80

Bibliothek

09 12 14

Religiouszugehörigkeit.doc

Während der Anteil der katholischen Bevölkerung in den Jahren 2000-2003 noch 74% betrug, fiel er in den folgenden Jahren bis zum Jahre 2009 auf 68,43%. Im gleichen Zeitraum stiegen andere Gruppierungen, so die Evangelischen von 17,88% auf 20,3% der Gesamtbevölkerung und die Religionslosen von 5,13% auf 6,72%. Sieht man auf die räumliche Verteilung der Katholiken, so haben die Staaten Roraima und Rio de Janeiro mit 46 bzw. 49% den geringsten katholischen Bevölkerungsanteil, während drei Staaten des Nordostens, Piauí, Ceará und Paraíba, mit über 80% den höchsten katholischen Anteil haben. Dagegen liegt der Anteil der Religionslosen in Roraima bei 19,3% und Rio de Janeiro bei 15,9%.

Der Staat mit dem größten Anteil an evangelischen Christen der Pfingstkirchen ist mit 24,18% der Staat Acre, gefolgt von Rondônia, Pará und Amapá mit jeweils 19%. Espírito Santo dagegen hat mit 15% die größte Gruppe evangelischer Christen der historischen Kirchen, gefolgt von den Staaten Acre (12,46%), Amazonas (11,41%) und Rondônia (11,13%) der Nord-Region, so wie schließlich Rio de Janeiro mit 10,66%. Die Staaten des Südens, Paraná (8,9%), Santa Catarina (8,7%) und Rio Grande do Sul (8,2%) liegen dagegen nur im Mittelfeld der Rangfolge.

Der Staat Rio de Janeiro führt auch bei den Anhängern des Spiritismus mit 3,37% der Bevölkerung und den afro-brasilianischen Kulturen mit 1,61%. Selbst bei den asiatischen Religionen nimmt Rio de Janeiro nach São Paulo (0,78%) den zweiten Platz ein.

In absoluten Zahlen

Legt man das Ergebnis der Volkszählung von 2010 zu Grunde, nämlich eine Einwohnerzahl von 190 Millionen, dann sind es immer noch 130 Millionen Katholiken, gefolgt von 38,5 Millionen Evangelischen und 12,7 Millionen Religionslosen. Damit bleibt Brasilien weiterhin das Land mit den meisten Katholiken weltweit, allerdings mit fallender Tendenz. Der Koordinator der detailreichen Untersuchung bei der Vargas-Stiftung, Marcelo Neri, geht von einer jährlichen Abnahme von 1% aus.

Quelle: „Novo Mapa das Religiões“, Rio de Janeiro: FGV, CPS, 2011, Coordenação Marcelo Neri

Religionszugehörigkeit

Bevölkerungsanteil der Katholiken und Religionslosen in %

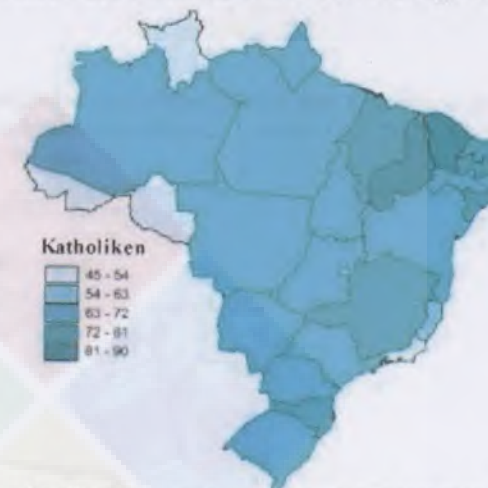
Rangfolge	ohne Religion	Rangfolge	Katholiken
1 Roraima	19.39%	1 Piauí	87.93%
2 Rio de Janeiro	15.95%	2 Ceará	81.08%
3 Rondônia	13.54%	3 Paraíba	80.25%
4 Acre	10.82%	4 Sergipe	79.96%
5 Pernambuco	10.60%	5 Maranhão	78.04%
6 Espírito Santo	10.18%	6 Alagoas	77.10%
7 Distrito Federal	10.01%	7 Santa Catarina	75.88%
8 Bahia	9.00%	8 Rio Grande do Norte	73.98%
9 Alagoas	7.85%	9 Minas Gerais	73.32%
10 Rio Grande do Norte	6.86%	10 Bahia	71.39%
11 Pará	6.67%	11 Rio Grande do Sul	71.37%
12 Mato Grosso do Sul	6.07%	12 Amapá	70.89%
13 São Paulo	5.99%	13 Mato Grosso	70.63%
14 Sergipe	5.58%	14 Tocantins	70.60%
15 Rio Grande do Sul	5.45%	15 Paraná	69.82%
16 Mato Grosso	5.42%	16 Amazonas	67.68%
17 Goiás	5.35%	17 Pará	66.55%
18 Tocantins	5.19%	18 São Paulo	66.12%
19 Amapá	5.16%	19 Goiás	65.42%
20 Maranhão	4.33%	20 Pernambuco	63.84%
21 Paraíba	4.30%	21 Mato Grosso do Sul	63.70%
22 Ceará	4.08%	22 Espírito Santo	57.04%
23 Paraná	3.56%	23 Distrito Federal	55.88%
24 Minas Gerais	3.55%	24 Rondônia	52.89%
25 Santa Catarina	3.41%	25 Acre	50.73%
26 Amazonas	2.94%	26 Rio de Janeiro	49.83%
27 Piauí	1.64%	27 Roraima	46.78%

Relatório de Resultados

1.1.1. Distribuição da população por região e sexo

Região	Sexo	População (em milhares)
Norte	Masculino	1.200
	Feminino	1.100
Nordeste	Masculino	1.100
	Feminino	1.000
Centro-Oeste	Masculino	1.000
	Feminino	900
Sudeste	Masculino	1.100
	Feminino	1.000
Sul	Masculino	1.000
	Feminino	900

Anteil der Katholischen Bevölkerung 2009 in %



Quelle: CPS a partir dos microdados da POF 2009/IBGE

Os artigos publicados são de inteira responsabilidade de seus autores. As opiniões neles emitidas não exprimem, necessariamente, o ponto de vista da Fundação Getulio Vargas.

Novo Mapa das Religiões / Coordenação Marcelo Côrtes Neri. - Rio de Janeiro: FGV, CPS, 2011.

[70] p.

1. Religiões 2. Economia 3. Mudanças Recentes 4. Revolução Feminina 5. Ciclo de Vida I. Neri, M.C.; Carvalhaes, L.; Monte, S.R.S.. II. Fundação Getulio Vargas. Centro de Políticas Sociais.

©Marcelo Neri 2011

Novo Mapa das Religiões

Sumário Executivo

Coordenação:

Marcelo Neri

mcneri@fgv.br

Equipe Técnica Responsável:

Marcelo Côrtes Neri

Luisa Carvalhaes Coutinho de Melo

Samanta dos Reis Sacramento Monte

Equipe de Produção do CPS:

Thiago Cavalcante

Lucas Moreira

Pedro Lipkin

Ana Lúcia Salomão Calçada

Thamires Silva

Novo Mapa das Religiões

Índice

1. Introdução
 - a. A Nova Queda Católica
 - b. Objetivos da Pesquisa
2. A Maior Economia Católica
3. Comparações Internacionais
 - a. Meio do mundo na prática religiosa
 - b. Importância da Religião
4. Religiões no Ciclo da Vida
 - a. Idade
 - b. Geração
5. Gênero
 - a. Denominações Religiosas Desagregadas
 - b. Revolução Feminina e Religiosidade
6. Religião e Economia
 - a. Um pouco de Max Weber
 - b. Nível de Escolaridade
 - c. Classes Econômicas
7. Mapas das Religiões
 - a. Católicos e Sem Religião
 - b. Evangélicos
 - c. Outras Religiões
8. Detalhamento da Evolução Religiosa por Grupos Etários
9. Retrospecto de Estudos e Teses de Religiões
10. Conclusão (Resumo)
 - a. Brasil, BRICS e PIIGS
 - b. Será o Brasil exceção à tese weberiana?
 - c. Maioria ainda católica
 - d. Mulheres menos católicas
 - e. Estados e religiões
 - f. Capitais das Religiões
 - g. Classes Econômicas e Religiões

10. Anexos

Anexo 1. Definições Religiosas

- a. Classificação Religiosa
- b. Rankings de Denominações Religiosas

Anexo 2: Religiosidade no Brasil

- a. Rankings Regionais
- b. Perfis

Anexo 3: Dados Globais

- a. Frequência a Culto Religioso – Ranking/Principais
- b. Importância da Religião – Ranking/Principais

11. Bibliografia

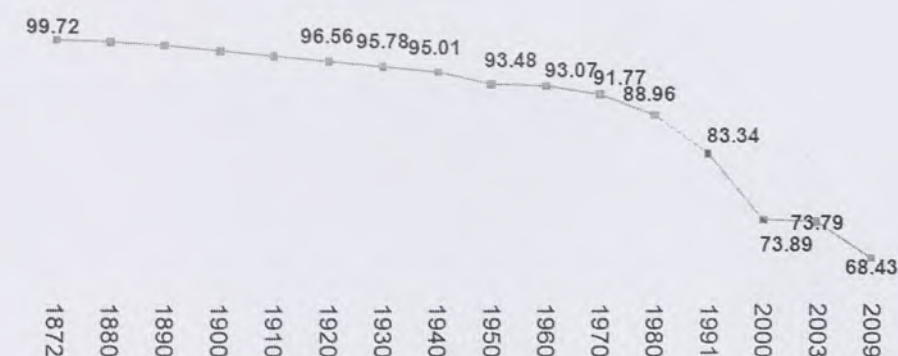
Novo Mapa das Religiões

1. Introdução

a. A Nova Queda Católica

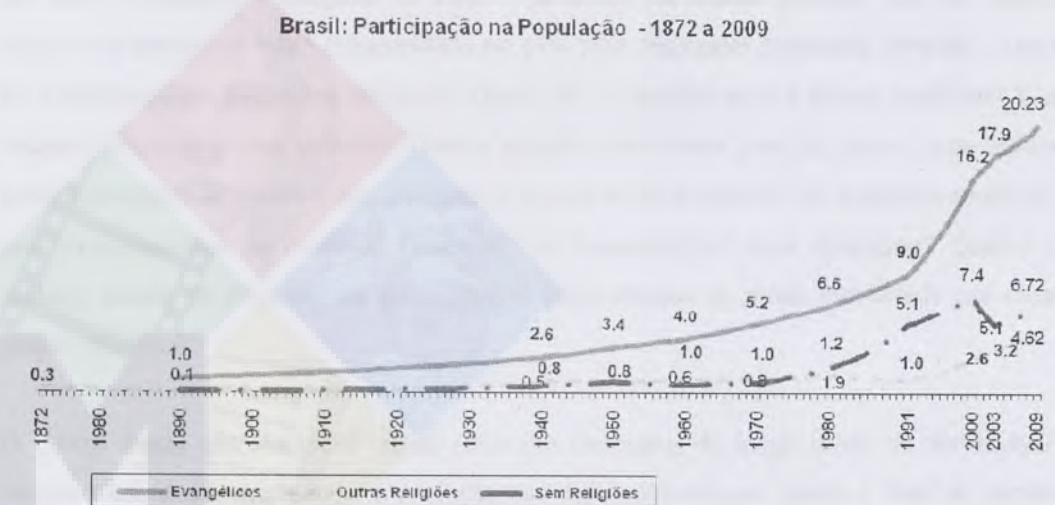
A análise da evolução do conjunto de variáveis sócio-econômicas dos Censos Demográficos de 1991 e 2000, aí incluindo casamentos, fertilidade, ocupação, renda, moradia, acesso a bens de consumo, entre muitas outras, revelam que nenhuma mudou tanto quanto a composição religiosa da população brasileira. O catolicismo que já vinha caindo desde os primeiros registros censitários brasileiros de 1872, cai a taxas aceleradas nos anos 90. O Censo é tradicionalmente a base de dados usada nos estudos acerca da religiosidade do brasileiro, mas as estatísticas referentes ao Censo 2010 ainda não foram disponibilizadas pelo IBGE. Em trabalho de 2007 do CPS demonstrou a partir do processamento de microdados da Pesquisa de Orçamentos Familiares de 2003, também produzida pelo IBGE, que pela primeira vez em mais de um século a proporção de católicos no Brasil parou de cair, mantendo-se estável no primeiro quarto de década, com 73,79% em 2003. De lá para cá pouco se sabe em bases de representatividade nacional o que houve com o catolicismo no Brasil. Este estudo demonstra a partir da nova POF a volta da queda do catolicismo no Brasil chegando a 68,4% em 2009. Esta queda do catolicismo foi dez vezes maior nos anos 1990 e nos últimos seis anos que o secular declínio ocorrido de 1872 a 1970 de 1 ponto percentual por década, conforme o gráfico abaixo ilustra.

Brasil: Participação de Católicos na População - 1872 a 2009



Fonte: CPS/FGV a partir do processamento de dados publicados e microdados do IBGE.

Os evangélicos, incluindo-se tanto os ramos tradicionais quanto pentecostais, seguem a sua trajetória de crescimento, passando de 16,2% para 17,9% nos primeiros anos desta década chegando a 20,2%. Os "sem religião", cuja participação caiu de 7,4% para 5,1% mas sobem para 6,72% em 2009. Ou seja, a religiosidade não esteve em baixa no Brasil na alvorada do novo milênio e, além disso, houve diversificação das crenças alternativas na década passada. As religiões alternativas, que saíram de 2,6% em 2000 para 3,2% em 2003, sofrem particular incremento nos seis anos seguintes, chegando a 4,62% em 2009.



Fonte: CPS/FGV a partir do processamento de dados publicados e microdados do IBGE.

b. Objetivos da Pesquisa

O Centro de Políticas Sociais/FGV divulga aqui dados inéditos sobre o mapa das religiões no Brasil. O levantamento aponta a evolução recente das diferentes crenças para os diversos grupos sócio-demográficos e geográficos brasileiros. O objetivo é oferecer à sociedade o mais completo levantamento estatístico atualizado sobre a presença de diferentes religiões nos recantos do país.

Foram processados microdados inexplorados com mais de 200 mil entrevistas para cada ano sobre composição religiosa no final e no início da década passada que não foram usados em pesquisas sobre religiosidade no país para responder perguntas diversas: 'Qual foi a mudança das diferentes religiões? Quais são os estados mais e menos católicos? E o número de pessoas sem religião? Qual a religião com maior peso na nova classe média brasileira e entre os pobres? Que religião os jovens estão seguindo? As mulheres ainda são mais religiosas que os homens? Quais são as denominações mais femininas? Qual é o ranking aberto de religiões no país? Qual a porcentagem de renda apropriada por cada grupo religioso?'

O "Novo Mapa das Religiões" ainda traça um panorama de longo prazo da diversidade religiosa brasileira, analisando a evolução das diferentes crenças desde o final do século XIX. Oferecemos ainda novos dados comparados entre 156 países sobre a frequência em atividades religiosas e sobre a importância da religião percebida em diferentes nações.

Sítio da Pesquisa

O sítio da pesquisa www.fgv.br/cps/religiao oferece um amplo banco de dados com dispositivos interativos e amigáveis de consulta às informações que permitem a cada um analisar os níveis e as mudanças da religiosidade no país, desde uma perspectiva própria. Ao longo do site, você pode visualizar mapas recentes da religiosidade brasileira, através de rankings regionais e do panorama construído com base nos microdados dos Censos Demográficos e Pesquisas Orçamentárias, que permitem ao usuário analisar também a evolução das diferentes seitas por grupos socioeconômicos e demográficos da população.

Novo Mapa das Religiões



www.fgv.br/cps/religiao

2. A Maior Economia Católica?

“Em oposição aos PIIGS, o Brasil é o católico dos BRICS. Nas suas áreas mais católicas, a renda tem crescido mais.”

O Brasil não é só o país com o maior contingente de católicos do mundo, como é o emergente católico dos BRICS. Entre os 27 estados da União Europeia em crise, o grupo dos PIIGS (Portugal, Irlanda, Itália, Grécia e Espanha (Spain)) é essencialmente católico. Como reflexo do estado da economia, em Madrid, ocorreram uma série de protestos contra os custos da jornada. Se Max Weber fosse vivo, talvez visse na crise econômica atual, a confirmação de sua tese sobre a ética protestante e o espírito do capitalismo, publicada nos idos do século XX.

A França, a maior economia católica do mundo passou por um ataque especulativo na origem da instabilidade financeira atual. O Brasil irá, em algum tempo, ultrapassar a França para se tornar também o maior PIB predominantemente católico do mundo. Agora para que a renda nas mãos dos católicos suba ao topo este ponto, a economia vai ter de andar mais rápido do que a queda do catolicismo no país.

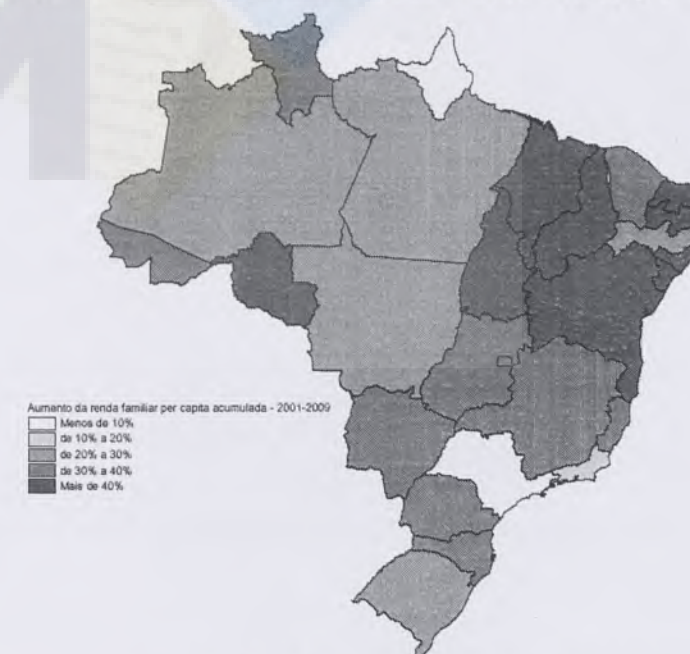
Seria o Brasil dos idos do século XXI exceção à tese weberiana? Como está hoje o catolicismo no país? O catolicismo seguia longa e lenta queda histórica desde os primeiros registros censitários brasileiros de 1872, quando atingia 99,72% na população livre, caindo a taxas aceleradas nos anos 1980s e 1990s – respectivamente as taxas de 0,5 e 1 ponto percentual por ano – reduzindo-se de 89% em 1980 para 83,3% em 1991 e depois para 73,89% em 2000.

O Censo do IBGE é tradicionalmente a base de dados usada nos diversos estudos acerca da religiosidade do brasileiro, mas as estatísticas religiosas do Censo 2010 ainda não estão prontas. Nosso estudo baseado na POF do IBGE demonstrou que a proporção de católicos no Brasil tinha parado de cair, mantendo-se em 73,79% em 2003. A estabilização católica se deu em todas as faixas etárias.

De 2003 para cá as bases ibgeanas não tocaram na religiosidade brasileira. O nosso novo processamento dos microdados da POF 2009 demonstra a volta da queda do catolicismo no Brasil, a um ritmo acelerado, próximo ao da década de 1990 e quase 10 vezes mais rápida que a queda secular entre 1872 e 1980. Chegamos, em 2009, à menor participação de adeptos ao catolicismo em nossa história estatisticamente documentada: 68,43%, correspondendo a 130 milhões de brasileiros. Apesar de mais presente entre os pobres brasileiros (72,8% na classe E), o catolicismo é também mais alto na elite (69,1% nas classes AB), fazendo com que a parcela católica na população seja menor que na renda, 68,7% (R\$ 1,3 trilhão anual).

Se olharmos para dentro do Brasil no período recente, exceções à tese weberiana de inadequação do catolicismo ao crescimento capitalista são a regra. Entre as 27 unidades da federação, os mais católicos são os nordestinos com 74,9% de sua população. Estes estados estão crescendo mais que os demais. De 2001 a 2009 a renda do Nordeste cresceu 41,8% contra 15,8% no Sudeste, a região menos católica, com 64,3% de sua população.

Variação Acumulada da Renda Média por Unidades da Federação - Brasil (2009/2001)



Fonte: CPS/FGV a partir dos microdados da PNAD/IBGE

...de 2001 a 2008, a capital brasileira onde a renda cresceu mais foi Teresina, com 56,2%, e a periferia das grandes metrópoles, isto é, contando todos os municípios da metrópole menos a capital, onde a renda cresceu mais foi na periferia da Grande Fortaleza. Em suas respectivas categorias geográficas, isto é, capital dos estados e periferia metropolitana, as primeiras são as mais católicas do país com 80,7% e 74,3%, respectivamente. Ou seja, a economia cresce onde o catolicismo ainda viceja.

...de 2001 a 2008, a capital brasileira onde a renda cresceu mais foi Teresina, com 56,2%, e a periferia das grandes metrópoles, isto é, contando todos os municípios da metrópole menos a capital, onde a renda cresceu mais foi na periferia da Grande Fortaleza. Em suas respectivas categorias geográficas, isto é, capital dos estados e periferia metropolitana, as primeiras são as mais católicas do país com 80,7% e 74,3%, respectivamente. Ou seja, a economia cresce onde o catolicismo ainda viceja.

...de 2001 a 2008, a capital brasileira onde a renda cresceu mais foi Teresina, com 56,2%, e a periferia das grandes metrópoles, isto é, contando todos os municípios da metrópole menos a capital, onde a renda cresceu mais foi na periferia da Grande Fortaleza. Em suas respectivas categorias geográficas, isto é, capital dos estados e periferia metropolitana, as primeiras são as mais católicas do país com 80,7% e 74,3%, respectivamente. Ou seja, a economia cresce onde o catolicismo ainda viceja.



CEDIM

3.7 Crescimento econômico

Indo aos níveis sub-estaduais, de 2001 a 2008, a capital brasileira onde a renda cresceu mais foi Teresina, com 56,2%, e a periferia das grandes metrópoles, isto é, contando todos os municípios da metrópole menos a capital, onde a renda cresceu mais foi na periferia da Grande Fortaleza. Em suas respectivas categorias geográficas, isto é, capital dos estados e periferia metropolitana, as primeiras são as mais católicas do país com 80,7% e 74,3%, respectivamente. Ou seja, a economia cresce onde o catolicismo ainda viceja.



...de 2001 a 2008, a capital brasileira onde a renda cresceu mais foi Teresina, com 56,2%, e a periferia das grandes metrópoles, isto é, contando todos os municípios da metrópole menos a capital, onde a renda cresceu mais foi na periferia da Grande Fortaleza. Em suas respectivas categorias geográficas, isto é, capital dos estados e periferia metropolitana, as primeiras são as mais católicas do país com 80,7% e 74,3%, respectivamente. Ou seja, a economia cresce onde o catolicismo ainda viceja.

3. Comparações Internacionais

Independentemente do credo, qual é a importância da religiosidade no Brasil vis a vis outras nações?

a. Meio do mundo na prática religiosa

Em termos de religiosidade ativa, o Brasil está exatamente no meio do ranking global de 156 países, com 50% de sua população freqüentando cultos religiosos de qualquer credo.

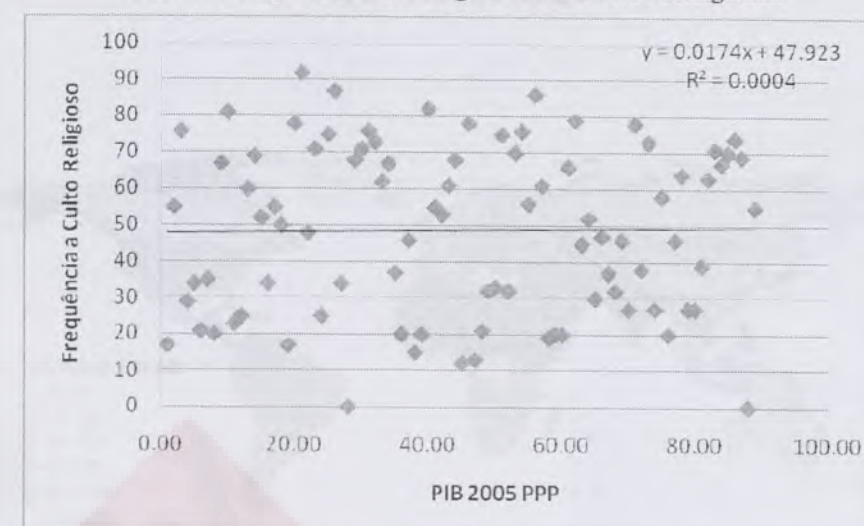
Frequência a Cultos Religiosos



Fonte: CPS/FGV a partir do Gallup World Poll

Neste aspecto não existe qualquer correlação entre freqüência a cultos religiosos e nível de renda.

PIB Per Capita PPP e Frequência a Cultos Religiosos



Fonte: Cps/FGV a partir do Gallup World Poll 2010

A frequência a cultos religiosos no Brasil é maior para mulheres (57%) do que para homens (44%), e de pessoas de idade mais avançada (58% pessoas de mais de 50 anos) do que para jovens (41% pessoas de entre 15 e 24 anos).

b. A Importância da Religião

Ainda na comparação das nações o Brasil está em 60º lugar com 89% de sua população concordando que religião é importante. Note no mapa acima que o Brasil está no grupo de países do sul, em geral de renda mais baixa, como África, Sudeste Asiático e vizinhos latino americanos (fora Argentina, Chile, Equador e Uruguai). Em suma, em países mais pobres, religião parece mais fundamental.

Importância da Religião



Fonte: CPS/FGV a partir do Gallup World Poll

Religião é um produto de exportação brasileiro, menos pela presença da Teologia da Libertação católica e mais pela presença de grupos de evangélicos pentecostais em outros países. Nos últimos anos tive a experiência de ver programas de TV evangélicos brasileiros durante a madrugada em países tão distintos como Índia, México e Nicarágua.

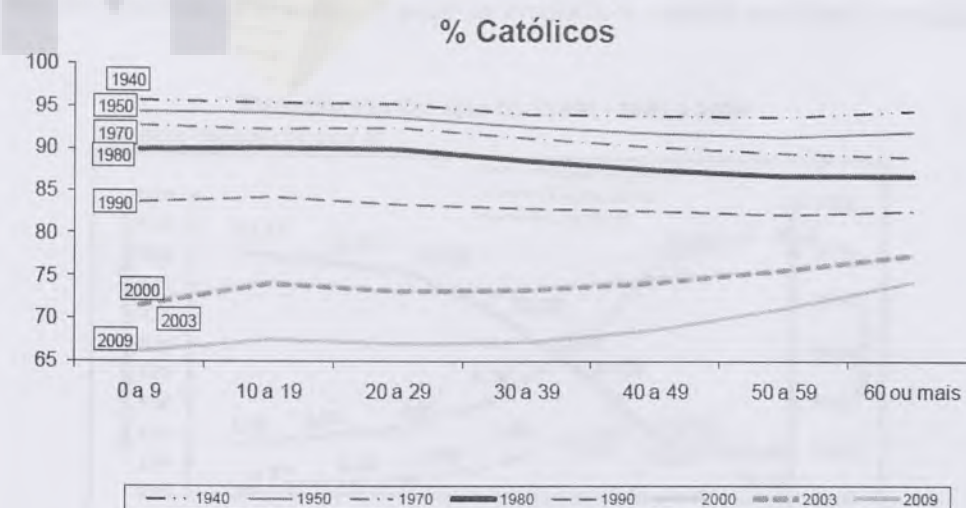
A exemplo da assiduidade aos cultos, a importância dada a religião no Brasil também é maior para mulheres (93%) do que para homens (85%). Assim como para pessoas de idade mais avançada (91% pessoas de mais de 50 anos) do que para jovens (83% pessoas de entre 15 e 24 anos). Estes dois dados refletem o fato que os grupos mais adeptos a religiões como mulheres e idosos, seus respectivos adeptos também conferem maior importância a estas atividades assim como são mais assíduos nas cerimônias religiosas.

4. Religiões no Ciclo da Vida

Apresentamos a seguir análise sucinta das correlações de variáveis sócio-demográficas como sexo e idade e escolhas religiosas. Estas variáveis são de fundamental importância para previsão das tendências religiosas para o futuro.

a. Idade

A interrupção da queda católica entre 2000 e 2003 é visível nas séries para todos os grupos etários - as curvas dos dois anos, de tão sobrepostas, parecem idênticas. Agora, quando analisamos o que houve de lá para cá, ou seja, a evolução recente entre 2003 e 2009, observamos queda na proporção de católicos em todas as faixas etárias. Essa mudança foi menor para os grupos com idade mais avançada (a taxa cai de 77,53% para 74,24% para aquele acima de 60 anos), enquanto nas faixas mais jovens a queda foi maior (a taxa cai de 75,22% para 67,49% na faixa de 15 a 19 anos de idade). Se voltarmos a 1991 os grupos mais jovens, por exemplo de 15 a 19 anos (84,66%) eram mais católicos que aqueles com mais de 60 anos (82,83%) e hoje ocorre o oposto. Isto é, mesmo presente em todos os grupos, a queda do catolicismo é maior entre os jovens, o público-alvo da Jornada Mundial da Juventude que será realizada em 2013 no Rio de Janeiro.

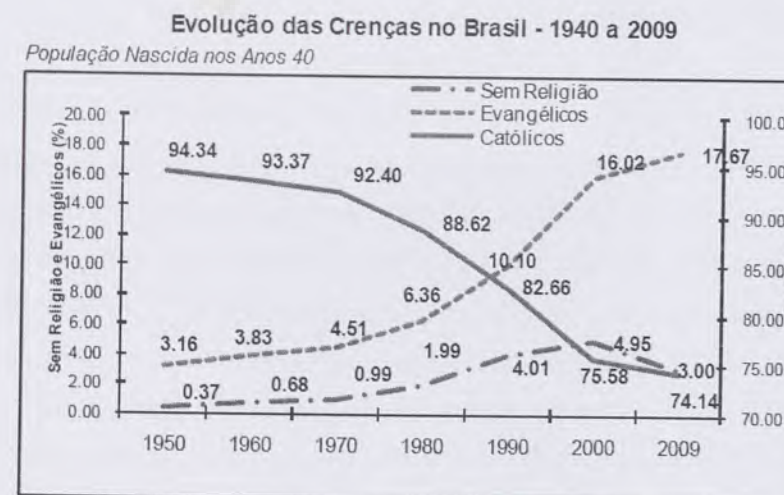


Fonte: CPS/FGV a partir do processamento de dados publicados e microdados do IBGE.

b. Geração

Tão interessante quanto comparar pessoas em idades diferentes em um mesmo ano, ou pessoas com a mesma idade em anos diferentes, é acompanhar a trajetória religiosa de cada geração desde seus primórdios. Isto é, a partir de diversas fotos estatísticas, estamos acompanhando o filme da vida de cada geração. Senão vejamos: a taxa de participação dos sem religião entre os sessentões de 2010 era 3% em 2009, o último ano. Olhando esta geração em 2000, quando as pessoas tinham entre 50 e 59 anos, a falta de religiosidade atingia 4,95%, contra 1,99% em 1980, quando a geração tinha entre 30 a 39 anos, e 0,37% em 1950, quando a mesma tinha entre 0 e 9 anos de idade. Ou seja, a taxa da não religião estava, em geral, aumentando ao longo do ciclo de vida desta geração (com exceção do ultimo período). Estas informações são consistentes com a idéia de que as pessoas se tornam mais religiosas à medida que se aproximam do final de suas vidas.

Analizando os dois maiores grupos religiosos sob a perspectiva geracional, percebemos a queda do catolicismo pelas linhas inclinadas para baixo. Analisando a mesma geração anterior, ou seja, nascidos na década de 40 e encontramos os seguintes índices: a taxa passa de 94,34% em 1940 (quando tinham entre 0 e 9 anos de idade) para 88,62% em 1980 (entre 30 e 39 anos de idade), 75,58% em 2000 (cinquentões) e 74,14% em 2009 (referente àqueles com mais de 60 anos). O grupo de evangélicos caminha em direção contrária.



a. Denominações Religiosas Desagregadas

Num grupo de 25 religiões consideradas abaixo, a predominância relativa das mulheres se dá em 23 delas, segundo a POF 2009. As exceções são dois segmentos do catolicismo: Católica Apostólica Romana e Católica Apostólica Brasileira. Apresentamos abaixo o ranking das religiões mais populares no Brasil para o total da população, para homens e para mulheres. As demais religiões podem ser encontradas no anexo da pesquisa.

Participação Religiosa Total e por Gênero %

	Total	Homens	Mulheres
Católica Apostólica Romana	1 67.84	1 68.32	1 67.38
Igreja Evangélica Assembléia de Deus	2 5.77	2 5.27	2 6.25
Evangélica Sem Vínculo Institucional	3 2.54	3 2.51	3 2.56
Igreja Evangélica Batista	4 2.03	4 1.79	4 2.25
Espírita, Kardecista	5 1.59	6 1.29	5 1.88
Igreja Congregacional Cristã do Brasil	6 1.49	5 1.40	6 1.58
Outras Igrejas Evangélicas Pentecostais	7 1.26	8 1.12	7 1.40
Igreja Universal do Reino de Deus	8 1.05	9 0.81	8 1.27
Religiosidade Não Determinada /Mal Definida	9 1.03	7 1.19	10 0.89
Igreja Evangelho Quadrangular	10 0.89	11 0.75	9 1.03
Igreja Evangélica Adventista do Sétimo Dia	11 0.81	10 0.76	11 0.87
Testemunha de Jeová	12 0.67	12 0.57	12 0.77
Igreja Evangélica Pentecostal Deus é Amor	13 0.55	15 0.43	13 0.66
Igrejas Luteranas	14 0.54	13 0.53	15 0.54
Igreja Evangélica Comunidade Evangélica	15 0.48	16 0.40	14 0.56
Católica Apostólica Brasileira	16 0.47	14 0.48	16 0.47
Igreja Evangélica Presbiteriana	17 0.36	17 0.34	18 0.37
Outros Evangélicos	18 0.32	18 0.26	17 0.38
Religiosidade Cristã Sem Vínculo Institucional	19 0.30	19 0.26	19 0.33
Evangélica Pentecostal Sem Vínculo Institucional	20 0.27	20 0.24	20 0.31
Umbanda	21 0.21	21 0.17	21 0.25
Igreja Evangélica Pentecostal Maranata	22 0.21	22 0.17	22 0.25
Igreja Evangélica Metodista	23 0.16	24 0.15	23 0.17
Igreja Assembléia de Deus Madureira	24 0.15	27 0.13	24 0.16
Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias / Mormons	25 0.14	25 0.14	25 0.14

Fonte: CPS/FGV a partir dos microdados da POF 2008-2009/IBGE

b. Revolução Feminina e Religiosidade

A intuição de que as mulheres são (ou eram) mais católicas que os homens é corroborada pelos dados. Como dissemos anteriormente, a análise da evolução do acervo de variáveis sócio-econômicas e demográficas brasileiras revela que poucas mudaram tanto quanto a escolha religiosa. Talvez a maior rival da transformação religiosa supracitada, em magnitude, sejam as mudanças ocorridas na vida das mulheres, tais como na participação da mulher no mercado de trabalho, nos bancos escolares e nas casas. Como estas mudanças foram acompanhadas nas igrejas e nos hábitos religiosos domésticos? Começamos a nossa análise de transformação religiosa pelo tema da revolução feminina dos últimos 35 anos,

que encerra componentes de costumes e crenças e de inserção econômica para uma divisão simples da sociedade em duas partes. Isto permite fornecer ao leitor uma visão panorâmica do tipo de abordagem perseguida ao longo do resto do texto para outros temas.

Existe uma associação entre mudança de religião e a chamada revolução feminina, em particular a ascensão econômica feminina. As mulheres são hoje, assim como historicamente, mais religiosas que os homens: 5% delas não possuem crença, contra 8,52% deles. Em 1940, essas taxas de mulheres e homens eram 0,17% e 0,25% respectivamente.

Gênero e Mudanças nos Grandes Grupos Religiosos								
Categoria	Ano	Todos	Sem Religião	Católico	Evangélica Pentecostal	Evangélica (Outras)	Espiritualista	Outras
Masculino	1991	100	5,65	83,97	4,99	3,61	0,97	0,8
	2000	100	9,02	74,37	9,74	3,95	1,12	1,26
	2009	100	8,52	68,92	11,28	6,97	1,33	2,89
Feminino	1991	100	3,87	83,31	6,17	4,38	1,27	0,99
	2000	100	5,74	73,44	12,22	4,86	1,56	1,52
	2009	100	5	67,96	14,17	7,94	1,96	2,89

Fonte: CPS/FGV a partir dos microdados do Censo 1991 e 2000 e da POF 2009.

Apesar de menos religiosos, eles são hoje mais católicos do que elas, invertendo a relação observada 70 anos antes. Ou seja, os homens migraram mais para não religiosidade neste longo período de tempo e as mulheres para religiões alternativas. Isso já pode ser visto há algum tempo. Hoje, entre quem professa algum credo, isto é retirando os/as sem religião da amostra, 71,6% das mulheres são católicas contra 75,4% dos homens. Mas, em 1940 a ordenação destas taxas entre sexos era invertida, correspondendo a 96% e 95%, respectivamente. Em suma, hoje (e em 1940) as mulheres são mais religiosas que os homens, mas os homens são mais católicos que as mulheres.

Por que as mulheres optam hoje mais intensamente que os homens por crenças alternativas ao catolicismo dominante? Tal como em "A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo", poderíamos observar afinidades eletivas entre as inovações nas escolhas e estruturas

religiosas, de um lado, e as mudanças sociais e econômicas das mulheres de outro. A tese weberiana original é de que a ética - culpa - católica inibiria a acumulação de capital e a divisão do trabalho, motores do desenvolvimento capitalista. Similarmente, a ética católica estaria sendo trocada por outras mais em linha com a emancipação feminina em curso. A taxa de adesão a religiões alternativas ao catolicismo em 2009 é: (i) a de evangélicos pentecostais é de 14,17% (contra 11,28% dos homens); (ii) a de outros evangélicos é de 7,94% (contra 6,97% dos homens) e (iii) a de demais religiões é de 4,85% (contra 4,22% dos homens)¹.

Questões centrais para as mulheres de hoje, como contracepção, divórcio e aborto são tabus para a Igreja Católica, que tampouco incentivou sua conquista profissional. A independência feminina conquistada nas últimas décadas foi acompanhada por uma revolução de costumes. Enquanto os homens abandonaram as crenças, as mulheres trocaram de crença, preservando mais que eles a religiosidade. O catolicismo é patriarcal, já a religiosidade é mais feminina na associação captada pelas pesquisas aqui analisadas como na assiduidade (57% delas freqüentam cultos religiosos em geral contra 44% deles).

¹ As igrejas pentecostais não valorizam uma atuação moderna da mulher, mas de qualquer forma dialogam com a questão, de forma diferente da religião católica.

6. Religião e Economia

a. Um pouco de Max Weber

Max Weber e seu seminal "A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo", que recém-celebrou um século da sua primeira edição de 1905, constituem a referência seminal da literatura da ligação entre religião e economia. Weber procura explicar o maior desenvolvimento capitalista nos países de confissão protestante nos séculos XIX e a maior proporção de protestantes entre empresários e a mão-de-obra mais qualificada. A tese de Weber era que o estilo de vida católico jogava para outra vida a conquista da felicidade. A culpa católica inibiria a acumulação de capital e lógica da divisão do trabalho, motores fundamentais do desenvolvimento capitalista. A predisposição ao trabalho mundano e ao estudo também não seriam vantagens comparativas da ética católica. Recorrendo a um ditado da época: "entre bem comer ou bem dormir, há que escolher", segundo Weber "o protestante quer comer bem enquanto o católico quer dormir sossegado". Weber ressalta a importância da reforma protestante no desenvolvimento capitalista, não como um esquema causal, mas como um sistema de adoção de afinidades eletivas entre as inovações nas estruturas religiosas e econômicas.

Será a tese Weberiana aderente ao contexto brasileiro? Em primeiro lugar, a parcela de empregadores está sub-representada nas religiões emergentes: 5,9% dos sem religião e 11,3% dos evangélicos contra 7,4% e 16,2% da participação destas religiões na população. Em segundo lugar, tomemos o exemplo citado por ele de maior adesão em Baden durante 1895 ao ensino superior pelas novas crenças protestantes de então. No caso brasileiro contemporâneo, as crenças emergentes possuem uma menor presença na população com pelo menos nível superior incompleto (população total): 6,5% nos sem religião e 10,3% nos evangélicos. Cabe lembrar o papel da educação como o principal determinante observável dos diferenciais de renda brasileiros. Finalmente, comparamos o rendimento de pessoas de diferentes religiões, mas iguais atributos socioeconômicos². Este exercício revela que a renda familiar per capita de evangélicos e sem religião são 6,9% e 6%, respectivamente,

² Ai incluímos sexo, cor, unidade da federação, seis tamanhos de cidade e polinômios para idade e educação.

níveis inferiores aos dos católicos. Similarmente, os diferenciais da renda do trabalho principal são 2,6% e 1% menores, também contradizendo a mera transposição da hipótese weberiana ao contexto tupiniquim atual.

b. Nível de Escolaridade

A religiosidade é menor nos grupos extremos do espectro educacional, sendo 7,27% na cauda inferior (aqueles com até 3 anos de estudos) e 7,46% na superior (para os que possuem 12 anos ou mais). Na adesão às diferentes seitas, o catolicismo, assim como o grupo de evangélicos pentecostais, estão relativamente mais presentes entre os menos educados: para aqueles que possuem até 7 anos de estudos as taxas de adesão a estas são 69,83% e 13,63%, respectivamente. Diferente das seitas pentecostais, as evangélicas tradicionais se destacam nos níveis mais altos de educação (8,7% para aqueles com mais de 8 anos de estudo). A escolha por outras religiões também é mais presente no extremo mais alto de educação - 10,23% dos que tem 12 anos de estudo são adeptos a outras seitas (sendo 6,04% adeptos ao espiritualismo).

	Sem religião	Católicos	Evangélica Pentecostal	Outras Evangélicas	Espiritualista	Outras Agregadas (Inclui Afro, Orinetais e Outras)	Sem Info
Anos de estudo							
Sem instrução ou até 3 anos	7.27%	69.95%	13.62%	6.18%	0.59%	2.27%	0.12%
4 a 7	5.90%	69.68%	13.63%	7.26%	0.88%	2.61%	0.04%
8 a 11	6.51%	66.30%	13.01%	8.70%	2.01%	3.40%	0.07%
12 ou mais	7.46%	66.90%	6.70%	8.62%	6.04%	4.19%	0.09%

Fonte: CPS/FGV a partir dos microdados da POF 2009/IBGE

Apresentamos a seguir uma visão mais detalhada em termos educacionais sobre a adesão às diferentes religiões. O dado que salta mais aos olhos é a alta presença de pessoas com mestrado e doutorado sem religião, chamados neste caso de agnósticos.

	Sem religião	Católicos	Evangélica Pentecostal	Outras Evangélicas	Espiritualista	Outras Agregadas (Inclui Afro, Orinetais e Outras)	Sem Info
Sem Instrução	9.94%	69.21%	12.56%	5.45%	0.53%	1.99%	0.31%
Creche	10.46%	61.73%	16.27%	8.27%	1.05%	2.17%	0.05%
Pré-Escolar	8.17%	65.28%	13.86%	8.48%	1.11%	3.09%	0.02%
Classe de Alfabetização de crianças	8.78%	65.72%	13.41%	8.73%	0.28%	3.09%	0.00%
Alfabetização de adultos	2.13%	79.12%	12.47%	4.20%	0.26%	1.69%	0.13%
Ensino fundamental	5.86%	70.01%	13.58%	6.91%	0.96%	2.64%	0.04%
Ensino médio	6.65%	65.86%	13.42%	8.79%	1.87%	3.33%	0.08%
Tecnologia	5.04%	65.47%	10.93%	5.53%	3.47%	9.42%	0.14%
Pré-Vestibular	5.49%	64.60%	14.76%	9.11%	4.74%	1.30%	0.00%
Superior	7.19%	66.12%	7.26%	9.64%	5.70%	4.01%	0.08%
Especialização superior	7.33%	69.77%	4.20%	7.47%	6.95%	4.11%	0.17%
Mestrado ou doutorado	17.40%	60.81%	5.01%	5.63%	6.96%	4.19%	0.00%

Fonte: CPS/FGV a partir dos microdados da POF 2009/IBGE

c. Classes Econômicas

Grandes grupos religiosos

Os dados de classes econômicas mostram a classe E como a menos religiosa de todas (7,72% não possuem religião). A taxa de ateísmo é menor nas classes intermediárias, atingindo o seu menor nível na classe C, onde 5,73% da população não possui religião, e sobe para 6,91% na AB. Na faixa mais alta, os sem religião se denominam agnósticos.

Analisando agora a economia das religiões a partir da adesão às diferentes seitas: o catolicismo se faz mais presente nos níveis extremos do espectro de renda (72,76% e 69,07% nas classes E e AB, respectivamente), enquanto que as seitas evangélicas pentecostais atingem os níveis intermediários inferiores da distribuição de renda, sendo 15,34%, na classe D, ou 2,4 vezes mais do que na AB (6,29%).

2009

	Sem religião	Católicos	Evangélica Pentecostal	Outras Evangélicas	Espiritualista	Outras Agregadas (Inclui Afro, Orientais e Outras)	Ignorado	Afro-brasileira	Orientais ou Asiáticas	Outras
Total	6.72%	68.43%	12.76%	7.47%	1.65%	2.89%	0.08%	0.35%	0.31%	2.23%
Classe social										
Classe E	7.72%	72.76%	12.51%	4.69%	0.33%	1.91%	0.06%	0.16%	0.05%	1.70%
Classe D	7.64%	66.81%	15.34%	6.95%	0.70%	2.48%	0.08%	0.32%	0.07%	2.09%
Classe C	5.73%	67.41%	12.84%	8.72%	1.88%	3.35%	0.07%	0.41%	0.36%	2.58%
Classe AB	6.91%	69.07%	6.29%	8.35%	5.52%	3.73%	0.12%	0.48%	1.23%	2.02%

Fonte: CPS/FGV a partir dos microdados da POF/IBGE

2003

	Sem religião	Católicos	Evangélica Pentecostal	Outras Evangélicas	Espiritualista	Outras Agregadas (Inclui Afro, Orientais e Outras)	Ignorado	Afro-brasileira	Orientais ou Asiáticas	OUTRAS
Total	5.13%	73.79%	12.49%	5.39%	1.50%	1.56%	0.15%	0.23%	0.30%	1.03%
Classe social										
Classe E	6.29%	76.85%	12.32%	3.16%	0.26%	0.96%	0.14%	0.23%	0.03%	0.70%
Classe D	5.06%	72.24%	14.98%	5.83%	0.54%	1.09%	0.25%	0.14%	0.09%	0.86%
Classe C	4.04%	72.51%	12.27%	6.79%	2.16%	2.15%	0.08%	0.24%	0.50%	1.41%
Classe AB	6.19%	74.14%	5.58%	5.39%	6.06%	2.54%	0.10%	0.47%	1.07%	1.00%

Fonte: CPS/FGV a partir dos microdados da POF/IBGE

A tabela mostra que os evangélicos tradicionais estão mais concentrados na faixa AB (8,35%) C (8,72%), e tendem a diminuir à medida que andamos desta classe em direção aos níveis mais baixos de renda, atingindo 4,69% da classe E.

Finalmente, a taxa de adesão a outras religiões cai monotonicamente de 9,25% na classe AB para 2,24% na E. Seitas espíritas ou espiritualistas chegam a 5,52% da população na classe AB, sendo o segundo grupo neste segmento atrás dos católicos. Estes dados, tomados a valor de face, indicam que pertencer a uma religião alternativa corresponde a

Classe	Religião	Porcentagem
E	Sem religião	7,72%
AB	Sem religião	6,91%
D	Assembléia de Deus	8,09%
C	Batista	3,51%
AB	Batista	2,66%
E	Espírita	0,31%
AB	Espírita	5,25%

Classe	Religião	Porcentagem
E	Sem religião	7,72%
AB	Sem religião	6,91%
D	Assembléia de Deus	8,09%
C	Batista	3,51%
AB	Batista	2,66%
E	Espírita	0,31%
AB	Espírita	5,25%



consumir um serviço de luxo. A fim de permitir uma análise mais detalhada das classes econômicas e religião, abrimos as 60 denominações mais importantes por classe de renda.

Classes e Denominações Religiosas Desagregadas

Olhando os dados de forma diferente procurando detalhar da realizada acima, buscando aqui as classes mais importantes nas diferentes denominações religiosas. Senão vejamos: entre os sem religião, a classe E sobressai como a mais importante de todas as classes (7,72% dos pobres não possuem religião), seguida do topo da distribuição da classe AB (6,91% na AB). Entre os Católicos Apostólicos Romanos os pontos mais altos também estão nos extremos da distribuição de renda, sendo 72,37% dos pobres e 68,58% nas classes AB. A classe econômica mais importante para a segunda denominação mais importante os a Assembléia de Deus pertencente aos evangélicos pentecostais é a classe D (8,09%), seguida dos pobres. Já a denominação Batista pertencente as evangélicas tradicionais ou de missão estão mais concentradas na nova classe média (classe C 3,51%), e na classe AB (2,66%) diminuindo nos níveis mais baixos de renda. Finalmente, a taxa de adesão a religião Espírita sobe monotonicamente com a renda (de 0,31% na classe E para 5,25% na classe AB correspondendo a segunda corrente religiosa isolada nesta faixa econômica).

Apresentamos mais abaixo a composição em 2003 da estrutura de classes como o ranking da variação da parcela na população entre 2003 e 2009 das diferentes denominações religiosas desagregadas.

Classe	Religião	Porcentagem
E	Sem religião	7,72%
AB	Sem religião	6,91%
D	Assembléia de Deus	8,09%
C	Batista	3,51%
AB	Batista	2,66%
E	Espírita	0,31%
AB	Espírita	5,25%



R	Pop	Classes econômicas								
		R	E	R	D	R	C	R	AB	
TOTAL	100	100	100	100	100	100	100	100	100	
SEM RELIGIÃO	6.72	7.72	7.64	5.73	6.91					
CATÓLICA APOSTÓLICA ROMANA	1	67.94	1	72.37	1	66.35	1	66.85	1	68.58
EVANGÉLICA DE ORIGEM PENTECOSTAL ASSEMBLÉIA DE DEUS	2	5.93	2	7.07	2	8.09	2	5.09	5	2.06
EVANGÉLICA NÃO DETERMINADA	3	2.95	3	1.84	3	2.88	3	3.51	3	2.66
EVANGÉLICA DE MISSÃO BATISTA	4	2.27	4	1.52	4	2.12	4	2.63	4	2.51
ESPÍRITA	5	1.59	15	0.31	12	0.69	6	1.82	2	5.25
EVANGÉLICA DE ORIGEM PENTECOSTAL CONGREGACIONAL CRISTÃ DO	6	1.49	7	0.98	7	1.22	5	1.92	7	1.22
OUTRAS IGREJAS EVANGÉLICAS DE ORIGEM PENTECOSTAL	7	1.26	6	1.04	5	1.26	7	1.45	9	0.84
EVANGÉLICA DE ORIGEM PENTECOSTAL UNIVERSAL DO REINO DE DEUS	8	1.05	5	1.12	6	1.24	9	1.04	15	0.48
NÃO DETERMINADA	9	1.03	8	0.95	8	1.12	10	1.04	8	0.96
EVANGÉLICA DE ORIGEM PENTECOSTAL EVANGELHO QUADRANGULAR	10	0.90	11	0.65	10	0.91	8	1.06	13	0.59
EVANGÉLICA DE MISSÃO ADVENTISTA	11	0.86	9	0.81	11	0.88	11	0.92	12	0.62
EVANGÉLICOS TESTEMUNHA DE JEOVÁ	12	0.67	13	0.36	13	0.54	12	0.88	11	0.62
EVANGÉLICA DE ORIGEM PENTECOSTAL DEUS É AMOR	13	0.55	10	0.69	9	0.94	17	0.38	45	0.00
EVANGÉLICA DE MISSÃO PRESBITERIANA	14	0.54	19	0.19	16	0.41	15	0.60	6	1.26
EVANGÉLICA DE MISSÃO LUTERANA	15	0.54	23	0.10	18	0.33	13	0.78	10	0.77
EVANGÉLICA DE ORIGEM PENTECOSTAL COMUNIDADE EVANGÉLICA	16	0.53	14	0.34	17	0.40	14	0.73	19	0.34
CATÓLICA APOSTÓLICA BRASILEIRA	17	0.47	12	0.39	15	0.45	16	0.54	17	0.43
EVANGÉLICA PENTECOSTAL SEM VÍNCULO INSTITUCIONAL	18	0.33	16	0.28	14	0.47	19	0.31	28	0.13
RELIGIOSIDADE CRISTÃ SEM VÍNCULO INSTITUCIONAL	19	0.30	18	0.20	20	0.24	18	0.38	23	0.22
EVANGÉLICA DE MISSÃO METODISTA	20	0.22	17	0.21	21	0.23	24	0.17	16	0.45
UMBANDA	21	0.21	22	0.10	23	0.22	20	0.25	21	0.27
EVANGÉLICA DE ORIGEM PENTECOSTAL MARANATA	22	0.21	21	0.11	19	0.27	21	0.23	25	0.19
BUDISMO	23	0.15	36	0.02	33	0.03	23	0.19	14	0.50
IGREJA DE JESUS CRISTO DOS SANTOS DOS ÚLTIMOS DIAS	24	0.14	20	0.12	26	0.10	22	0.20	35	0.04
CANDOMBLÉ	25	0.13	25	0.06	25	0.10	25	0.17	24	0.19
EVANGÉLICA DE ORIGEM PENTECOSTAL O BRASIL PARA CRISTO	26	0.11	26	0.06	22	0.22	29	0.10	43	0.01
EVANGÉLICA DE ORIGEM PENTECOSTAL NOVA VIDA	27	0.10	32	0.03	35	0.02	26	0.16	30	0.12
NOVAS RELIGIÕES ORIENTAIS	28	0.09	44	0.00	34	0.02	27	0.12	20	0.27
EVANGÉLICA DE ORIGEM PENTECOSTAL COMUNIDADE CRISTÃ	29	0.08	35	0.02	24	0.11	30	0.10	33	0.05
IGNORADO	30	0.08	24	0.06	27	0.08	33	0.07	29	0.12
TRADIÇÕES ESOTÉRICAS	31	0.07	33	0.03	30	0.08	34	0.07	27	0.16
EVANGÉLICA DE ORIGEM PENTECOSTAL IGREJA DO NAZARENO	32	0.07	37	0.02	37	0.02	28	0.11	26	0.16
EVANGÉLICA DE MISSÃO CONGREGACIONAL	33	0.07	31	0.03	28	0.08	31	0.08	31	0.07
JUDAÍSMO	34	0.07	30	0.03	36	0.02	36	0.05	18	0.34
EVANGÉLICA DE ORIGEM PENTECOSTAL CASA DA BENÇÃO	35	0.06	29	0.04	31	0.06	32	0.08	34	0.05
ESPIRITUALISTA	36	0.06	34	0.02	38	0.01	35	0.06	22	0.27
EVANGÉLICA DE ORIGEM PENTECOSTAL CASA DE ORAÇÃO	37	0.04	28	0.04	29	0.08	39	0.02	42	0.01
EVANGÉLICA RENOVADA SEM VÍNCULO INSTITUCIONAL	38	0.03	41	0.01	32	0.03	37	0.04	47	0.00
EVANGÉLICA DE ORIGEM PENTECOSTAL AVIVAMENTO BÍBLICO	39	0.02	39	0.01	45	0.00	38	0.03	38	0.03
TRADIÇÕES INDÍGENAS	40	0.01	27	0.04	41	0.00	45	0.01	40	0.02
CATÓLICA ORTODOXA	41	0.01	42	0.00	42	0.00	41	0.01	32	0.06
EVANGÉLICA DE MISSÃO EPISCOPAL ANGLICANA	42	0.01	45	0.00	47	0.00	40	0.02	46	0.00
ISLAMISMO	43	0.01	46	0.00	48	0.00	44	0.01	39	0.03
EXÉRCITO DA SALVAÇÃO	44	0.01	47	0.00	40	0.00	42	0.01	48	0.00
EVANGÉLICA DE MISSÃO MENONITA	45	0.01	38	0.01	39	0.01	46	0.00	49	0.00
ORTODOXA CRISTÃ	46	0.00	48	0.00	44	0.00	43	0.01	44	0.01
OUTRAS RELIGIÕES ORIENTAIS	47	0.00	43	0.00	46	0.00	49	0.00	36	0.04
HINDUÍSMO	48	0.00	49	0.00	49	0.00	50	0.00	37	0.04
EVANGÉLICA DE ORIGEM PENTECOSTAL CADEIA DA PRECE	49	0.00	40	0.01	43	0.00	48	0.00	51	0.00
OUTRAS DECLARAÇÕES DE RELIGIOSIDADE AFRO-BRASILEIRA	50	0.00	50	0.00	50	0.00	51	0.00	41	0.02
LBV / RELIGIÃO DE DEUS	51	0.00	51	0.00	51	0.00	47	0.00	50	0.00
OUTRAS CATÓLICAS	52	0.00	52	0.00	52	0.00	52	0.00	52	0.00

**Variação dos Diferentes Denominações Religiosas
2003 a 2009**

Diferença
2003 a
2009 em
pontos
Percentuais

1 SEM RELIGIÃO	1.59
2 EVANGÉLICA DE ORIGEM PENTECOSTAL ASSEMBLÉIA DE DEUS	0.87
3 EVANGÉLICA DE ORIGEM PENTECOSTAL COMUNIDADE EVANGÉLICA	0.49
4 CATÓLICA APOSTÓLICA BRASILEIRA	0.44
5 OUTRAS IGREJAS EVANGÉLICAS DE ORIGEM PENTECOSTAL	0.22
6 EVANGÉLICA DE MISSÃO BATISTA	0.21
7 ESPÍRITA	0.15
8 RELIGIOSIDADE CRISTÃ SEM VÍNCULO INSTITUCIONAL	0.14
9 EVANGÉLICA DE MISSÃO ADVENTISTA	0.10
10 EVANGÉLICA DE MISSÃO METODISTA	0.09
11 IGREJA DE JESUS CRISTO DOS SANTOS DOS ÚLTIMOS DIAS	0.08
12 EVANGÉLICOS TESTEMUNHA DE JEOVÁ	0.07
13 CANDOMBLÉ	0.07
14 UMBANDA	0.05
15 TRADIÇÕES ESOTÉRICAS	0.05
16 EVANGÉLICA DE ORIGEM PENTECOSTAL MARANATA	0.05
17 EVANGÉLICA DE ORIGEM PENTECOSTAL COMUNIDADE CRISTÃ	0.04
18 JUDAÍSMO	0.04
19 EVANGÉLICA DE ORIGEM PENTECOSTAL NOVA VIDA	0.04
20 EVANGÉLICA DE ORIGEM PENTECOSTAL IGREJA DO NAZARENO	0.03
21 EVANGÉLICA DE ORIGEM PENTECOSTAL EVANGELHO QUADRANGULAR	0.03
22 EVANGÉLICA RENOVADA SEM VÍNCULO INSTITUCIONAL	0.03
23 CATÓLICA ORTODOXA	0.01
24 ESPIRITUALISTA	0.01
25 BUDISMO	0.00
26 OUTRAS RELIGIÕES ORIENTAIS	0.00
27 EXÉRCITO DA SALVAÇÃO	0.00
28 HINDUÍSMO	0.00
29 ISLAMISMO	0.00
30 OUTRAS DECLARAÇÕES DE RELIGIOSIDADE AFRO-BRASILEIRA	0.00
31 EVANGÉLICA PENTECOSTAL SEM VÍNCULO INSTITUCIONAL	0.00
32 EVANGÉLICA DE ORIGEM PENTECOSTAL CADEIA DA PRECE	0.00
33 EVANGÉLICA DE MISSÃO EPISCOPAL ANGLICANA	0.00
34 ORTODOXA CRISTÃ	0.00
35 LBV / RELIGIÃO DE DEUS	-0.01
36 EVANGÉLICA DE MISSÃO MENONITA	-0.01
37 EVANGÉLICA DE ORIGEM PENTECOSTAL CASA DE ORAÇÃO	-0.01

38	TRADIÇÕES INDÍGENAS	-0.01
39	EVANGÉLICA DE ORIGEM PENTECOSTAL AVIVAMENTO BÍBLICO	-0.01
40	OUTRAS CATÓLICAS	-0.02
41	EVANGÉLICA DE MISSÃO CONGREGACIONAL	-0.03
42	NOVAS RELIGIÕES ORIENTAIS	-0.04
43	EVANGÉLICA DE ORIGEM PENTECOSTAL O BRASIL PARA CRISTO	-0.04
44	EVANGÉLICA DE ORIGEM PENTECOSTAL DEUS É AMOR	-0.05
45	EVANGÉLICA DE ORIGEM PENTECOSTAL CASA DA BENÇÃO	-0.07
46	EVANGÉLICA DE MISSÃO PRESBITERIANA	-0.14
47	EVANGÉLICA DE ORIGEM PENTECOSTAL CONGREGACIONAL CRISTÃ DO BRASIL	-0.31
48	EVANGÉLICA DE ORIGEM PENTECOSTAL UNIVERSAL DO REINO DE DEUS	-0.47
49	EVANGÉLICA DE MISSÃO LUTERANA	-0.92
50	CATÓLICA APOSTÓLICA ROMANA	-5.78

Classes de Renda e Denominações Religiosas %
Em 2003

	População	Classes Econômicas			
	TOTAL	E	D	C	AB
Total	100	100	100	100	100
SEM RELIGIÃO	5.13	6.29	5.06	4.04	6.19
CATÓLICA APOSTÓLICA ROMANA	73.72	76.75	72.19	72.46	73.95
CATÓLICA APOSTÓLICA BRASILEIRA	0.04	0.05	0.02	0.03	0.06
CATÓLICA ORTODOXA	0.01	0.00	0.00	0.00	0.07
ORTODOXA CRISTÃ	0.01	0.00	0.00	0.01	0.06
OUTRAS CATÓLICAS	0.02	0.04	0.03	0.00	0.00
EVANGÉLICA DE MISSÃO LUTERANA	1.45	0.81	1.60	1.87	1.30
EVANGÉLICA DE MISSÃO PRESBITERIANA	0.68	0.35	0.67	0.89	0.92
EVANGÉLICA DE MISSÃO METODISTA	0.13	0.05	0.12	0.18	0.17
EVANGÉLICA DE MISSÃO BATISTA	2.07	1.20	2.30	2.54	2.18
EVANGÉLICA DE MISSÃO CONGREGACIONAL	0.10	0.02	0.13	0.13	0.12
EVANGÉLICA DE MISSÃO ADVENTISTA	0.76	0.62	0.78	0.91	0.59
EVANGÉLICA DE MISSÃO EPISCOPAL ANGLICANA	0.01	0.00	0.00	0.02	0.06
EVANGÉLICA DE MISSÃO MENONITA	0.01	0.01	0.01	0.01	0.00
EXÉRCITO DA SALVAÇÃO	0.00	0.00	0.00	0.00	0.00
EVANGÉLICA DE ORIGEM PENTECOSTAL ASSEMBLÉIA DE DEUS	5.06	6.62	5.94	4.06	1.08
EVANGÉLICA DE ORIGEM PENTECOSTAL CONGREGACIONAL CRISTÃ DO BRASIL	1.81	1.06	2.37	2.07	1.32
EVANGÉLICA DE ORIGEM PENTECOSTAL O BRASIL PARA CRISTO	0.15	0.04	0.30	0.15	0.04
EVANGÉLICA DE ORIGEM PENTECOSTAL EVANGELHO QUADRANGULAR	0.87	0.58	0.87	1.17	0.46

Religião	2006	2007	2008	2009	2010
EVANGÉLICA DE ORIGEM PENTECOSTAL UNIVERSAL DO REINO DE DEUS	1.52	1.23	1.90	1.57	1.02
EVANGÉLICA DE ORIGEM PENTECOSTAL CASA DA BENÇÃO	0.13	0.18	0.26	0.03	0.00
EVANGÉLICA DE ORIGEM PENTECOSTAL CASA DE ORAÇÃO	0.05	0.04	0.05	0.05	0.01
EVANGÉLICA DE ORIGEM PENTECOSTAL DEUS É AMOR	0.60	0.86	0.78	0.39	0.03
EVANGÉLICA DE ORIGEM PENTECOSTAL MARANATA	0.16	0.04	0.22	0.18	0.32
EVANGÉLICA RENOVADA SEM VÍNCULO INSTITUCIONAL	0.00	0.00	0.00	0.00	0.00
EVANGÉLICA PENTECOSTAL SEM VÍNCULO INSTITUCIONAL	0.33	0.38	0.18	0.46	0.04
EVANGÉLICA DE ORIGEM PENTECOSTAL COMUNIDADE CRISTÃ	0.04	0.03	0.01	0.06	0.10
EVANGÉLICA DE ORIGEM PENTECOSTAL NOVA VIDA	0.06	0.03	0.02	0.09	0.14
EVANGÉLICA DE ORIGEM PENTECOSTAL COMUNIDADE EVANGÉLICA	0.04	0.00	0.04	0.07	0.04
OUTRAS IGREJAS EVANGÉLICAS DE ORIGEM PENTECOSTAL	1.04	0.86	1.51	0.96	0.42
EVANGÉLICA DE ORIGEM PENTECOSTAL AVIVAMENTO BÍBLICO	0.03	0.01	0.01	0.07	0.01
EVANGÉLICA DE ORIGEM PENTECOSTAL CADEIA DA PRECE	0.00	0.00	0.00	0.00	0.00
EVANGÉLICA DE ORIGEM PENTECOSTAL IGREJA DO NAZARENO	0.04	0.01	0.01	0.08	0.02
EVANGÉLICA NÃO DETERMINADA	0.73	0.43	0.71	1.01	0.59
IGREJA DE JESUS CRISTO DOS SANTOS DOS ÚLTIMOS DIAS	0.07	0.05	0.09	0.07	0.05
EVANGÉLICOS TESTEMUNHA DE JEOVÁ	0.60	0.42	0.55	0.84	0.27
LBV / RELIGIÃO DE DEUS	0.01	0.00	0.00	0.01	0.00
ESPIRITUALISTA	0.05	0.00	0.04	0.04	0.34
ESPÍRITA	1.44	0.26	0.50	2.12	5.72
UMBANDA	0.16	0.20	0.10	0.14	0.34
CANDOMBLÉ	0.07	0.04	0.04	0.10	0.13
OUTRAS DECLARAÇÕES DE RELIGIOSIDADE AFRO-BRASILEIRA	0.00	0.00	0.00	0.00	0.00
JUDAÍSMO	0.03	0.02	0.00	0.03	0.16
HINDUÍSMO	0.00	0.00	0.00	0.00	0.00
BUDISMO	0.14	0.01	0.03	0.22	0.60
NOVAS RELIGIÕES ORIENTAIS	0.13	0.00	0.06	0.24	0.30
OUTRAS RELIGIÕES ORIENTAIS	0.00	0.00	0.00	0.00	0.00
ISLAMISMO	0.00	0.00	0.00	0.01	0.01
TRADIÇÕES ESOTÉRICAS	0.02	0.00	0.01	0.04	0.07
TRADIÇÕES INDÍGENAS	0.02	0.02	0.01	0.04	0.00
RELIGIOSIDADE CRISTÃ SEM VÍNCULO INSTITUCIONAL	0.16	0.15	0.08	0.20	0.22
NÃO DETERMINADA	0.16	0.06	0.12	0.21	0.37
IGNORADO	0.15	0.14	0.25	0.08	0.10

EVANGÉLICA DE ORIGEM PENTECOSTAL UNIVERSAL DO REINO DE DEUS	1.52	1.23	1.90	1.57	1.02
EVANGÉLICA DE ORIGEM PENTECOSTAL CASA DA BENÇÃO	0.13	0.18	0.26	0.03	0.00
EVANGÉLICA DE ORIGEM PENTECOSTAL CASA DE ORAÇÃO	0.05	0.04	0.05	0.05	0.01
EVANGÉLICA DE ORIGEM PENTECOSTAL DEUS É AMOR	0.60	0.86	0.78	0.39	0.03
EVANGÉLICA DE ORIGEM PENTECOSTAL MARANATA	0.16	0.04	0.22	0.18	0.32
EVANGÉLICA RENOVADA SEM VÍNCULO INSTITUCIONAL	0.00	0.00	0.00	0.00	0.00
EVANGÉLICA PENTECOSTAL SEM VÍNCULO INSTITUCIONAL	0.33	0.38	0.18	0.46	0.04
EVANGÉLICA DE ORIGEM PENTECOSTAL COMUNIDADE CRISTÃ	0.04	0.03	0.01	0.06	0.10
EVANGÉLICA DE ORIGEM PENTECOSTAL NOVA VIDA	0.06	0.03	0.02	0.09	0.14
EVANGÉLICA DE ORIGEM PENTECOSTAL COMUNIDADE EVANGÉLICA	0.04	0.00	0.04	0.07	0.04
OUTRAS IGREJAS EVANGÉLICAS DE ORIGEM PENTECOSTAL	1.04	0.86	1.51	0.96	0.42
EVANGÉLICA DE ORIGEM PENTECOSTAL AVIVAMENTO BÍBLICO	0.03	0.01	0.01	0.07	0.01
EVANGÉLICA DE ORIGEM PENTECOSTAL CADEIA DA PRECE	0.00	0.00	0.00	0.00	0.00
EVANGÉLICA DE ORIGEM PENTECOSTAL IGREJA DO NAZARENO	0.04	0.01	0.01	0.08	0.02
EVANGÉLICA NÃO DETERMINADA	0.73	0.43	0.71	1.01	0.59
IGREJA DE JESUS CRISTO DOS SANTOS DOS ÚLTIMOS DIAS	0.07	0.05	0.09	0.07	0.05
EVANGÉLICOS TESTEMUNHA DE JEOVÁ	0.60	0.42	0.55	0.84	0.27
LBV / RELIGIÃO DE DEUS	0.01	0.00	0.00	0.01	0.00
ESPIRITUALISTA	0.05	0.00	0.04	0.04	0.34
ESPÍRITA	1.44	0.26	0.50	2.12	5.72
UMBANDA	0.16	0.20	0.10	0.14	0.34
CANDOMBLÉ	0.07	0.04	0.04	0.10	0.13
OUTRAS DECLARAÇÕES DE RELIGIOSIDADE AFRO-BRASILEIRA	0.00	0.00	0.00	0.00	0.00
JUDAÍSMO	0.03	0.02	0.00	0.03	0.16
HINDUÍSMO	0.00	0.00	0.00	0.00	0.00
BUDISMO	0.14	0.01	0.03	0.22	0.60
NOVAS RELIGIÕES ORIENTAIS	0.13	0.00	0.06	0.24	0.30
OUTRAS RELIGIÕES ORIENTAIS	0.00	0.00	0.00	0.00	0.00
ISLAMISMO	0.00	0.00	0.00	0.01	0.01
TRADIÇÕES ESOTÉRICAS	0.02	0.00	0.01	0.04	0.07
TRADIÇÕES INDÍGENAS	0.02	0.02	0.01	0.04	0.00
RELIGIOSIDADE CRISTÃ SEM VÍNCULO INSTITUCIONAL	0.16	0.15	0.08	0.20	0.22
NÃO DETERMINADA	0.16	0.06	0.12	0.21	0.37
IGNORADO	0.15	0.14	0.25	0.08	0.10

7. Mapas das Religiões

a. Católicos e os Sem Religião

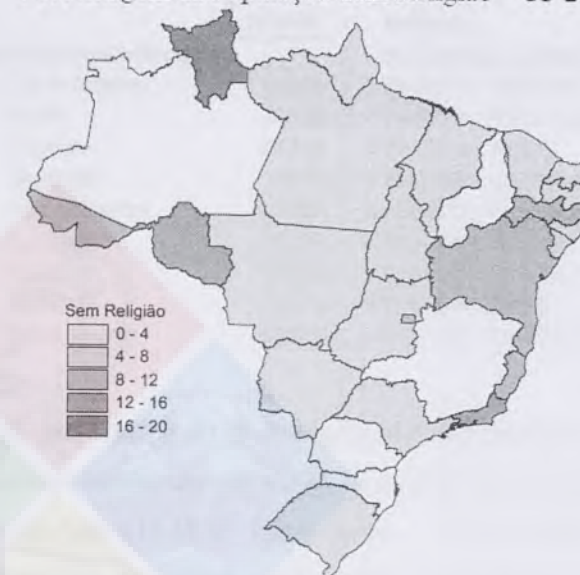
O Papa Bento XVI anunciou em Madrid, durante a Jornada Mundial da Juventude, o Rio de Janeiro como sede para a próxima edição do evento em 2013. A visita do Papa ao Brasil abrirá a sequência de megaeventos internacionais sediados pela cidade maravilhosa. Realizamos aqui, a título de ilustração, breve análise focada no Estado do Rio de Janeiro, Município do Rio de Janeiro e periferia do Grande Rio.

Estado do Rio é o segundo menos católico e religioso

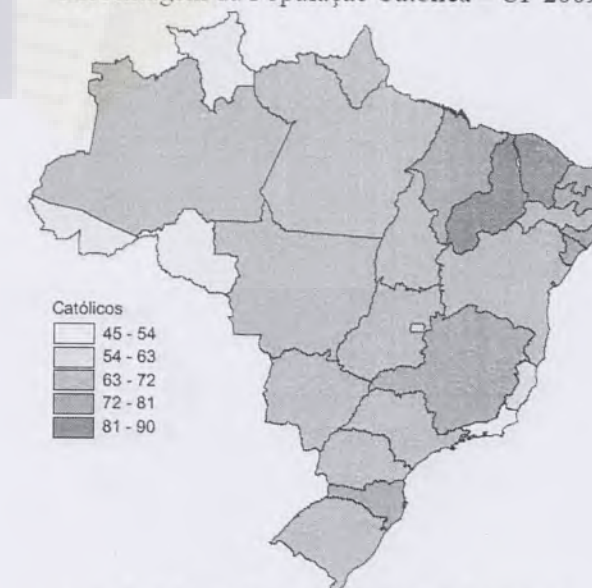
Rankings UF	Sem religião	Rankings UF	Católicos
1 Roraima	19.39%	1 Piauí	87.93%
2 Rio de Janeiro	15.95%	2 Ceará	81.08%
3 Rondônia	13.54%	3 Paraíba	80.25%
4 Acre	10.82%	4 Sergipe	79.96%
5 Pernambuco	10.60%	5 Maranhão	78.04%
6 Espírito Santo	10.18%	6 Alagoas	77.10%
7 Distrito Federal	10.01%	7 Santa Catarina	75.88%
8 Bahia	9.00%	8 Rio Grande do Norte	73.98%
9 Alagoas	7.85%	9 Minas Gerais	73.32%
10 Rio Grande do Norte	6.86%	10 Bahia	71.39%
11 Pará	6.67%	11 Rio Grande do Sul	71.37%
12 Mato Grosso do Sul	6.07%	12 Amapá	70.89%
13 São Paulo	5.99%	13 Mato Grosso	70.63%
14 Sergipe	5.58%	14 Tocantins	70.60%
15 Rio Grande do Sul	5.45%	15 Paraná	69.82%
16 Mato Grosso	5.42%	16 Amazonas	67.68%
17 Goiás	5.35%	17 Pará	66.55%
18 Tocantins	5.19%	18 São Paulo	66.12%
19 Amapá	5.16%	19 Goiás	65.42%
20 Maranhão	4.33%	20 Pernambuco	63.84%
21 Paraíba	4.30%	21 Mato Grosso do Sul	63.70%
22 Ceará	4.08%	22 Espírito Santo	57.04%
23 Paraná	3.56%	23 Distrito Federal	55.88%
24 Minas Gerais	3.55%	24 Rondônia	52.89%
25 Santa Catarina	3.41%	25 Acre	50.73%
26 Amazonas	2.94%	26 Rio de Janeiro	49.83%
27 Piauí	1.64%	27 Roraima	46.78%

Menos da metade da população fluminense se diz católica (49,83%), a penúltima unidade da federação apenas atrás de Roraima. Piauí era das 27 UF's, a mais católica com 87,93% de sua população. O Estado do Rio de Janeiro é 2º no ranking da menor religiosidade com 15,95% de sua população sem religião. Piauí ocupa o topo do ranking da religiosidade e Roraima mais uma vez o extremo oposto.

Porcentagem da População Sem Religião – UF 2009



Porcentagem da População Católica – UF 2009



Fonte: CPS a partir dos microdados da POF 2009/IBGE

Periferia fluminense é a menos católica e religiosa

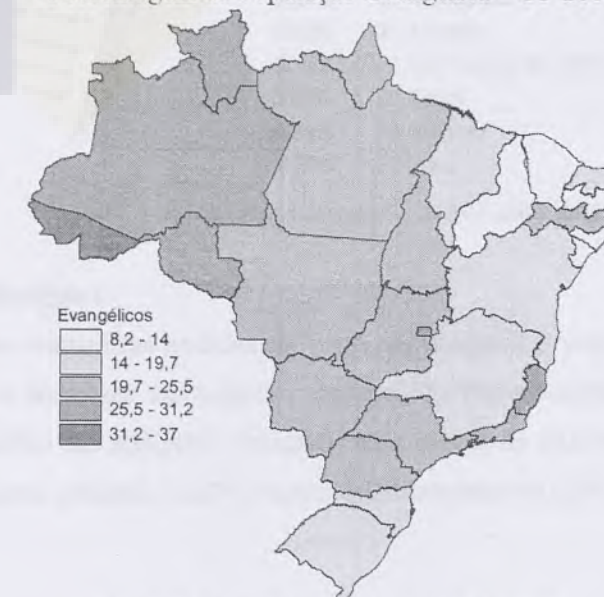
A periferia do Grande Rio se mostra não só a menos católica de todas as metrópoles brasileiras (40,02%), como também a menos religiosa, com 23,68% de sua população não professando nenhuma crença. No outro extremo da religiosidade está a periferia de Porto Alegre, e do catolicismo, a periferia de Fortaleza.

Rankings	Sem religião	Rankings	Católicos
Região Metropolitana (não capital)		Região Metropolitana (não capi	
1 Periferia - Rio de Janeiro	23.68%	1 Periferia - Fortaleza	74.30%
2 Periferia - Recife	20.55%	2 Periferia - Porto Alegre	68.74%
3 Periferia - Salvador	13.21%	3 Periferia - Belém	65.46%
4 Periferia - São Paulo	8.57%	4 Periferia - São Paulo	61.26%
5 Periferia - Belo Horizonte	7.20%	5 Periferia - Belo Horizonte	57.23%
6 Periferia - Fortaleza	6.49%	6 Periferia - Curitiba	55.87%
7 Periferia - Belém	5.93%	7 Periferia - Salvador	52.00%
8 Periferia - Curitiba	5.37%	8 Periferia - Recife	45.75%
9 Periferia - Porto Alegre	3.35%	9 Periferia - Rio de Janeiro	40.02%

b. Evangélicos

O Estado com a maior participação de evangélicos pentecostais é o Acre (24,18%) e nas demais denominações evangélicas que inclui as tradicionais, o líder é o Espírito Santo (15,09%) seguido do Acre (12,46%). Desta forma, o Acre possui a maior proporção do conjunto de denominações evangélicas entre estados, com 36,64% de sua população.

Porcentagem da População Evangélica – UF 2009



Fonte: CPS a partir dos microdados da POF/IBGE

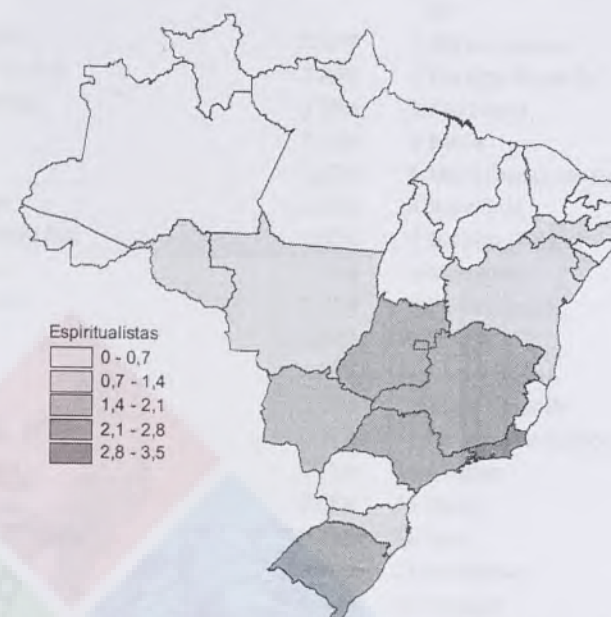
Rankings UF	Evangélica Pentecostal	Rankings UF	Outras Evangélicas
1 Acre	24.18%	1 Espírito Santo	15.09%
2 Rondônia	19.75%	2 Acre	12.46%
3 Pará	19.41%	3 Amazonas	11.41%
4 Amapá	19.01%	4 Rondônia	11.13%
5 Distrito Federal	18.87%	5 Rio de Janeiro	10.66%
6 Roraima	18.28%	6 Mato Grosso do Sul	9.80%
7 Goiás	15.65%	7 Goiás	9.38%
8 Mato Grosso do Sul	15.52%	8 Paraná	8.93%
9 Tocantins	15.51%	9 Santa Catarina	8.75%
10 Espírito Santo	15.09%	10 Roraima	8.67%
11 Amazonas	15.09%	11 Distrito Federal	8.22%
12 Mato Grosso	14.95%	12 Rio Grande do Sul	8.20%
13 São Paulo	14.62%	13 Bahia	7.56%
14 Paraná	14.48%	14 Pernambuco	7.52%
15 Rio de Janeiro	14.18%	15 São Paulo	7.13%
16 Pernambuco	12.24%	16 Minas Gerais	6.77%
17 Minas Gerais	11.63%	17 Tocantins	6.45%
18 Maranhão	11.58%	18 Mato Grosso	6.38%
19 Rio Grande do Norte	11.34%	19 Sergipe	5.95%
20 Rio Grande do Sul	9.78%	20 Paraíba	5.54%
21 Santa Catarina	9.18%	21 Pará	5.51%
22 Ceará	9.17%	22 Maranhão	4.38%
23 Alagoas	8.63%	23 Amapá	4.38%
24 Bahia	8.44%	24 Rio Grande do Norte	4.27%
25 Paraíba	7.80%	25 Ceará	3.67%
26 Piauí	6.18%	26 Alagoas	3.45%
27 Sergipe	4.75%	27 Piauí	2.02%

Fonte: CPS a partir dos microdados da POF 2009/IBGE

c. Outras Religiões

O Rio é o 5º nas evangélicas tradicionais e 15º nas evangélicas pentecostais. O Estado do Rio de Janeiro é recordista em religiões espíritas (3,37%) e também nas afro-brasileiras (1,61%), 2º (0,69%) nas Religiões Orientais, logo depois de São Paulo (0,78%), e 3º no conjunto das demais religiões (3,625), depois de Pernambuco (4,25%) e Roraima (6,17%).

Porcentagem da População Espiritualista – UF 2009



Porcentagem de Adeptos de Religiões Afro-Brasileiras – UF 2009



Fonte: CPS a partir dos microdados da POF 2009/IBGE

Rankings	Espiritualista	Rankings	Afro-brasileira
UF		UF	
1 Rio de Janeiro	3.37%	1 Rio de Janeiro	1.61%
2 Rio Grande do Sul	2.84%	2 Rio Grande do Sul	0.94%
3 Distrito Federal	2.75%	3 São Paulo	0.42%
4 Goiás	2.72%	4 Bahia	0.33%
5 São Paulo	2.30%	5 Mato Grosso do Sul	0.26%
6 Minas Gerais	2.21%	6 Rondônia	0.20%
7 Mato Grosso do Sul	1.93%	7 Distrito Federal	0.16%
8 Pernambuco	1.34%	8 Maranhão	0.12%
9 Santa Catarina	1.27%	9 Pernambuco	0.11%
10 Sergipe	1.23%	10 Paraná	0.11%
11 Bahia	1.06%	11 Minas Gerais	0.10%
12 Rondônia	1.05%	12 Santa Catarina	0.08%
13 Mato Grosso	0.77%	13 Rio Grande do Norte	0.07%
14 Espírito Santo	0.72%	14 Alagoas	0.07%
15 Paraná	0.68%	15 Goiás	0.07%
16 Rio Grande do Norte	0.48%	16 Pará	0.06%
17 Pará	0.46%	17 Amazonas	0.06%
18 Tocantins	0.40%	18 Sergipe	0.06%
19 Alagoas	0.39%	19 Espírito Santo	0.05%
20 Ceará	0.38%	20 Acre	0.05%
21 Roraima	0.36%	21 Paraíba	0.05%
22 Paraíba	0.33%	22 Ceará	0.04%
23 Piauí	0.31%	23 Mato Grosso	0.03%
24 Acre	0.28%	24 Piauí	0.01%
25 Maranhão	0.18%	25 Roraima	0.00%
26 Amapá	0.12%	26 Amapá	0.00%
27 Amazonas	0.12%	27 Tocantins	0.00%

Fonte: CPS a partir dos microdados da POF 2009/IBGE

Rankings UF	Orientais ou Asiáticas	Rankings UF	Outras
1 São Paulo	0.78%	1 Roraima	6.17%
2 Rio de Janeiro	0.69%	2 Pernambuco	4.25%
3 Distrito Federal	0.52%	3 Rio de Janeiro	3.62%
4 Mato Grosso do Sul	0.38%	4 Distrito Federal	3.57%
5 Paraná	0.34%	5 Rio Grande do Norte	2.93%
6 Roraima	0.33%	6 São Paulo	2.63%
7 Mato Grosso	0.28%	7 Amazonas	2.61%
8 Rio Grande do Sul	0.27%	8 Sergipe	2.38%
9 Piauí	0.18%	9 Mato Grosso do Sul	2.25%
10 Santa Catarina	0.12%	10 Minas Gerais	2.10%
11 Minas Gerais	0.12%	11 Paraná	2.05%
12 Amapá	0.11%	12 Bahia	1.98%
13 Pará	0.10%	13 Alagoas	1.93%
14 Amazonas	0.08%	14 Tocantins	1.83%
15 Bahia	0.08%	15 Paraíba	1.74%
16 Acre	0.08%	16 Piauí	1.72%
17 Goiás	0.07%	17 Espírito Santo	1.61%
18 Pernambuco	0.05%	18 Ceará	1.53%
19 Espírito Santo	0.04%	19 Rondônia	1.44%
20 Maranhão	0.04%	20 Acre	1.41%
21 Rio Grande do Norte	0.03%	21 Goiás	1.31%
22 Ceará	0.03%	22 Santa Catarina	1.26%
23 Alagoas	0.02%	23 Mato Grosso	1.23%
24 Tocantins	0.02%	24 Maranhão	1.19%
25 Rondônia	0.00%	25 Pará	1.17%
26 Paraíba	0.00%	26 Rio Grande do Sul	1.15%
27 Sergipe	0.00%	27 Amapá	0.33%

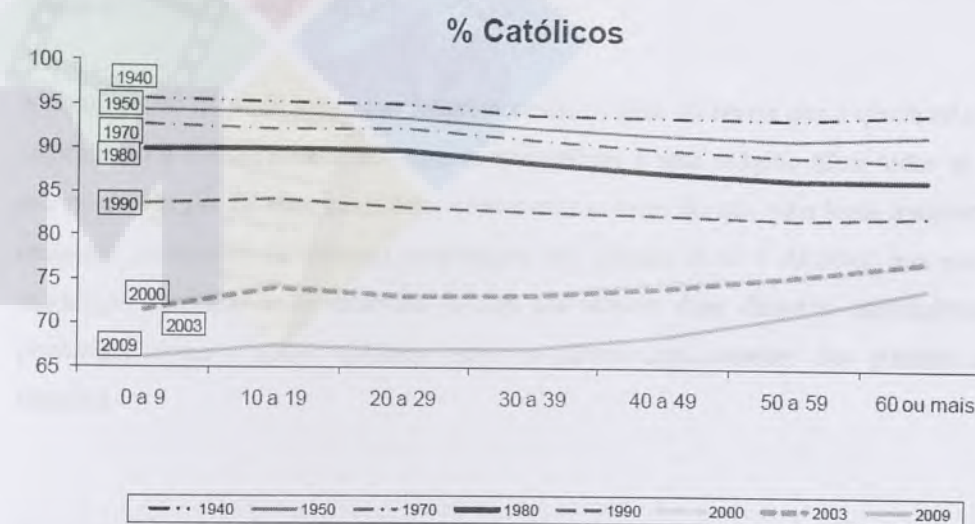
Fonte: CPS a partir dos microdados da POF 2009/IBGE

Apresentamos, no anexo, dois mapas e tabelas das diferentes denominações religiosas abertos por capitais, macro regiões e tipos de cidade.

8. Detalhamento da Evolução Religiosa por Grupos Etários

A composição religiosa pode ser afetada de maneira decisiva pela idade dos indivíduos. Uma interpretação possível seria que, à medida que caminhamos da idade adulta em direção ao final do ciclo de vida a predisposição religiosa tenderia a aumentar pelo ganho de relevo de questões existenciais, como 'para onde vamos e de onde viemos'.

A interrupção da queda católica entre 2000 e 2003 é visível nas séries para todos os grupos etários - as curvas dos dois anos parecem idênticas. Entre 2003 e 2009, observamos queda na proporção de católicos em todas as faixas etárias. Essa mudança foi menor para os grupos com idade mais avançada (a taxa cai de 77,53% para 74,24% para aquele acima de 60 anos), enquanto nas faixas mais jovens a queda foi maior (a taxa cai de 74,13% para 67,48% na faixa de 10 a 19 anos de idade). Isto é, mesmo presente em todos os grupos, a queda do catolicismo é maior entre os jovens.



Fonte: CPS/FGV a partir do processamento de dados publicados e microdados do IBGE.

Verificamos grandes mudanças nos dois outros grandes grupos religiosos. Para todas as faixas etárias, os dados mostram crescimento na proporção de indivíduos que respondem

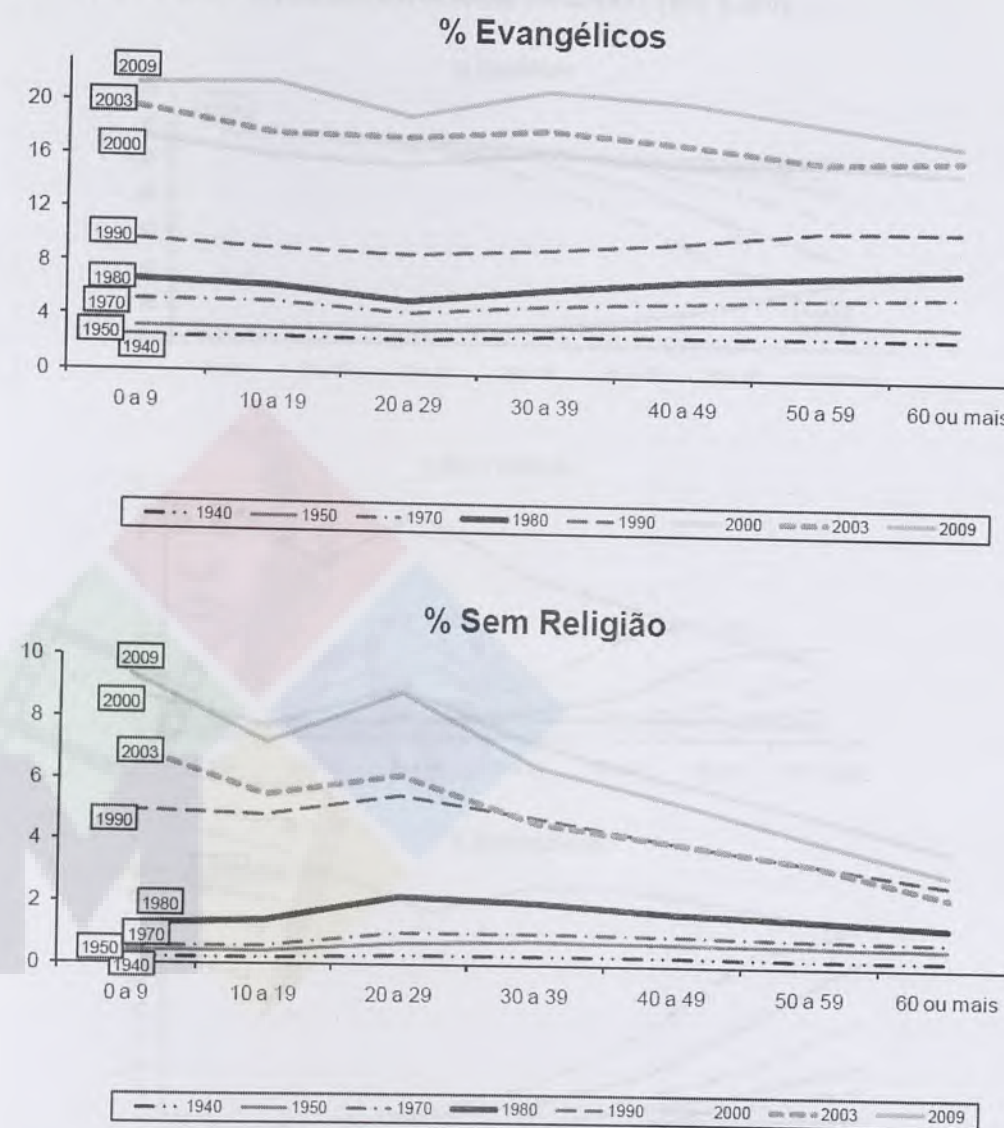
não professar nenhuma religião ou se dizem evangélicos, *lato senso* que mantém a sua trajetória de crescimento recebendo novos adeptos.

O primeiro grupo, aqueles que não professam nenhuma religião, que no período anterior estava em queda, volta a crescer entre 2003 e 2009. Mesmo com esse aumento recente, o percentual de indivíduos que não possuem religião é, ainda hoje, inferior a 2000 para quase todos os grupos etários. De todos, indivíduos entre 20 e 29 anos foram os que apresentaram maior queda de religiosidade (a proporção dos sem religião passa de 6,12% para 8,87% entre 2003 e 2009), se tornando este o grupo menos religioso de todos, no último ano. Já para aqueles com mais de 60 anos, a taxa que era de 2,29% passa para 3,02%.

No caso dos evangélicos, o crescimento relativo de adeptos se dá também em todas as faixas etárias, embora de maneira mais pronunciada entre os mais jovens. Entre 2003 e 2009, aqueles entre 10 e 19 anos foram os que apresentaram maior crescimento relativo (passa de 17,72% para 21,59%).

A comparação do perfil etário das religiões desde os anos 40 revela que a queda relativa do catolicismo e o crescimento dos grupos evangélicos e sem religião afeta todas as faixas etárias a cada par de anos censitários consecutivos. Mais do que uma lenta transformação religiosa processada de maneira progressiva nas últimas 6 ou 7 décadas, boa parte das mudanças ocorridas neste intervalo se deu nas últimas duas décadas, especialmente na penúltima, como a maior distância entre as curvas mais recentes dos gráficos abaixo indicam.

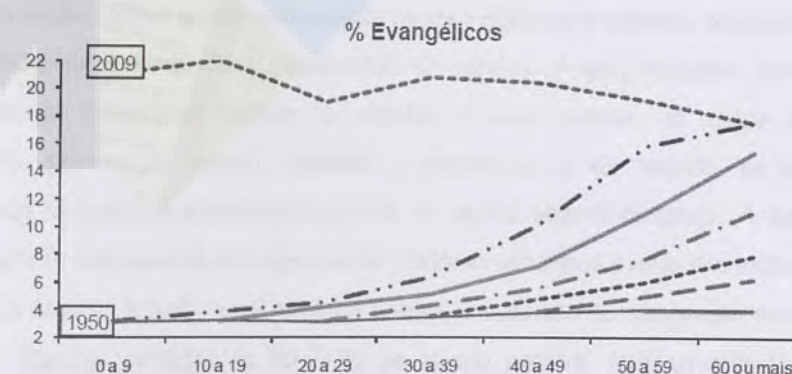
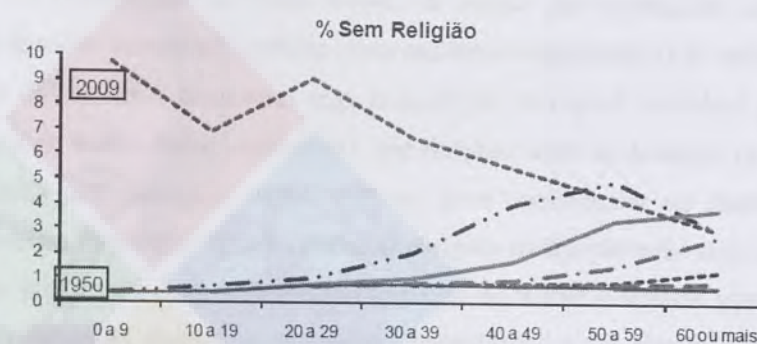
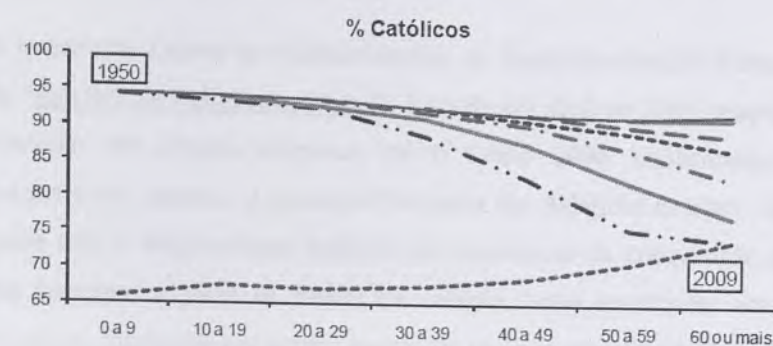
Evolução das Crenças no Brasil - 1940 a 2000



Fonte: CPS/FGV a partir do processamento de dados publicados e microdados do IBGE.

Tão interessante quanto comparar pessoas em idades diferentes em um mesmo ano, ou pessoas com a mesma idade em anos diferentes, é acompanhar a trajetória religiosa de cada geração desde seus primórdios. Segue abaixo uma análise geracional da participação religiosa no Brasil.

Evolução das Crenças no Brasil - 1950 a 2009



perfil etários segundo ano

..... 2009 — 1950

perfil geracionais segundo década de nascimento

— anos 30 — anos 20 — anos 10

..... 1900-1909 — 1890-1899

a. 10. Retrospecto de Estudos e Teses de Economia das Religiões

Pesquisa anterior do Centro de Políticas Sociais da Fundação Getúlio Vargas (CPS/FGV) intitulada "Retratos de Religião no Brasil", lançada em abril de 2005, mapeou a evolução da composição das crenças religiosas até o Censo 2000, confirmando movimentos apontados por outros autores. A pesquisa Economia das Religiões de 2007, além de revelar em primeira mão a surpreendente inflexão das tendências da composição dos credos da população brasileira a partir da virada do milênio, tenta aprofundar algumas de suas possíveis causas, inspiradas nos pontos apontados no livro seminal "A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo" de Max Weber. A análise das correlações entre crenças e mobilidade social através de variáveis como escolhas ocupacionais (e.g. empreendedorismo e divisão do trabalho), financeiras (e.g. acumulação de capital e crédito) e educacionais (e.g. busca de níveis ensino mais altos), que ocupam lugar de destaque na argumentação desenvolvida pelo sociólogo alemão, são em geral corroboradas no contexto brasileiro. Uma diferença importante entre a referência europeia da ligação entre reforma protestante, revolução industrial e desenvolvimento capitalista de Weber e aquelas aqui estudadas é o aumento relativo do número de evangélicos pentecostais e dos sem religião. Procuramos estudar a relação entre o crescimento destes ramos religiosos e aspectos econômicos através do que denominamos de ética pentecostal. O paralelo é que, enquanto para Weber o protestantismo tradicional liberou o cidadão comum cristão da culpa católica de acumulação privada de capital, segundo a abordagem a ser testada, as novas seitas pentecostais liberaram a acumulação privada de capital através da igreja. A maior ligação entre o espírito empresarial e a organização religiosa seria uma marca dos ramos religiosos emergentes hoje no Brasil - e na América Latina. O contexto de estagnação econômica das chamadas décadas perdidas de 80 e 90 do século passado teria propiciado, tanto por elementos de demanda como de oferta, a busca de novas modalidades de inserção produtiva para lidar com as dificuldades materiais percebidas e de ocupação em meio a crescentes taxas de desemprego e de precarização do trabalho.

A abordagem consiste em relacionar a demanda por novas opções religiosas - aumento dos pentecostais e dos sem religião - a choques econômicos e sociais adversos, como as

chamadas crises metropolitanas e de desemprego, violência, favelização, informalização, entre outras. Neste caso, identificamos com clareza a emergência de grupos pentecostais e dos sem religião entre os grupos perdedores da crise econômica e, em particular, no que tange ao aspecto metropolitano da mesma. Os dados demonstram claramente que a velha pobreza brasileira (e.g. áreas rurais do nordeste, mais assistida por programas sociais) continua católica, enquanto a nova pobreza (e.g. periferia das grandes cidades, mais desassistida) estaria migrando para as novas igrejas pentecostais e para os chamados segmentos sem religião³.

A pesquisa aprofunda a análise da relação entre religião e economia identificando também aspectos de oferta de religião associados às transformações recentes. Observamos, por exemplo, a substituição do Estado por algumas denominações religiosas na sua função clássica de prover serviços públicos e arrecadarem impostos. A pesquisa inclui dados objetivos acerca de elementos subjetivos, como percepções de itens como violência e satisfação de necessidades básicas e a qualidade de acesso a serviços e políticas públicas oferecidas. Entramos, além disso, na microeconomia da oferta de fundos para as diferentes denominações religiosas, medindo diretamente, a partir de pesquisas de orçamentos familiares, o dizimo e as doações por denominação religiosa, bem como a evolução do número de pessoas exercendo ofícios de natureza religiosa e a estrutura de incentivos dados a eles por cada tipo de instituição religiosa.

Por fim, incluindo elementos híbridos da economia das religiões, a pesquisa oferece rankings detalhados das mudanças das crenças de mais de 50 diferentes denominações religiosas abertos por gênero e imigração, conferindo assim especial destaque às mudanças religiosas associadas à chamada revolução feminina e à globalização. A primeira apontaria para um distanciamento do catolicismo de corte patriarcal, enquanto a segunda apontaria para o seu fortalecimento dado o caráter transnacional da Igreja Católica.

³ Pesquisas de campo recentes, como o CERIS 2004 e a análise de Fernandes 2005, revelam alta mobilidade religiosa para dentro e para fora destes grupos.

A ética pentecostal seria uma variante da tese weberiana citada. A idéia é que, enquanto o protestantismo tradicional liberou o cidadão comum da culpa de acumulação de capital privada, as novas seitas pentecostais liberaram a acumulação privada de capital através da igreja. A maior ligação entre o espírito empresarial e a organização religiosa propiciou a adoção de novas práticas, tais como estratégias de comunicação através da compra de emissoras de televisão e rádio, a adesão de sistemas de franquia, uma maior ligação entre a política e a igreja, entre outras. O interessante seria testar quão difundido seria esta mentalidade materialista no praticante mediano, ou até que ponto a mesma estaria restrita nas elites clericais evangélicas. Seria a percepção da possibilidade de crescimento profissional e material através das práticas religiosas extensíveis a base das estruturas pentecostais?

O protestantismo, hoje tradicional, vicejou em lugares que se tornariam o centro dinâmico do capitalismo de então. As novas crenças emergentes no Brasil estariam prosperando numa fase de descrença quanto à possibilidade individual de ascensão social e profissional. Complementarmente, as novas igrejas pentecostais estariam, numa época de escasso crescimento econômico, ocupando o lugar do estado na cobrança de impostos (dízimo e outras contribuições) e na oferta de serviços e redes de proteção social. Discutir política social sem levar em conta a atuação de entidades religiosas é deixar de fora um elemento fundamental. O crescimento de informalidade que marcou a sociedade brasileira durante as chamadas décadas perdidas encontraria eco nas novas estruturas criadas pelos movimentos pentecostais. O caráter embrionário de algumas destas religiões ofereceria os graus de liberdade necessários para a adaptação da doutrina a novos aspectos da realidade que se apresenta.

Outra variante das afinidades eletivas entre religião e inserção profissional, no lado positivo seria a questão de gênero, que desempenha papel central na mudança de religiosidade recém-observada, conforme vimos na seção anterior do texto. As mulheres são mais religiosas que os homens, mas apesar disto as mulheres são menos católicas que os homens. Uma interpretação para as mudanças religiosas femininas é que as alterações no estilo de

vida feminino ocorridas nos últimos 30 anos no Brasil não encontraram eco na doutrina católica, menos afeita a mudanças.

Economia das Religiões



A pesquisa "Economia das Religiões", foi lançada em 2007 pelo Centro de Políticas Sociais da Fundação Getúlio Vargas (CPS/FGV) com objetivo duplo: por um lado, começar a testar empiricamente teses das relações entre economia e religião, e por outro, permitir que usuário olhe para dados de realidade das religiões desde uma perspectiva própria. Isto significa permitir, a cada um, traçar o seu próprio roteiro de análise, ou que busque aprofundar questões de pontos abordados no nosso roteiro. O sítio lançado com a pesquisa disponibiliza o mais completo banco de dados da internet brasileira sobre o tema religião.

Acesse: http://www4.fgv.br/cps/simulador/site_religioes2/

A pesquisa "Economia das Religiões" dá continuidade à linha de pesquisa iniciada em abril de 2005, com a divulgação de "Retratos da Religião Brasileira".

Acesse: <http://www.fgv.br/cps/religioes/inicio.htm>

11. Conclusão (Resumo)

O Papa Bento XVI anunciou em Madrid, durante a Jornada Mundial da Juventude, o Rio de Janeiro como sede para a próxima edição do evento em 2013. A visita do Papa ao Brasil abrirá a sequência de megaeventos internacionais sediados pelo Rio. Disponibilizamos em www.fgv.br/cps/religiao, completo mapa estatístico da religiosidade brasileira. O pano de fundo é :

a. Brasil, BRICS e PIIGS - O Brasil não é só o país com a maior população católica do mundo, como simbolicamente é o único que integra o grupo dos maiores países emergentes dos BRICS. O dado comum aos países submergentes do chamado grupo dos PIIGS (Portugal, Irlanda, Itália, Grécia e Espanha (Spain)) é o catolicismo. Como reflexo do estado da economia, em Madrid, ocorreram na última semana uma série de protestos contra os custos da jornada. Se Max Weber fosse vivo, veria na crise econômica atual uma confirmação de sua tese sobre a ética protestante e o espírito do capitalismo publicada 106 anos atrás.

A maior economia católica do mundo, a França, passou recentemente por um ataque especulativo na origem da instabilidade financeira recente. O PIB do Brasil irá, em algum tempo, ultrapassar a França para se tornar também o maior PIB predominantemente católico do mundo.

b. Será o Brasil exceção à tese weberiana? - Os estados mais católicos brasileiros são os nordestinos, com 74,9% de sua população. Estes estados estão crescendo mais forte que os demais. De 2001 a 2009, a renda do Nordeste cresceu 41,8% contra 15,8% no Sudeste, a região menos católica com 64,3% de sua população. De 2001 a 2008, a capital brasileira onde a renda cresceu mais foi Teresina, com 56,2%, e entre as periferias das grandes metrópoles, isto é, contando todos os municípios da metrópole menos a capital, onde a renda cresceu mais foi na periferia da Grande Fortaleza. Em suas respectivas categorias geográficas, isto é, capital dos estados e periferia metropolitana, estas são as mais católicas do país com 80,7% e 74,3%, respectivamente.

c. Maioria ainda católica: Chegamos, em 2009, ao menor nível de adeptos ao catolicismo em nossa história estatisticamente documentada. A proporção de católicos que se mantinha constante no início da década passada (cerca de 74% da população nos anos 2000 e 2003), passa a 68,43% no final da década. Essa queda de 7,3% na taxa entre 2003 e 2009 foi combinada com aumento de outros grupos: a proporção de evangélicos cresce 13,13% no período (passa de 17,88% para 20,23% da população). Cresce também o grupo de pessoas que não possuem religião (de 5,13% para 6,72%, em 7 anos).

d. Mulheres menos católicas: As mulheres são hoje, como sempre foram desde que o mundo é mundo e o Brasil é Brasil, mais religiosas que os homens: 5% delas não possuem crença, contra 8,52% deles. Apesar disso, eles são hoje mais católicos do que elas, invertendo a relação observada 70 anos antes. Entre os que professam alguma religião (ou seja, excluindo os que não possuem religião), 71,6% das mulheres são católicas contra 75,4% dos homens. Em 1940 a ordenação destas taxas era invertida correspondendo a 96% e 95%, respectivamente.

e. Estados e religiões – Menos da metade da população fluminense se diz católica (49,83%), a penúltima unidade da federação apenas atrás de Roraima. Piauí era das 27 UFs, a mais católica com 87,93% de sua população. O Estado do Rio de Janeiro é 2º no ranking da menor religiosidade com apenas 15,95% de sua população sem religião. Piauí ocupa o topo do ranking da religiosidade e Roraima mais uma vez o extremo oposto.

O Estado com a maior participação de evangélicos pentecostais é o Acre (24,18%) e nas demais denominações evangélicas que inclui as tradicionais o líder é o Espírito Santo (15,09%).

O Estado do Rio de Janeiro é recordista em religiões espíritas (3,37%) e também nas afro-brasileiras (1,61%), 2º (0,69%) nas Religiões Orientais logo depois de São Paulo (0,78%) e 3º no conjunto das demais religiões (3,625) depois de Pernambuco (4,25%) e Roraima (6,17%) .

f. Capitais das Religiões

Dentre as 27 capitais, Boa Vista, Salvador e Porto Velho, respectivamente, formam a trinca das cidades com mais pessoas sem religião.

Teresina é a capital mais católica do país, com 80,66% de fiéis – Fortaleza (74,25%) e Florianópolis (73,91%) completam o “pódio”. Boa Vista é a menos católica, com 40,87%.

A região Norte ocupa as quatro primeiras posições no ranking de capitais evangélicas pentecostais – Rio Branco (28,43%), Belém (22,99%), Boa Vista (21,21%) e Porto Velho (19,02%). Periferias de Belo Horizonte (24,48%), Curitiba (24,21%) e Salvador (24,02%) lideram nas metrópoles.

As outras evangélicas são mais populares em Vitória (18,13%), Rio Branco (14,63%) e Campo Grande (13,71%), e menos seguidas em Macapá (4,35%), Porto Alegre (3,90%) e Teresina (3,68%).

O Rio de Janeiro é a capital mais espiritualista do Brasil (5,27% de adeptos) e a segunda maior em religiões afro-brasileiras (2,04%). A periferia fluminense é a que conta com mais adeptos desta última, 1,99%.

g. Classes e Religiões

Os dados de renda mostram que, entre os sem religião, a classe E sobressai como a mais importante de todas as classes (7,72% dos pobres não possuem religião), seguida do topo da distribuição da classe AB (6,91% na AB). Entre os Católicos os pontos mais altos também estão nos extremos da distribuição de renda, sendo 72,72% dos pobres e 69,07% nas classes AB. A classe mais importante para os evangélicos pentecostais é a classe D (14,98%), seguida dos pobres. Já as evangélicas tradicionais estão mais concentradas na faixa AB (8,35%) e C (8,72%), diminuindo nos níveis mais baixos de renda. Finalmente, a taxa de adesão a outras religiões cai monotonicamente com a renda (de 9,25% na classe AB para 2,24% na E).

1. Introducción

El presente documento tiene como objetivo principal...

2. Objetivos

2.1. General

- Definir el alcance del proyecto.
- Establecer los roles y responsabilidades de cada participante.
- Definir los recursos necesarios para la ejecución del proyecto.
- Establecer los criterios de éxito del proyecto.
- Definir los riesgos potenciales del proyecto.
- Establecer los mecanismos de comunicación y reporte.

2.2. Específicos

- Definir el alcance del proyecto.
- Establecer los roles y responsabilidades de cada participante.
- Definir los recursos necesarios para la ejecución del proyecto.
- Establecer los criterios de éxito del proyecto.
- Definir los riesgos potenciales del proyecto.
- Establecer los mecanismos de comunicación y reporte.

- Definir el alcance del proyecto.
- Establecer los roles y responsabilidades de cada participante.
- Definir los recursos necesarios para la ejecución del proyecto.
- Establecer los criterios de éxito del proyecto.
- Definir los riesgos potenciales del proyecto.
- Establecer los mecanismos de comunicación y reporte.

11. Anexos

Anexo 1: Definições e Rankings de Denominações Religiosas

a. Classificação Religiosa

Sem religião

Católica

Católica Apostólica Romana
Católica Carismática, Católica Pentecostal
Católica Armênia; Católica Ucraniana
Católica Apostólica Brasileira
Católica Ortodoxa
Ortodoxa Cristã
Outras
Outras Católicas

Evangélica Pentecostal

Igreja Evangélica Assembléia de Deus
Igreja Assembléia de Deus Madureira
Igreja Assembléia de Deus Todos os Santos
Outras
Igreja Congregacional Cristã do Brasil
Outras
Igreja Evangélica Pentecostal O Brasil Para Cristo
Outras
Igreja Evangelho Quadrangular
Outras
Igreja Universal do Reino de Deus
Outras
Igreja Evangélica Casa da Benção
Outras
Igreja Evangélica Casa de Oração
Outras
Igreja Evangélica Pentecostal Deus é Amor
Outras
Igreja Evangélica Pentecostal Maranata
Outras
Evangélica Renovada, Restaurada e Reformada Sem Vínculo Institucional
Pentecostal Renovada, Restaurada e Reformada Sem Vínculo Institucional
Evangélica Pentecostal Sem Vínculo Institucional
Outras
Igreja Evangélica Comunidade Cristã
Outras
Igreja de Origem Pentecostal Nova Vida
Outras
Igreja Evangélica Comunidade Evangélica
Outras
Outras Igrejas Evangélicas Pentecostais
Igreja Pentecostal Avivamento Bíblico
Outras
Igreja Evangélica Cadeia da Prece
Outras
Igreja do Nazareno

Outras
Evangélica Não Determinada
Evangélica Sem Vínculo Institucional

Evangélica de Missão

Igrejas Luteranas
Outras
Igreja Evangélica Presbiteriana
Igreja Presbiteriana Independente
Igreja Presbiteriana do Brasil
Igreja Presbiteriana Unida
Presbiteriana Fundamentalista
Presbiteriana Renovada

Outras
Igreja Evangélica Metodista
Evangélica Metodista Wesleyana
Evangélica Metodista Ortodoxa

Outras
Igreja Evangélica Batista
Convenção Batista Brasileira
Convenção Batista Nacional
Batista Pentecostal
Batista Bíblica
Batista Renovada

Outras
Igreja Evangélica Congregacional
Igreja Congregacional Independente
Outras

12Igreja Evangélica Adventista do Sétimo Dia
Igreja Evangélica Adventista Movimento de Reforma
Igreja Evangélica Adventista da Promessa
Outras

Igreja Evangélica Episcopal Anglicana
Outras

Igreja Evangélica Menonita

Outras
Exército da Salvação

Outras Evangélicas

Declaração Múltipla de Religião Evangélica
Outros Evangélicos

Espiritualista

Espiritualista
Outras
Espírita, Kardecista
Outras

Afro-brasileira

Umbanda
Outras
Candomblé
Outras
Religiosidades Afro-Brasileiras
Declaração Múltipla de Religiosidade Afro com Outras Religiosidades
Outras

Orientais

Judaísmo
Outras
Hinduismo
Ioga
Outras
Budismo
Nitiren
Budismo Theravada
Zen Budismo
Budismo Tibetano
Soka Gakkai
Outras
Igreja Messiânica Mundial
Seicho No-Ie
Perfect Liberty
Hare Krishna
Discipulos Oshoo
Tenrykyo
Mahicari
Religiões Orientais
Bahai
Shintoísmo
Taoismo
Outras
Islamismo
Outras

Outras

Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias / Mormons
Outras
Testemunha de Jeová
Outras
Legião da Boa Vontade / Religião de Deus
Esotérica
Racionalismo Cristão
Outras
Tradições Indígenas
Santo Daime
União do Vegetal
A Barquinha
Neoxamânica
Outras
Religiosidade Cristã Sem Vínculo Institucional
Religiosidade Não Determinada / Mal Definida
Declaração Múltipla de Religiosidade Católica / Outras Religiosidades
Declaração Múltipla de Religiosidade Evangélica / Outras Religiosidades
Declaração Múltipla de Religiosidade Católica/ Espírita
Declaração Múltipla de Religiosidade Católica/Umbanda
Declaração Múltipla de Religiosidade Católica/Candomblé
Declaração Múltipla de Religiosidade Católica/Kardecista
SEM DECLARAÇÃO

Católica Apostólica Romana
Igreja Evangélica Assembléia de Deus
Evangélica Sem Vínculo Institucional
Igreja Evangélica Batista
Espírita, Kardecista
Igreja Congregacional Cristã do Brasil
Outras Igrejas Evangélicas Pentecostais
Igreja Universal do Reino de Deus
Religiosidade Não Determinada /Mal Definida
Igreja Evangelho Quadrangular
Igreja Evangélica Adventista do Sétimo Dia
Testemunha de Jeová
Igreja Evangélica Pentecostal Deus é Amor
Igrejas Luteranas
Igreja Evangélica Comunidade Evangélica
Católica Apostólica Brasileira
Igreja Evangélica Presbiteriana
Outros Evangélicos
Religiosidade Cristã Sem Vínculo Institucional
Evangélica Pentecostal Sem Vínculo Institucional
Umbanda
Igreja Evangélica Pentecostal Maranata
Igreja Evangélica Metodista
Igreja Assembléia de Deus Madureira
Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias / Mormons
Candomblé
Budismo
Igreja Evangélica Pentecostal O Brasil Para Cristo
Igreja de Origem Pentecostal Nova Vida
Evangélica Não Determinada
Católica Carismática, Católica Pentecostal
Igreja Evangélica Comunidade Cristã
Batista Pentecostal
Igreja do Nazareno
Igreja Evangélica Congregacional
Judaísmo
Batista Renovada
Convenção Batista Nacional
Igreja Presbiteriana Independente
Igreja Evangélica Casa da Bênção

54

Igreja Presbiteriana do Brasil	41	0.06	44	0.05	38	0.07
Espiritualista	42	0.06	47	0.04	33	0.08
Evangélica Metodista Wesleyana	43	0.06	45	0.05	41	0.07
Esotérica	44	0.06	36	0.06	46	0.05
Presbiteriana Renovada	45	0.06	41	0.05	43	0.06
Seicho No-Ie	46	0.06	40	0.05	45	0.06
Igreja Evangélica Casa de Oração	47	0.04	48	0.04	47	0.04
Igreja Evangélica Adventista da Promessa	48	0.04	46	0.04	48	0.04
Evangélica Renovada, Restaurada e Reformada Sem Vínculo Institucional	49	0.03	49	0.02	50	0.03
Igreja Messiânica Mundial	50	0.02	52	0.01	49	0.03
Igreja Pentecostal Avivamento Bíblico	51	0.02	58	0.01	51	0.03
Racionalismo Cristão	52	0.01	51	0.02	53	0.01
Católica Ortodoxa	53	0.01	50	0.02	57	0.01
Igreja Evangélica Episcopal Anglicana	54	0.01	57	0.01	52	0.01
Católica Armênia; Católica Ucrâniana	55	0.01	53	0.01	59	0.01
Soka Gakkai	56	0.01	59	0.01	54	0.01
Islamismo	57	0.01	54	0.01	67	0.00
Exército da Salvação	58	0.01	55	0.01	71	0.00
União do Vegetal	59	0.01	61	0.01	61	0.01
Igreja Evangélica Menonita	60	0.01	62	0.00	60	0.01

Fonte: CPS/FGV a partir dos microdados da POF 2009/IBGE

Anexo 2: Religiosidade no Brasil

1. Rankings Regionais da Religiosidade

	Sem religião		Católicos
Total	6.72%	Total	68.43%
Região Metropolitana (não capi)		Região Metropolitana (não capi)	
1 Periferia - Rio de Janeiro	23.68%	1 Periferia - Fortaleza	74.30%
2 Periferia - Recife	20.55%	2 Periferia - Porto Alegre	68.74%
3 Periferia - Salvador	13.21%	3 Periferia - Belém	65.46%
4 Periferia - São Paulo	8.57%	4 Periferia - São Paulo	61.26%
5 Periferia - Belo Horizonte	7.20%	5 Periferia - Belo Horizonte	57.23%
6 Periferia - Fortaleza	6.49%	6 Periferia - Curitiba	55.87%
7 Periferia - Belém	5.93%	7 Periferia - Salvador	52.00%
8 Periferia - Curitiba	5.37%	8 Periferia - Recife	45.75%
9 Periferia - Porto Alegre	3.35%	9 Periferia - Rio de Janeiro	40.02%
Capital - UF		Capital - UF	
1 Boa Vista - RR	21.16%	1 Teresina - PI	80.66%
2 Salvador - BA	17.07%	2 Fortaleza - CE	74.25%
3 Porto Velho - RO	15.25%	3 Florianópolis - SC	73.91%
4 Recife - PE	13.39%	4 Macapá - AP	72.54%
5 Rio de Janeiro - RJ	13.32%	5 Aracaju - SE	72.26%
6 Vitória - ES	12.15%	6 São Luís - MA	71.85%
7 Rio Branco - AC	11.83%	7 Natal - RN	71.58%
8 Porto Alegre - RS	11.80%	8 Cuiabá - MT	68.66%
9 Maceió - AL	11.31%	9 João Pessoa - PB	67.33%
10 Brasília - DF	10.30%	10 Porto Alegre - RS	66.70%
11 Campo Grande - MS	8.95%	11 São Paulo - SP	66.13%
12 Palmas - TO	8.43%	12 Manaus - AM	65.26%
13 Cuiabá - MT	7.68%	13 Curitiba - PR	64.64%
14 Aracaju - SE	7.64%	14 Maceió - AL	63.92%
15 Belém - PA	7.54%	15 Palmas - TO	62.65%
16 Natal - RN	7.15%	16 Belo Horizonte - MG	61.91%
17 Belo Horizonte - MG	6.93%	17 Goiânia - GO	61.39%
18 João Pessoa - PB	6.86%	18 Belém - PA	60.89%
19 São Paulo - SP	6.61%	19 Vitória - ES	56.69%
20 Fortaleza - CE	5.74%	20 Brasília - DF	55.36%
21 Goiânia - GO	5.39%	21 Rio de Janeiro - RJ	53.71%
22 Curitiba - PR	5.19%	22 Recife - PE	53.07%
23 Florianópolis - SC	4.66%	23 Campo Grande - MS	52.85%
24 Macapá - AP	4.16%	24 Salvador - BA	52.34%
25 São Luís - MA	3.49%	25 Porto Velho - RO	49.49%
26 Teresina - PI	3.47%	26 Rio Branco - AC	41.99%
27 Manaus - AM	3.24%	27 Boa Vista - RR	40.87%

Fonte: CPS/FGV a partir dos microdados da POF 2009/IBGE

	Evangélica Pentecostal		Outras Evangélicas
Total	12.76%	Total	7.47%
Região Metropolitana (não capi		Região Metropolitana (não capi	
1 Periferia - Belo Horizonte	24.48%	1 Periferia - Recife	10.80%
2 Periferia - Curitiba	24.21%	2 Periferia - Curitiba	10.34%
3 Periferia - Salvador	24.02%	3 Periferia - Rio de Janeiro	10.22%
4 Periferia - Rio de Janeiro	20.25%	4 Periferia - São Paulo	9.17%
5 Periferia - Belém	20.05%	5 Periferia - Salvador	8.46%
6 Periferia - Recife	16.95%	6 Periferia - Porto Alegre	8.43%
7 Periferia - São Paulo	16.19%	7 Periferia - Belo Horizonte	7.62%
8 Periferia - Porto Alegre	12.69%	8 Periferia - Fortaleza	6.65%
9 Periferia - Fortaleza	10.45%	9 Periferia - Belém	5.35%
Capital - UF		Capital - UF	
1 Rio Branco - AC	28.43%	1 Vitória - ES	18.13%
2 Belém - PA	22.99%	2 Rio Branco - AC	14.63%
3 Boa Vista - RR	21.21%	3 Campo Grande - MS	13.71%
4 Porto Velho - RO	19.02%	4 Manaus - AM	13.23%
5 Brasília - DF	18.82%	5 Porto Velho - RO	12.79%
6 Macapá - AP	18.38%	6 Recife - PE	12.55%
7 Palmas - TO	17.44%	7 Salvador - BA	11.54%
8 Campo Grande - MS	17.18%	8 Rio de Janeiro - RJ	11.50%
9 Curitiba - PR	16.07%	9 Goiânia - GO	11.41%
10 Manaus - AM	15.30%	10 João Pessoa - PB	11.03%
11 Goiânia - GO	14.91%	11 Belo Horizonte - MG	10.47%
12 Belo Horizonte - MG	13.44%	12 Florianópolis - SC	9.81%
13 São Luís - MA	13.11%	13 Boa Vista - RR	9.51%
14 Cuiabá - MT	13.04%	14 Aracaju - SE	9.23%
15 Natal - RN	12.18%	15 São Luís - MA	8.92%
16 Maceió - AL	11.84%	16 São Paulo - SP	8.66%
17 Fortaleza - CE	11.56%	17 Palmas - TO	8.64%
18 João Pessoa - PB	11.01%	18 Brasília - DF	8.51%
19 Rio de Janeiro - RJ	10.95%	19 Curitiba - PR	7.98%
20 São Paulo - SP	10.67%	20 Maceió - AL	7.27%
21 Recife - PE	10.36%	21 Cuiabá - MT	7.03%
22 Salvador - BA	10.01%	22 Belém - PA	5.62%
23 Vitória - ES	8.42%	23 Fortaleza - CE	5.56%
24 Porto Alegre - RS	8.03%	24 Natal - RN	5.46%
25 Florianópolis - SC	6.81%	25 Macapá - AP	4.35%
26 Teresina - PI	5.90%	26 Porto Alegre - RS	3.90%
27 Aracaju - SE	4.18%	27 Teresina - PI	3.68%

Fonte: CPS/FGV a partir dos microdados da POF 2009/IBGE

		Espírita / Espiritualista			Afro- brasileira
Total		1.65%	Total		0.35%
Região Metropolitana (não capi			Região Metropolitana (não capi		
1	Periferia - Porto Alegre	2.97%	1	Periferia - Rio de Janeiro	1.99%
2	Periferia - Rio de Janeiro	1.97%	2	Periferia - Porto Alegre	1.06%
3	Periferia - São Paulo	1.79%	3	Periferia - Salvador	0.35%
4	Periferia - Belo Horizonte	1.72%	4	Periferia - São Paulo	0.16%
5	Periferia - Recife	1.46%	5	Periferia - Recife	0.11%
6	Periferia - Belém	0.74%	6	Periferia - Belém	0.04%
7	Periferia - Salvador	0.35%	7	Periferia - Fortaleza	0.00%
8	Periferia - Fortaleza	0.00%	8	Periferia - Belo Horizonte	0.00%
9	Periferia - Curitiba	0.00%	9	Periferia - Curitiba	0.00%
Capital - UF			Capital - UF		
1	Rio de Janeiro - RJ	5.27%	1	Porto Alegre - RS	2.17%
2	Goiânia - GO	5.12%	2	Rio de Janeiro - RJ	2.04%
3	Porto Alegre - RS	4.46%	3	São Paulo - SP	1.17%
4	Belo Horizonte - MG	3.94%	4	Salvador - BA	0.94%
5	Campo Grande - MS	3.72%	5	Recife - PE	0.36%
6	Recife - PE	3.60%	6	Campo Grande - MS	0.35%
7	Aracaju - SE	3.25%	7	Belo Horizonte - MG	0.33%
8	Salvador - BA	3.14%	8	Belém - PA	0.27%
9	Florianópolis - SC	2.97%	9	Florianópolis - SC	0.25%
10	Brasília - DF	2.80%	10	Porto Velho - RO	0.24%
11	São Paulo - SP	2.46%	11	Goiânia - GO	0.20%
12	Curitiba - PR	2.34%	12	Vitória - ES	0.18%
13	Cuiabá - MT	1.56%	13	Cuiabá - MT	0.17%
14	Porto Velho - RO	1.25%	14	São Luís - MA	0.14%
15	Vitória - ES	1.21%	15	Fortaleza - CE	0.13%
16	Maceió - AL	0.95%	16	Manaus - AM	0.13%
17	Belém - PA	0.93%	17	João Pessoa - PB	0.12%
18	Fortaleza - CE	0.86%	18	Rio Branco - AC	0.11%
19	Natal - RN	0.80%	19	Aracaju - SE	0.11%
20	Teresina - PI	0.77%	20	Natal - RN	0.10%
21	João Pessoa - PB	0.71%	21	Brasília - DF	0.09%
22	Boa Vista - RR	0.65%	22	Maceió - AL	0.08%
23	São Luís - MA	0.64%	23	Boa Vista - RR	0.00%
24	Palmas - TO	0.62%	24	Macapá - AP	0.00%
25	Rio Branco - AC	0.48%	25	Palmas - TO	0.00%
26	Manaus - AM	0.20%	26	Teresina - PI	0.00%
27	Macapá - AP	0.16%	27	Curitiba - PR	0.00%

Fonte: CPS/FGV a partir dos microdados da POF 2009/IBGE

2. Perfis da Religiosidade

2009

	Sem religião	Católicos	Evangélica Pentecostal	Outras Evangélicas	Espiritualista	Afro-brasileira	Orientais ou Asiáticas	Outras	Sem Info
Total	6.72%	68.43%	12.76%	7.47%	1.65%	0.35%	0.31%	2.23%	0.08%
SEXO									
Masculino	8.52%	68.92%	11.28%	6.97%	1.33%	0.34%	0.30%	2.25%	0.09%
Feminino	5.00%	67.96%	14.17%	7.94%	1.96%	0.36%	0.32%	2.21%	0.07%
Faixas etárias									
0 a 9	9.38%	66.18%	14.02%	7.19%	0.74%	0.20%	0.23%	2.00%	0.07%
10 a 19	7.21%	67.48%	13.65%	7.95%	0.98%	0.16%	0.15%	2.36%	0.06%
20 a 29	8.87%	67.02%	11.82%	7.36%	1.76%	0.44%	0.25%	2.37%	0.11%
30 a 39	6.47%	67.19%	13.19%	8.04%	1.86%	0.43%	0.27%	2.49%	0.06%
40 a 49	5.37%	68.70%	12.77%	7.75%	2.22%	0.57%	0.35%	2.19%	0.08%
50 a 59	4.14%	71.15%	12.37%	6.67%	2.61%	0.50%	0.44%	2.05%	0.08%
60 a 69	3.27%	73.23%	11.56%	6.68%	2.13%	0.29%	0.66%	2.06%	0.12%
70 ou mais	2.70%	75.53%	9.69%	7.10%	2.05%	0.14%	0.79%	1.92%	0.08%
Anos de estudo									
Sem instrução ou até 3 anos	7.27%	69.95%	13.62%	6.18%	0.59%	0.17%	0.17%	1.93%	0.12%
4 a 7	5.90%	69.68%	13.63%	7.26%	0.88%	0.30%	0.16%	2.15%	0.04%
8 a 11	6.51%	66.30%	13.01%	8.70%	2.01%	0.49%	0.30%	2.60%	0.07%
12 ou mais	7.46%	66.90%	6.70%	8.62%	6.04%	0.65%	1.23%	2.31%	0.09%
Ignorado	7.24%	63.19%	17.33%	6.93%	2.24%	0.52%	0.10%	2.44%	0.00%
Freq. Escola ou Creche									
1_Sim, rede privada	7.27%	64.03%	9.84%	11.74%	3.73%	0.18%	0.85%	2.30%	0.07%
2_Sim, rede pública	7.33%	67.15%	14.78%	7.32%	0.75%	0.18%	0.10%	2.33%	0.06%
3_Não, já frequentou	5.85%	69.34%	12.28%	7.38%	1.98%	0.47%	0.37%	2.28%	0.05%
9_Nunca frequentou	9.94%	69.21%	12.56%	5.45%	0.53%	0.15%	0.19%	1.66%	0.31%
Escolaridade									
Sem instrução	9.94%	69.21%	12.56%	5.45%	0.53%	0.15%	0.19%	1.66%	0.31%
Creche	10.46%	61.73%	16.27%	8.27%	1.05%	0.15%	0.29%	1.73%	0.05%
Pré-Escolar	8.17%	65.28%	13.86%	8.48%	1.11%	0.08%	0.20%	2.81%	0.02%
Classe de Alfabetização de crianças	8.78%	65.72%	13.41%	8.73%	0.28%	0.19%	0.44%	2.46%	0.00%
Alfabetização de adultos	2.13%	79.12%	12.47%	4.20%	0.26%	0.07%	0.06%	1.56%	0.13%
Ensino fundamental	5.86%	70.01%	13.58%	6.91%	0.96%	0.31%	0.18%	2.15%	0.04%
Ensino médio	6.65%	65.86%	13.42%	8.79%	1.87%	0.47%	0.24%	2.62%	0.08%
Tecnologia	5.04%	65.47%	10.93%	5.53%	3.47%	0.16%	1.44%	7.82%	0.14%
Pré-Vestibular	5.49%	64.60%	14.76%	9.11%	4.74%	0.43%	0.00%	0.87%	0.00%
Superior	7.19%	66.12%	7.26%	9.64%	5.70%	0.65%	1.24%	2.12%	0.08%

Fonte: CPS/FGV a partir dos microdados da POF 2009/IBGE

2003

	Sem religião	Católicos	Evangélica Pentecostal	Outras Evangélicas	Espiritualista	Afro- brasileira	Orientais ou Asiáticas	OUTRAS	Ignorado
Total	5.13%	73.79%	12.49%	5.39%	1.50%	0.23%	0.30%	1.03%	0.15%
SEXO									
Masculino	6.32%	74.47%	11.44%	4.93%	1.31%	0.21%	0.28%	0.86%	0.17%
Feminino	3.98%	73.13%	13.51%	5.83%	1.67%	0.25%	0.32%	1.19%	0.12%
Faixas etárias									
0 a 9	6.99%	71.50%	14.35%	5.17%	0.61%	0.17%	0.16%	0.94%	0.11%
10 a 19	5.49%	74.13%	12.50%	5.23%	1.04%	0.16%	0.29%	0.98%	0.19%
20 a 29	6.11%	73.20%	11.87%	5.80%	1.46%	0.19%	0.24%	0.98%	0.15%
30 a 39	4.62%	73.28%	12.79%	5.53%	1.87%	0.27%	0.27%	1.20%	0.16%
40 a 49	4.02%	74.26%	11.88%	5.49%	2.21%	0.34%	0.48%	1.13%	0.19%
50 a 59	3.36%	75.76%	11.10%	5.14%	2.50%	0.46%	0.50%	1.11%	0.07%
60 a 69	1.98%	77.77%	11.67%	5.11%	2.14%	0.18%	0.38%	0.68%	0.08%
70 ou mais	2.67%	77.21%	10.81%	5.43%	1.94%	0.19%	0.42%	1.19%	0.13%
Anos de estudo									
9_Sem instrução ou até 3 anos	5.41%	74.79%	13.65%	4.37%	0.52%	0.20%	0.14%	0.81%	0.11%
2_4 a 7	4.67%	74.08%	13.24%	5.39%	1.03%	0.22%	0.19%	1.02%	0.17%
3_8 a 11	4.89%	72.20%	11.71%	6.95%	2.07%	0.26%	0.45%	1.37%	0.10%
4_12 ou mais	5.98%	73.11%	4.72%	6.10%	7.36%	0.41%	1.17%	1.02%	0.12%
Cor/Raça									
1_Branca	4.27%	75.00%	11.18%	6.01%	1.97%	0.21%	0.26%	1.08%	0.02%
9_Preta	7.63%	66.93%	16.92%	4.82%	1.45%	0.75%	0.22%	1.26%	0.02%
3_Amarela	12.53%	61.25%	9.32%	4.06%	0.65%	0.76%	11.25%	0.18%	0.00%
4_Parda	5.58%	73.92%	13.44%	4.75%	0.90%	0.16%	0.19%	0.93%	0.13%
5_Indígena	10.99%	61.13%	15.02%	4.54%	3.19%	0.31%	3.06%	1.76%	0.00%
6_Ignorada	14.98%	32.78%	5.44%	2.11%	3.38%	0.00%	0.00%	0.82%	40.49%
Posição na Família									
9_Pessoa de referência	5.04%	74.40%	11.56%	5.16%	2.02%	0.32%	0.34%	1.05%	0.11%
2_Cônjuge	2.75%	73.57%	13.82%	6.25%	1.74%	0.23%	0.33%	1.21%	0.10%
3_Filho	5.76%	73.28%	12.80%	5.39%	1.15%	0.17%	0.27%	1.00%	0.18%
4_Outro parente	7.20%	74.63%	11.29%	4.37%	1.07%	0.22%	0.28%	0.75%	0.21%
5_Agregado	5.63%	74.44%	10.11%	6.16%	1.64%	1.05%	0.16%	0.72%	0.08%
6_Pensionista	15.88%	59.75%	11.84%	9.56%	0.22%	1.68%	0.00%	1.07%	0.00%
7_Empregado doméstico	5.35%	79.19%	13.10%	2.29%	0.00%	0.00%	0.00%	0.06%	0.00%
8_Parente do empregado doméstico	1.56%	87.16%	10.76%	0.52%	0.00%	0.00%	0.00%	0.00%	0.00%
Área - com área urbana fragmentada									
1_Capital	7.67%	67.47%	12.81%	6.73%	2.78%	0.39%	0.58%	1.31%	0.27%
2_Área metropolitana (não capital)	7.68%	62.93%	17.45%	7.57%	1.80%	0.31%	0.53%	1.69%	0.06%

3_Área urbana não metropolitana	4.05%	76.33%	12.25%	4.75%	1.22%	0.19%	0.18%	0.90%	0.12%
4_Área rural	2.83%	83.67%	8.77%	3.73%	0.25%	0.07%	0.09%	0.49%	0.11%
Região Geográfica									
Norte	4.53%	72.62%	15.66%	5.49%	0.30%	0.02%	0.06%	1.22%	0.11%
Nordeste	5.45%	80.77%	8.62%	3.27%	0.67%	0.08%	0.07%	0.79%	0.28%
Sudeste	5.64%	68.80%	15.09%	6.03%	2.27%	0.24%	0.54%	1.27%	0.13%
Sul	3.01%	76.86%	9.85%	7.41%	1.27%	0.67%	0.27%	0.66%	0.01%
Centro-Oeste	5.90%	71.13%	14.19%	5.59%	1.87%	0.07%	0.11%	1.07%	0.05%

Fonte: CPS/FGV a partir dos microdados da POF 2003/IBGE

Anexo 3: Dados Globais

a. Frequência a Culto Religioso – Ranking/Principais

Mais

COUNTRY	% Attended Religious service	rank
Nigeria	93	1
Burundi	92	2
Sierra Leone	89	3
Somaliland	88	4
Chad	87	5
Haiti	86	6
Djibouti	82	7
Liberia	82	8
Bangladesh	81	9
Indonesia	79	10

Intermediários

Ecuador	53	74
Bolivia	52	75
Ireland	52	76
Peru	52	77
Brazil	50	78
Occupied Palestinian Territories	49	79
Trinidad and Tobago	49	80
Cambodia	48	81
Puerto Rico	48	82
Italy	47	83

Menos

Czech Republic	15	144
Mongolia	15	145
Russian Federation	14	146
Finland	13	147
Norway	13	148
Uzbekistan	13	149
Estonia	12	150
Sweden	12	151
Viet Nam	10	152

Fonte: CPS/FGV a partir do Gallup World Poll

Mais

Intermediários

Menos

Fonte: CPS/FGV a partir do Gallup World Poll

11. BIBLIOGRAFIA

ALDOUS, Joan. 1983. "Problematic elements in the relationship between churches and families." Pp. 67-80 in *Families and Religions: Conflict and Change in Modern Society*, edited by W. D'antonio and J. Aldous. Beverly Hills, CA: Sage.

ALMEIDA, Ronaldo. *Dinâmica religiosa na metrópole paulistana*. Disponível em: <<http://cholar.google.com.br>>.

AZZI, C. and R. Ehrenberg (1975). "Household Allocation of Time and Church Attendance," *Journal of Political Economy*, February, 27- 56.

BARRO, Robert J. & Rachel McCleary. 2003. "Religion and Economic Growth," *NBER Working Papers* 9682, National Bureau of Economic Research

BARRO, Robert J. & Rachel M. McCleary, 2002. "Religion and Political Economy in an International Panel," *NBER Working Papers* 8931, National Bureau of Economic Research

BENEDETTI, Luiz Roberto. *Pentecostalismo, Comunidades Eclesiais de Base e Renovação Carismática* – Cadernos CERIS, nº 2, Rio de Janeiro: CERIS, Paulinas, Loyola, Paulus; Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

BRUCES, S. 1999. *Choice and Religion: A Critique of Rational Choice Theory*. Oxford/New York: Oxford Univ. Press.

BRUNEAU, T. 1974. *The Political Transformation in the Catholic Church*. New York.

CALL, Vaughn and Tim B. Heaton. 1997. "Religious Influence on Marital Stability." *Journal for the Scientific Study of Religion* 36:382-93.

CHAVES, M. and D. E. Cann (1992). "Regulation, Pluralism, and Religious Market Structure," *Rationality and Society*, 272-290.

CHAVES, M. and p. S. Gorski (2001). "Religious, Pluralism and Religious Participation," *Annual Review of Sociology*, 261-281.

CHRISTIANO, KJ. 1987. *Religious Diversity and Social Change: American Cities, 1890-1906*. New York: Cambridge Univ. Press.

CLARKE, P. B. 1999. *Pop-star Priests and the Catholic Response to the 'explosion' of Evangelical Protestantism in Brazil: The Beginning of the End of the 'walkout'?* In *Journal of Contemporary Religion*, Vol. 14, nº. 2, 1999.

CLEARY, E. & Stewart-Gambino, H. (eds) 1992. *Conflict and Competition: The Latin Latin-American Church in a Changing Environment*. Boulder: Lynne Rienner.

COOMBS, Lolagene C. and Zena Zumeta. 1970. "Correlates of Marital Dissolution in a Prospective Fertility Study: A Research Note." *Social Problems* 18:92-102.

DEGRANDIS, R. SCHUBERT, L. 1990. *Vem e segue-me: a liderança na Renovação Carismática Católica*. 2ª Edição, São Paulo: Loyola.

DICKINSON, F. "The Changing Position of Philanthropy in the American Economy". New York: Columbia Univ. Press, 1970.

DURKHEIM, Emile. [1915] 1965. *The Elementary Forms of Religious Life*. New York: Free Press.

ESPOSITO, J. L. (1998). "Religion and Global Affairs: Political Challenges," *SAIS Review*, summer-fall: 19-24.

FERNANDES, Silvia R. A. *Crenças, motivações para crer e espiritualidades. Catolicismo e experiência religiosa no Piauí – pesquisa com a população*. Rio de Janeiro: CERIS; São Paulo: Loyola, 2005 (Coleção CERIS, 3).

FERNANDES, Silvia R. (org.) (2006) *Mudança de religião no Brasil - desvendando sentidos e motivações*. São. Paulo: Palavra e Prece

FINK, R. & STARK, R. 1988. *Religious economies and sacred canopies: Religious mobilizations in American Cities*, 1906, *American Sociological Review* 53:41-49.

FINK, R. & STARK, R. 1992. *The churching of America – 1776 – 1990: Winners and losers in our religion economy*. New Brunswick, NJ: Rutgers University Press.

FINKE, R. & IANNACCONE, L. R. 1990. *Religious Deregulation: Origins and Consequences*. *Journal of Church and State* 132:609-26.

_____. 1993. *Supply-side explanations for religious change in America*. *The Annals*, 527:27-39.

FOX, J. (2001c). "Religious Causes of International Intervention in Ethnic Conflicts." *International politics* 38 (4): 515-31.

FREIRE, Gilberto: *Casa Grande e Senzala*, Rio de Janeiro: Schmidt, 1933.

GILL, A. (1998). *Rendering Unto Caesar: The Catholic Church and the state in Latin America*. Chicago: University of Chicago Press.

GLENN, Norval and Beth Ann Shelton. 1985. "Regional Differences in Divorce in the Unites States". *Journal of Marriage and the family* 47:461-52.

GLOCK, G., and Stark, R. "Religion and Society in Tension." Chicago: Rand McNally, 1965.

GOCKEL, G. "Income and Religious Affiliation: A Regression Analysis." *American J. Soc.* 74 (May 1969): 632-47.

GREELEY AM. 2000. *Religion in Europe at the End of the Second Millennium. Book ms in Review.*

IANNACCONE, L. & FINKE, R. 1993. *Supply-side explanations for religious change.* *The Annals* 527:27-39.

IANNACCONE, L. R. 1992. *Religious Markets and the Economics of Religion.* *Social Compass*, 39:123-31. 1992.

_____. 1994. *Why strict churches are strong.* *American Journal of Sociology*, 99:1180-1211.

_____. 1996. *Reassessing Church Growth: Statistical Pitfalls and their Consequences.* In *Journal for the Scientific Study of Religion*, 35 (3): 197-216.

KAMEL, A. *Sobre o Islã: Afinidades entre Muçulmanos, Judeus e Cristãos e as Origens do Terrorismo, Nova Fronteira, 2007*

JACKSON, E.; FOX, W; and CROCKET, H. "Religion and Occupational Achievement." *American Soc. Rev.* 35 (February 1970): 48-63.

JACOB, César R. (Org). *Atlas da filiação religiosa e indicadores sociais.* Rio de Janeiro, RJ/ São Paulo. PUC/ RJ/ Loyola, 2003.

JOHNSON CD. 1995. *Supply-side and demand-side revivalism? Evaluating the social influences on New York state evangelism in the 1830s.* *Soc. Sci. Hist.* 19:1-30.

LAZARWITZ, B. "Some Factors Associated with Variations in Church Attendance." *Soc. Forces* 39 (May 1961): 300-309.

LENSKI, G. "Social Correlates of Religious Interest." *American Soc. Rev.* 18 (October 1953): 533-44.

MAFRA, Clara. *Relatos compartilhados: experiência de conversão ap pentecostalismo entre brasileiros e portugueses.* *Mona* 6(1): 57- 86, Rio de Janeiro: PPGAS/ UFRJ, 2000.

MARTIN, R. C. (1989). "The Study of Religions and Violence," in D. C. Rapport and Y. Alexandre (eds.), *The Morality of Terrorism: Religious and Secular Justifications*, 2nd edn. New York. Columbia University Press.

MEDEIROS, Kátia M^a. FERNANDES, Sílvia R. A. (Orgs). *Catolicismo e experiência religiosa no Piauí – pesquisa com a população.* Rio de Janeiro: CERIS; São Paulo: Loyola, 2005. (Coleção CERIS, 3).

NERI, Marcelo *Retratos da Religião no Brasil*, Centro de Políticas Sociais, Fundação Getúlio Vargas, 2005 <http://www.fgv.br/cps/religioes/inicio.htm>

NERI, Marcelo A Ética Pentecostal e o Declínio Católico, *Revista Conjuntura Econômica*, Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, maio de 2005

NERI, Marcelo *Economia das Religiões*, Centro de Políticas Sociais, Fundação Getúlio Vargas, 2007 <http://www.fgv.br/cps/pesquisas/religioes>

NERI, Marcelo Crise Metropolitana e Conversão Religiosa, *Revista Conjuntura Econômica*, Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, Junho de 2007

NOVAES, Regina, *Os Jovens "sem religião": ventos secularizantes, "espírito de época" e novos sincretismos*. Notas preliminares, Estudos Avançados, volume 18 número 52 setembro/ dezembro 2004, p. 325.

ORO, A. P. 1966. *Avanço Pentecostal e Reação Católica*. Petrópolis: Vozes.

_____. 1991. *Mobilidade Religiosa dos católicos no Sul do Brasil*. In Revista Eclesiástica Católica. Vol. 51, Rio de Janeiro, junho: 309-331.

_____. *Considerações sobre a liberdade religiosa no Brasil*. Ciências e Letras, Porto Alegre, nº 37, P. 433-447, 2005. Disponível em: <http://www.fapa.com.br/cienciasletras/publicacao.htm>. Acesso em 03/02/2006.

PERL P. Olson DVA. 2000. Religious market share and intensity of church involvement in five denominations. J. Sci. Study Relig. 39:12-31

PIERRUCCI, Antonio Flavio. *O retrovisor polonês*. IHU on-line, nº 136. São Leopoldo: Unisinos, 2005. Disponível em <http://www.ihu.unisinos.br> Acesso em 20/04/2005.

_____. "Bye, Bye Brasil" – O declínio das religiões tradicionais no Censo 2000. *Estudos avançados – Religiões no Brasil*. Vol. 18 – nº 52 – São Paulo: USP; 2004. pp.17-28.

_____. *O desencantamento do mundo – todos os passos do conceito de Max Weber*. São Paulo: USP, Editora 34, 2003.

SALES, S. "Economic Threat as a Determinant of Conversion Rates in Authoritarian and No authoritarian Churches." J. Personality and Soc. Psychology 23 (1972): 420-48.

SOUZA, Luiz Alberto; FERNANDES, Silvia R. A. (Org). *Desafios do Catolicismo na cidade – pesquisa em regiões metropolitanas brasileiras*. São Paulo: Paulus, 2002.

TEIXEIRA, Faustino. *A teologia do pluralismo religiosa em questão*. Disponível em: http://www.empaz.org/dud/du_art04.htm Acesso em 03/12/2005.

THOMAS, S. M. (2000). "Taking Religious and Cultural Pluralism Seriously: The Global Resurgence of Religion and the Transformation Society," *Millennium* 29 (3): 815-41.

WARREN, B. "Socioeconomic Achievement an Religion: The American Case." *Soc. Inquiry* 40 (Spring, 1970): 130-55.

WEBER, Max. *Economia e Sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva*, Vol. 1. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998.

ZALESKI PA, Zech CE. 1995. *The effect of religious market competition on church giving*. *Rev. Social econ.* 53:350-67.

0401 Comblin Nachrufe

Preito de gratidão ao Pe. José Comblin

Pe. Luís Weel, Sacerdote

Adital/01.04.11

O que dizer neste momento do falecimento de Pe. José Comblin?

Conheci este grande guerreiro antes de ver em pessoa. Nos anos de 1962-1966 estudei teologia no seminário diocesano da diocese de Haarlem (Holanda). Foi aí que encontrei um livro dele em holandês "Ik zag een nieuwe hemel en een nieuwe aarde"= (Vi um novo céu e uma nova terra). O livro me fez sonhar da perspectiva de uma nova era que estava para iniciar no tempo do Concílio Vaticano II. Nem de longe tinha consciência que o apóstolo João, querido de Jesus, tinha escrito o livro do apocalipse como carta de consolação às comunidades de cristãos oprimidos e perseguidos. A grande realidade do tempo de João é que a boa nova da grande alegria passa por um vale de lágrimas. "Quem semeia entre lágrimas, recolhe a cantar".

Empolgado com a perspectiva de uma igreja renovada e a chegada do Reino da Justiça e Paz, fraternidade e partilha, resolvi me oferecer para o serviço da missão. Os caminhos de Deus são misteriosos. Cheguei no Nordeste do Brasil em junho do ano 1970.

Levei um grande susto ao ver e sentir os clamores dos oprimidos que como ovelhas eram abatidas e massacradas. Minha primeira tentação era, após cinco anos conforme o contrato entre os bispos, voltar para minha terra. Senti-me incapaz de enfrentar as inúmeras situações de miséria revoltante, brutalidade e morte sem sentido. Porém fiquei continuando, muitas vezes chorando e não querendo mais ouvir os gritos silenciosos de grandes multidões de pobres que não sabiam para onde ir e o que fazer para se libertarem.

Naquela época não queria ser um turista que está aí para passear sem compromisso.

Foi a partir dos anos de 1973 que aos poucos fui conhecer o Pe. José, que dedicava sua vida com inteligência, ciência, fortaleza e teimosia à causa dos marginalizados no campo, plantando a boa semente do Evangelho nos corações dos preferidos de Jesus, como por último plantou ainda uns dias atrás o pé de Pau Brasil para dar sombra à cova de sua sepultura. A imagem me faz lembrar o profeta Jonas, que, após o cumprimento da missão se sentia debaixo de uma árvore para ter sombra e contemplou que sua mensagem aos Ninivitas deu outros resultados que os esperados por ele. Ele ficou frustrado ainda mais quando a sombra que buscava debaixo da árvore desapareceu. A árvore secou.

Sem dúvida vai demorar muito antes que o pau Brasil, plantado por Pe. José vai dar a sombra que está procurando. O pau Brasil cresce muito lento. Também podemos dizer que isso não importa. Paz do cemitério não é a verdadeira paz. A melodia de Luís Gonzaga ressoe na minha cabeça: "Minha vida é andar por este país, para ver se um dia descanso feliz, guardando as recordações das terras onde passei, andando pelos sertões e amigos que lá deixei...

Não sinto dor ou saudade neste momento. Somente gratidão por sua coerência com o Evangelho e a vivência até o último suspiro com o projeto de Deus para com os pequenos desta terra. Rezo e espero que Deus me dê um pouco de sua coragem de perseverar até o fim no cumprimento da missão. Obrigado Pe. José por sua vida e seu exemplo.

Pêssames para você Monica, companheira e servidora fiel que tem dedicado sua vida de serva humilde à causa da evangelização e apoio a Pe. José em todos os momentos. Sem dúvida é você que mais do que qualquer um vai sentir a ausência do nosso guerreiro. Só as palavras do Evangelho ajudam para passar pelo vale de sombras: "Não tenhas medo. Estou com você até os confins do tempo".

Ao acompanhar, daqui da Holanda, o enterro que está acontecendo por volta deste horário, ouço na minha mente a canção do salmo: "Se Deus nos levar pra casa do nosso exílio, isso será nosso grande sonho".

Adeus a todos.

Adeus Medellín. José Comblin: migrante, guerreiro, teólogo

Paulo Suess, Assessor Teológico do Cimi
Adital/01.04.11

"Cansado da viagem, Jesus sentou-se junto ao poço de Jacó, num terreno que Jacó tinha dado ao seu filho José" (cf. Jo 4,5s). Este foi o Evangelho que José Comblin preparava para celebrar a Missa deste 3º Domingo da Quaresma (27.3.2012). Comblin estava de passagem em Simões Filho, município logo ao lado de Salvador (BA), para fazer uma revisão de seu estado de saúde e assessorar um grupo de base. José Comblin, um poço de sabedoria, morreu sentado, junto ao poço de Jacó - a vida toda ao lado de Jesus conversando com a Samaritana, a excluída do templo, da sociedade machista e do pretório. O templo e o pretório nunca lhe perdoaram essa proximidade à Samaritana. O fizeram refugiado em Talca (Chile), Riobamba (Equador) e, por fim, no Brasil, em Barra (BA), no sertão da Bahia, onde o profeta franciscano D. Luiz Cappio, o confessor Jose Comblin e a samaritana leiga Mônica constituíram uma comunidade teológico-pastoral.

Comblin marcava anualmente presença em nosso curso de pós-graduação em Missiologia. Provocava os estudantes com sua "Teologia da Enxada", com sua ênfase ao laicato, com seu espírito libertário, com sua radicalidade missionária e autenticidade vivencial. Comblin sempre soube que vale virar esse mundo, viver e lutar de paixão. No terreno que Jacó tinha dado ao seu filho José, Comblin era posseiro militante. De cavernas remotas trouxe notícias de vida e sobreviventes. Lutou quando era fácil ceder. Quantas lutas teve que assumir por um poço de paz!



Em Medellín, no Congresso dos 40 anos da "Segunda Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano", em 2008, encontrei Comblin uma última vez. Depois de sua palestra, um aceno significativo que parecia dizer: adeus Medellín, adeus companheiros e companheiras. Hoje, dia 27 de março, José Comblin morreu aos 88 anos numa hospedaria de Simões Filho (BA). No brasão desta cidade está escrito: *Angelus Pacis*, anjo da paz. Que o anjo da paz ampare nosso guerreiro na grande travessia!

Como o profeta Amós, Padre José Comblin incomodava

Frei Carlos Mesters, O.Carm.
Biblista. Fundador do CEBI
Adital/29.03.11

Padre José Comblin morreu. Um bispo o criticou, como: "Comblin, homem cansado e pessimista". O pessoal das Comunidades por onde ele andava não o chamava de Comblin, mas sim de "Padre José". Padre Comblin incomodava as pessoas de poder, mas era amado pelos pobres que o acolhiam carinhosamente como Padre José.

Padre José Comblin nasceu na Bélgica nos anos 20 do século passado e nos anos 50 veio trabalhar e anunciar a Boa Nova aqui no Brasil. O profeta Amós era de Judá no Sul e foi trabalhar e anunciar a Boa Nova de Deus em Israel no Norte, no santuário de Betel. Amasias, o sacerdote de Betel, não gostou e

denunciou o profeta junto ao rei Jeroboão, dizendo que já não se podia tolerar as palavras de Amós. E mandou dizer ao próprio Amós: "Ó, seu profeta, vá embora daqui. Retire-se para sua terra Judá. Vá ganhar sua vida por lá com suas profecias. Mas não me venha mais fazer suas profecias aqui em Betel, pois isto aqui é o santuário do Rei e o templo do Rei". Amós mandou dizer: "Eu não sou profeta nem filho de profeta. Sou camponês, criador de gado e cultivador de sicômoros. Foi Javé que me tirou de trás do rebanho e me ordenou, 'Vá profetizar ao meu povo Israel!'" (Amós 7,10-15).

Como o profeta Amós, Padre José Comblin incomodava aos homens do poder no tempo da ditadura e foi expulso várias vezes. Incomodava também aos que exercem o poder na Igreja. Alguns deles chegaram a dizer que já não se podia tolerar as coisas que ele dizia, e eles proibiram a fala dele várias vezes em vários lugares.

Como o profeta Amós, Padre José, ele mesmo, nunca se apresentou como profeta. Ele se apresentava como ser humano cristão e sacerdote, cumpridor fiel do seu dever. Posso testemunhar: convidado para falar nas comunidades e nos grupos do CEBI, Padre José convencia as pessoas pela simplicidade do seu jeito de conversar e dialogar, pelo testemunho da sua sinceridade e profundidade de vida e pela quantidade enorme de informações de que dispunha para confirmar as coisas que dizia e as denúncias que fazia.

Mesmo ausente ele continua presente. Como o profeta Amós, "seu corpo foi sepultado em paz, mas o seu nome viverá através das gerações" (Ecl 44,14). Eternamente grato.

Frei Carlos Mesters, O.Carm. Convento do Carmo, São Paulo, 28 de março-2011.

É preciso sonhar

José Comblin, Teólogo

Adital/31.03.11

[O texto abaixo é a transcrição da conferência proferida na Universidade Centro-Americana em San Salvador, em 14/11/2010].*

"Boa tarde a todas e todos.

Não é a primeira vez que falo neste lugar, mas agradeço muito a amizade de Jon Sobrino. Nós nos conhecemos há muito tempo e eu o estimo como uma das cabeças mais lúcidas deste tempo que renovou completamente a Cristologia.

Bom... As perguntas de ontem me deram a impressão de que em muitas pessoas há certo desconcerto em relação à situação atual da Igreja. Ou seja, uma sensação de insegurança. Como dizia Santa Teresa, por "não saber nada a respeito, que nada provoque temor". Quando era jovem eu conheci algo semelhante e, talvez, pior. Era o pontificado de Pio XII. Ele havia condenado todos os teólogos importantes, havia condenado todos os movimentos sociais importantes, por exemplo, a experiência dos padres operários na França, Bélgica e outros países. Aí nós, jovens seminaristas e depois jovens sacerdotes, estávamos mais que desconcertados, perguntando-nos: mas, ainda há futuro? Eu me lembro que naquela época tinha lido uma biografia de um autor austríaco do papa Pio XII. E aí contava algumas palavras que havia escrito o Pe. Liber, jesuíta, professor de História da Igreja na Gregoriana. O Pe. Liber era confessor do Papa. Sabia tudo o que passava na cabeça de Pio XII e então dizia: "Hoje a situação da Igreja católica é igual a um castelo medieval, cercado de água, levantaram a ponte e jogaram as chaves na água. Já não há como sair (risos). Ou seja, a Igreja está cortada do mundo, não tem mais nenhuma possibilidade de entrar". Isso foi dito pelo confessor do Papa, que tinha motivos para saber essas coisas. Depois disso veio João XXIII e aí, todos os que haviam sido perseguidos, de repente são as luzes no Concílio e de repente todas as proibições são

levantadas. Aí nasceu a esperança. Digo isto para que não se perturbem. Algo virá. Algo virá que não se sabe o que, mas algo sempre acontece.

Como explicar essas situações que ainda podem recomeçar? Porque estamos nos aproximando da fase final da cristandade. Já faz muitos séculos que anunciaram a morte da cristandade... que está agonizando já faz cerca de 200 anos, mas ainda pode continuar sua agonia durante algumas décadas ou alguns anos. Ou seja, deixou de ser a consciência do mundo ocidental. Deixou de ser a força que anima, estimula, esclarece, explica a fonte da cultura, da economia, de tudo o que foi durante o tempo da cristandade. Tudo isso foi sendo destruído progressivamente desde a Revolução Francesa e aqui desde a independência, desde a separação do império espanhol. Então, pouco a pouco, apareceram muitos profetas que disseram que a cristandade morreu... já faz 200 anos. Mas agora creio que a cristandade está entrando em suas fases finais. Querem um sinal? A Encíclica Caritas et Veritate. Não sei quantas pessoas aqui leram a Encíclica. Se se vê a repercussão que teve no mundo: impressionante silêncio... Talvez silêncio respeitoso, mas mais provavelmente silêncio de indiferença. A doutrina social da Igreja não importa mais a ninguém, que também deixou de se interessar pelo que acontece na realidade concreta.

Há alguns anos, um sociólogo jesuíta muito importante, o Pe. Calvez, que teve um papel importantíssimo na criação e manutenção da Doutrina Social da Igreja, publicou um livro intitulado: "Os silêncios da Doutrina Social da Igreja". Ainda está em silêncio. Deixa de entrar com força nos problemas do mundo atual. Fica com teorias tão vagas, tão abstratas, tão genéricas... A carta Caritas in Veritate poderia ser assinada pelo Fundo Monetário Internacional (risos), pelo Banco Mundial... sem nenhum problema. Não há absolutamente nada que incomode esse pessoal. Então, para quê? Esse é o sinal.

Querem outro sinal? A Conferência de Aparecida disse muitíssimas coisas boas. Quer transformar a Igreja em uma missão, passar de uma Igreja de "conservação" a uma Igreja de "missão". Só que pensa que isso será feito pelas mesmas instituições que não são de missão, mas de conservação. Isso será feito pelas dioceses, pela paróquia, pelos seminários, pelas Congregações Religiosas. Estes aqui, de repente e por milagre, vão se transformar em missionários. Já se passaram três anos e o que aconteceu em sua diocese? Como se aplicou a opção pelos pobres? Não sei como é aqui, mas no Brasil não vejo muita transformação. Ou seja, a cristandade está se dissolvendo progressivamente, mas o problema é o depois. O que vem depois? Como? Daí a insegurança porque não sabemos o que vem depois. Isto aconteceu muitas vezes na história e ainda vai acontecer provavelmente muitas vezes. É preciso aprender a resistir, a suportar, a não se deixar desanimar ou perder a esperança pelo que vem acontecendo.

O que acontece é que em Roma não estão convencidos de que a cristandade está morta. Acreditam que as Encíclicas iluminam o mundo, que as instituições eclesiais iluminam e conduzem o mundo. Ou seja, é um mundo fechado, que de fato vive em um castelo medieval, cercado de água. E então, o que acontece? Vamos ver como interpretar, como ver o que está acontecendo. E então ver qual é o "método teológico" que convém para isso.

O Evangelho vem de Jesus Cristo. A religião não vem de Jesus Cristo

É preciso partir de uma distinção básica que agora vários teólogos já propuseram entre o Evangelho e a religião. O Evangelho vem de Jesus Cristo. A religião não vem de Jesus Cristo. O Evangelho não é religioso. Jesus não fundou nenhuma religião. Não fundou ritos, não ensinou doutrinas, não organizou um sistema de governo. Nada disso. Ele se dedicou a anunciar, a promover o Reino de Deus. Ou seja, uma mudança radical de toda a humanidade em todos os seus aspectos. Uma mudança, e uma mudança cujos autores serão os pobres. Dirige-se aos pobres pensando que somente eles são capazes de agir com essa sinceridade, com essa autenticidade para promover um mundo novo. Seria essa uma mensagem política? Não é política no sentido de que propõe um plano, uma maneira... não, para isso a inteligência humana é suficiente; mas como meta política, porque isto é uma orientação dada a toda a humanidade.

E a religião? Aah! Jesus não fundou uma religião, mas seus discípulos criaram uma religião a partir dEle. Por quê? Porque a religião é algo indispensável aos seres humanos. Não se pode viver sem religião. Se a religião atual aqui se desintegra... Há 38.000 religiões registradas nos Estados Unidos! Ou seja, não faltam religiões, elas aparecem constantemente. O ser humano não pode viver sem religião, mesmo que se afaste das grandes religiões tradicionais. Então, a religião é uma criação humana. Entre a religião cristã e as demais religiões, a estrutura é igual. É uma mitologia. Assim como há uma mitologia cristã, há uma mitologia hinduísta, xintoísta, confucionista. Isso é parte indispensável para a humanidade. Ou seja, como interpretar todo o incompreensível da humanidade pela intervenção de seres com entidades sobrenaturais, fora deste mundo, que estão dirigindo esta realidade.

Em segundo lugar, uma religião é feita de ritos. Ritos para afastar as ameaças e para acercar-se dos benefícios. Todas as religiões têm ritos. E todas têm pessoas separadas, preparadas, para administrar os ritos, para ensinar a mitologia. Isto é comum a todas. Então, isto devia acontecer com os cristãos também. Devia acontecer. Como poderiam viver sem religião?

Como começou essa religião? Deve ter começado quando Jesus se transformou em objeto de culto. O que aconteceu bastante cedo, sobretudo entre os discípulos que não o conheceram, que não haviam vivido com ele, que não haviam estado próximos dele. Então, a geração seguinte ou aqueles que viviam mais distantes, mais afastados, para eles Jesus se transformou em objeto de culto. Com isso se desumanizou progressivamente. O culto de Jesus vai substituindo o seguimento de Jesus. Jesus nunca havia pedido aos discípulos um ato de culto. Nunca havia pedido que lhe oferecessem um rito... nunca. Mas queria o seguimento, seu seguimento. Essa dualidade começa a aparecer cedo. 30 anos, 40 anos depois da morte de Jesus, já aparece com força suficiente para que Marcos escrevesse em seu Evangelho precisamente para protestar contra essas tendências de desumanização, ou seja, de fazer de Jesus um objeto de culto. Este Evangelho é precisamente para recordar uma palavra de profeta: Não! Jesus era isso. Jesus fez isso, viveu aqui neste mundo! Viveu aqui nesta terra.

Com o desenvolvimento da religião cristã que se fez - aqui problema para os teólogos -, progressivamente essa tentação reapareceu. Nasceu um começo de doutrina, o Símbolo dos Apóstolos. E o que diz o Símbolo dos Apóstolos sobre Jesus? Aah... diz que nasceu e morreu. Nada mais. Como se as outras coisas não tivessem importância, como se a revelação de Deus não fosse justamente a própria vida de Jesus, seus atos, seus projetos, todo o seu destino terrestre. Essa é a revelação, mas isso já vai se perdendo de vista. Os Símbolos de Nicéia e Constantinopla, da mesma maneira: Cristo nasceu e morreu. O Concílio de Calcedônia define que Jesus tem uma natureza divina e uma natureza humana. Mas, o que é uma natureza? Um ser humano não é uma natureza. Um ser humano é uma vida, é um projeto, é um desafio, é uma luta, é uma convivência em meio a muitos outros. Isso é o fundamental se queremos fazer o seguimento de Jesus.

A religião: distinção entre o sagrado e o profano

Progressivamente, aparece a partir dos primeiros Concílios um distanciamento entre a religião que se forma. Com Nicéia e Constantinopla já há um núcleo de ensinamento e de teologia e a Igreja vai se dedicar a defender, promover, aumentar essa teologia. Já se organizaram as grandes liturgias de Basílio e outros, e já se organizou um clero. O clero como classe separada é uma invenção de Constantino. Até Constantino não havia distinção entre pessoas sagradas e pessoas profanas. Eram todos leigos. Porque Jesus apartou a classe sacerdotal e não tinha previsto nenhuma maneira que aparecesse outra classe sacerdotal, porque todos são iguais. E não há pessoas sagradas e pessoas não sagradas, porque para Jesus não há diferença entre sagrado e profano. Tudo é sagrado ou tudo é profano.

Agora, na religião há uma distinção básica entre sagrado e profano. Em todas as religiões. E há um clero que se dedica ao que é sagrado. E os outros que estão no profano, na religião são receptores, não são atores. Não têm nenhum papel ativo. Para ter um papel ativo é preciso ser realmente consagrado. Isso começa no

tempo de Constantino.

E a partir daquilo vão aparecer duas linhas na história cristã. Os que, como o Evangelho de Marcos quer recordar: Não, Jesus veio para mostrar o caminho, para que o sigamos. Isso é o básico, o fundamental. Uma linha que vai renovar, aplicar em diversas épocas históricas o que foi a vida de Jesus e como ele o ensinou. E em toda a história podemos seguir. Claro que não sabemos tudo, porque a grande maioria dos que seguiu o caminho de Jesus foram pobres, dos quais nunca se falou nos livros de história e, portanto, não deixaram nenhum documento. Mas há pessoas que deixaram documentos e com isso podemos acompanhar onde, na história da Igreja cristã, aparece o Evangelho. Onde se buscou primeiramente a vivência do Evangelho. Os que buscaram radicalmente o caminho do Evangelho foram sempre minorias, como dizia Helder Câmara, "minorias abraâmicas".

A maioria está no outro pólo, na religião. Ou seja, dedicando-se à doutrina. Ensinando a doutrina, defendendo a doutrina contra os hereges e as heresias... Essa foi uma das grandes tarefas, praticar os ritos e formar a classe sagrada, a classe sacerdotal. Isso nos leva a uma distinção que vai se manifestar em toda a história. O pólo "Evangelho" está em luta com o pólo "religião" e "religião" com o pólo "Evangelho". Em toda a história. Toda a história cristã é uma contradição permanente e constante entre aqueles que se dedicam à religião e aqueles que se dedicam ao Evangelho. Claro que há intermediários e assim não há pólos totais. Mas na história há visivelmente duas histórias, dois grupos que se manifestam. A história oficial: quando eu era jovem nos davam aulas de História da Igreja que era "história da instituição eclesiástica" e ali só se falava da religião, supondo que a religião era a introdução ao Evangelho. Mas isso é uma suposição: que tudo o que nasceu no sistema católico vem de Jesus, como se dizia na teologia tradicional em tempos da cristandade, que tudo o que existe na Igreja Católica Romana, ao final, vem de Jesus. Com muitos malabarismos teológicos se consegue mostrar que tudo tem finalmente sua raiz em Jesus. Não têm sua raiz em outras religiões, em outras culturas. Como se os cristãos que se convertem à Igreja fossem totalmente puros de toda cultura e toda religião. Todos trazem sua cultura e sua religião, e introduzem em sua vida cristã elementos que são de sua religião e cultura anterior e por isso resulta uma religião que é sempre ambígua, complexa. É inevitável, porque os seres humanos que entram na Igreja não são anjos. Eles estão carregados de séculos e séculos de história e de transmissão cultural e tudo isso entra, naturalmente, na Igreja. Daí uma oposição que em matéria política, por exemplo, se mostra claramente. Se diz: o Evangelho procede de Deus e, portanto, não pode mudar. A religião é criação humana, portanto, pode e deve mudar segundo a evolução da cultura, das condições de vida dos povos em geral. Se a religião fica apegada ao seu passado, ela é pouco a pouco abandonada a favor de outra religião mais adaptada. O que é muito compreensível.

O Evangelho é vivido na vida concreta, material, social. A religião vive em um mundo simbólico. Tudo é simbólico - doutrina, ritos, sacerdotes... -, todos são entidades simbólicas, que não entram na realidade material. O Evangelho é universal, porque não traz nenhuma cultura e não está associado a nenhuma cultura, a nenhuma religião. As religiões estão sempre associadas a uma cultura. Por exemplo, a religião católica atual está ligada à subcultura clerical romana que a modernidade marginalizou, que está em plena decadência porque seus membros não quiseram entrar na cultura moderna. O Evangelho é renúncia ao poder e a todos os poderes que existem na sociedade. A religião busca o poder e o apoio do poder em todas as formas de poder. E são tão visíveis!

O poder... Lembro que na época da prisão dos bispos em Riobamba o núncio dizia: "se a Igreja não tem o apoio dos governantes, não pode evangelizar" (risos). Pode-se pensar o contrário: que caso se tenha o apoio dos poderes será difícil evangelizar. Mas essa é uma mentalidade que ainda é remanescente na cristandade entre a Igreja fundida em uma realidade político-religiosa e então naturalmente estavam unidas todas as autoridades: o clero e o governo; o clero e o Exército - tudo unido. Renunciar a isso é muito difícil. Renunciar à associação com o poder é muito difícil. Vou dar um exemplo. Meu atual bispo na Bahia é um franciscano, se chama Luis Flávio Cappio. Ficou famoso no Brasil por duas greves de fome que fez para

protestar contra um projeto faraônico do governo, baseado em uma imensa mentira. Não há tempo para contar toda a história, mas se tornou conhecido e foi convidado para o Kirchentag da Igreja alemã. Depois do convite falou em várias cidades da Alemanha. Um grupo se aproximou dizendo que vinham para entregar-lhe uma doação, uma ajuda para as suas obras. E era bastante: cerca de 100 mil dólares. Ele perguntou: "De onde vem esse dinheiro?" Disseram-lhe que são algumas empresas, alguns executivos que o recolheram. Então disse: "Não aceito. Não quero aceitar o dinheiro que foi roubado dos trabalhadores, dos compradores de material". Não aceitou nenhuma aliança com o poder econômico. Eu não sei quantos no clero não aceitariam (aplausos). Esse bispo é um franciscano igual a São Francisco. Toda a sua vida foi assim. Por isso fui morar ali para santificar-me um pouquinho em contato com uma pessoa tão evangélica... Então, como nasceu a Igreja? A Igreja de que se fala: essa realidade histórica, concreta de que temos experiência. Para o povo em geral a Igreja é o Papa, os bispos, os padres, as religiosas, religiosos... esse conjunto institucional de que se fala e que provoca também tanta incerteza, como vimos. Como nasceu a Igreja? Jesus não fundou nenhuma igreja. O próprio Jesus se considerava um judeu. Era o povo de Israel renovado e os primeiros discípulos também; Os doze apóstolos são os patriarcas da Igreja do Israel renovado. A primeira consciência era da continuação de Israel, a perfeição, a correção de Israel. Mas uma vez que o Evangelho penetrou no mundo grego, aí Israel não significava muitas coisas para eles e então Paulo inventa outro nome. Dá às comunidades que funda nas cidades o nome de "ekklesia", o que se traduziu por "igreja". O que é a ekklesia? O único sentido que tem no grego é "a assembléia do povo reunido que governa a cidade". Na prática eram as pessoas mais poderosas, mas enfim é que na cidade grega o povo se governa a si mesmo e o faz em reuniões que são "ecclesias". Paulo não dá nenhum nome religioso às comunidades; os vê como um grupo destinado a ser a animação. A mensagem de transformação de todas as cidades, de tal maneira que estão constituindo o começo de uma humanidade nova. E é uma humanidade onde todos são iguais, todos governam a todos. Depois vem a Carta aos Efésios em que se fala da Igreja como tradução de "kahal" dos judeus, ou seja, é o novo Israel. E a ecclesia é aí também o novo Israel. Ou seja, todos os discípulos de Jesus unidos em muitas comunidades, mas não unidos institucionalmente, mas unidos pela mesma fé. Todos constituem a "ecclesia", a grande Igreja que é o corpo de Cristo. Ainda não existem instituições.

Mas, naturalmente, não podia continuar assim. Os judeus que aceitaram o cristianismo não abandonaram todos o judaísmo. E quando o número de cristãos cresceu, o número de comunidades, ali começaram a penetrar algumas estruturas. No tempo de Paulo ainda não há presbíteros, mesmo que São Lucas diga o contrário. Mas São Lucas não tem nenhum valor histórico; isso todo o mundo já sabe. Atribui a Paulo o que se fazia em seu tempo. Então imagina que Paulo fundou presbíteros, conselhos presbiterais. Como se justificaria um bispo sem ordenar sacerdotes? Então, parece evidente um começo de separação ainda muito simples, porque ainda não há sacralidade, não há nada sagrado. Os presbíteros não são sagrados, assim como os presbíteros das sinagogas não eram sagrados. Eles tinham uma função, uma missão de governo, de administração, mas não uma função ritual, ou uma função de ensino de uma doutrina. Depois apareceram os bispos. No final do século II se estima que o esquema episcopal esteja generalizado, mas demorou bastante. Clemente de Roma, quando publica e escreve sua Carta aos Coríntios, diz "presbíteros", o que não é bispo. Ainda em Roma não há bispo, só presbíteros. Mas se organizou o esquema episcopal. É provável que para as lutas contra as heresias, contra o gnosticismo, se necessitasse de uma autoridade mais forte, para poder enfrentar o gnosticismo e todas as novas religiões sincréticas que aparecem naquele tempo.

E a Igreja como instituição universal, quando aparece? Houve, no século III, Concílios regionais: bispos de várias cidades que se reuniam. Mas uma entidade para institucionalizar tudo não existia. Quem inventou esta Igreja universal foi o imperador Constantino. Ele reuniu todos os bispos que havia no mundo com viagens pagas por ele, alimentação também paga por ele, e toda a organização do Concílio foi dirigida pelo imperador e os delegados do imperador. Isto constitui um precedente histórico. Até hoje não estamos livres

disso: que a Igreja universal como instituição tenha nascido com o imperador.

Depois, na história ocidental caiu o imperador romano e então progressivamente o papa conseguiu chegar à função imperial. Houve muitas lutas na Idade Média entre o papa e o imperador, mas sempre o papa se estimava superior ao imperador. Nas cruzadas, o papa era generalíssimo de todos os exércitos cristãos. Era uma personalidade militar - comandante em chefe do exército cristão. E dentro da linha dos Estados pontifícios, isto ainda se mantém.

Quando o papa perdeu o poder temporal, reforçou seu poder sobre as Igrejas: e governa as igrejas como um imperador, ou seja, todos os poderes são centralizados em uma única mão e com todas as vantagens de uma corte. Por que se não há nada de democracia na Igreja, quem são aqueles que orientam o papa? A corte! Os cortesãos, os que estão ali próximos. Claro que ele não pode fazer tudo, mas enfim uma corte separada do povo cristão. Ainda estamos sofrendo as consequências daquilo. O Papa Paulo VI disse em alguns momentos que realmente teria que mudar a função atual do Papa, ou seja, o que o Papa faz. João Paulo II na "Unum sint" disse também que é preciso dar-se conta de que o grande obstáculo no mundo de hoje é essa concentração de todos os poderes no Papa. Seria preciso encontrar outra maneira de exercer isso. Isso para dizer que tudo isto pertence à religião.

Tarefa da teologia: no Evangelho e na religião

A partir disso, qual é a tarefa da teologia? É complexa, justamente porque tem uma tarefa no Evangelho e uma tarefa na religião. A teologia foi durante séculos a ideologia oficial da Igreja. Seu papel era justificar tudo o que a Igreja diz e faz com argumentos bíblicos, com argumentos da tradição, liturgia, e um monte de coisas que eu aprendi quando estava no seminário. Claro que não acreditava nisso (risos), mas a maioria ainda crê nisso. Então, o que acontece?

Primeira tarefa: o que diz o Evangelho?

Primeira tarefa: o que diz o Evangelho? O que é de Jesus? O que é penetração do judaísmo, de outra cultura, de outro tipo de religião? O que vem de Jesus segundo o Novo Testamento? Todo o Novo Testamento não vem de Jesus? Não, as Epístolas pastorais que falam, por exemplo, dos presbíteros, isso não vem de Jesus. Então, a tarefa da teologia consistirá em dizer o que é de Jesus, o que realmente quis, o que realmente fez e em que consiste realmente o seguimento de Jesus.

Vendo a história, quais foram as manifestações, onde, em formas diferentes - porque as situações culturais eram diferente -, onde podemos reconhecer a continuidade dessa linha Evangélica? Porque se quisermos penetrar no mundo de hoje e apresentar o cristianismo ao mundo de hoje, tudo o que é religioso não interessa. O que pode interessar é justamente o Evangelho e o testemunho evangélico. Ninguém vai se converter pela teologia. Você pode fazer todas as melhores aulas, ninguém vai se fazer cristão por causa da teologia. Por isso, me pergunto: por que nos seminários se crê que a formação sacerdotal é ensinar a teologia? Eu não entendo, não entendo. Não há outra coisa necessária para evangelizar? Não é muito mais complexo? Por isso faz 30 anos que decidi, na presença de Deus, nunca mais trabalhar em seminários (risos).

Então, a linha evangélica é essa - São Francisco. São Francisco era um extremista. Não queria que seus irmãos tivessem livros: nada de livros. Com o Evangelho basta, não se necessita nada mais. Ele próprio dizia: "Eu, o que ensino, não aprendi de ninguém, nem do papa; o aprendi de Jesus diretamente, por seu Evangelho". Bom, isso é o que pode convencer o mundo de hoje que está em uma perturbação completa e que se afasta sempre mais das Igrejas institucionais antigas, tradicionais. Quase todas as grandes religiões nasceram entre os anos 1.000 e 500 antes de Cristo, salvo o Islã que apareceu depois, mas que é um ramo da tradição judeu-cristã.

O que fazer com a religião?

Segundo, a religião. O que fazer com a religião? É preciso examinar em todo o sistema de religião, o que ajuda, o que realmente ajuda a entender, a compreender, a agir segundo o Evangelho. Isso terá nascido por inspiração do Espírito em monges, por exemplo? Se você olha a vida dos monges do deserto no Egito, isso não é uma mensagem. Não é uma mensagem e também não vem do Evangelho. Ou seja, muitas coisas vêm não se sabe de que tradição, talvez pode ter sido do budismo ou outras coisas assim. Então, examinar o que é o que ainda vale hoje, e sinceramente.

Jesus não instituiu 7 sacramentos. Até o século XII se discutia se eram 10, 7, 5, 9, 4. Não havia acordo. Finalmente, decidiram que havia 7. Bom, por motivos dos 7 dias do Gênesis, 7 planetas, o número 7... mas há coisas que visivelmente já não falam para as pessoas de hoje. Por exemplo, o sacramento da penitência com confissão a um sacerdote. Quantos se confessam atualmente? Há 20 anos, eu atendia na Semana Santa, em uma paróquia popular, 2.000 confissões, e o pároco outras tantas. Atualmente, 20, 30, ou seja, as pessoas já não respondem mais. Isso foi definido no século XII, XIII. Por que manter algo que já não tem nenhum significado e, ao contrário, provoca muita recusa? Ou seja, que alguém necessite falar com alguém, que o pecador goste de falar com alguém, mas não justamente ao sacerdote. Há muitas pessoas, muitas mulheres, que podem exercer esse ofício muito melhor, com mais equilíbrio, sem atemorizar como fazem os sacerdotes. Isso é uma coisa.

Mas há um monte de coisas que é necessário revisar porque não têm futuro. É inútil querer defender ou manter algo que já é obstáculo para a evangelização e que não ajuda absolutamente em nada. Nas liturgias há muitas coisas que mudar. A teoria do sacrifício foi introduzida pelos judeus, naturalmente. No templo se oferece sacrifícios, os sacerdotes são pessoas sagradas que oferecem o sacrifício. Toda essa teoria, atualmente não significa absolutamente nada. Que o padre seja dedicado ao sagrado para oferecer o sacrifício e que a Eucaristia seja um sacrifício, tudo isto vem de Jesus? Ah, não vem de Jesus. Então, é preciso ver se isso vale ou não vale. Para que manter algo que não vale?

E depois há também a outra parte: o que não ajuda, o que tem sido infiltração de outras tendências, outras correntes. Por exemplo, a vida ascética dos monges irlandeses. A Irlanda foi a ilha dos monges. Ali os bispos não tinham autoridade. Serviam apenas para ordenar sacerdotes, mas para as outras coisas podiam descansar. Quem mandava eram os monges. Os mosteiros eram os centros, o que é a diocese atualmente. Esses monges irlandeses viviam uma vida ascética, mas tão extraordinariamente desumana para nós que isso é impossível que venha de Jesus, é impossível que isso ajude, porque esses homens ali eram super-homens, mas não existem mais homens assim hoje. Um exercício de penitência que faziam, por exemplo, era entrar no rio - na Irlanda os rios são frios - e ficar nu para rezar todos os salmos (risos)... Essa maneira de entender a vida, não, não devemos considerar que isso seja cristão. Também não é marca de santidade. Não é assim que a santidade se manifesta. Examinar tudo o que vem de lá.

Todas as congregações femininas sabem o quanto é preciso lutar para mudar costumes, tradições que não são evangélicas. Quantos debates! Eu conheço uma série de congregações femininas e quanto tempo se gasta em discussões, disputas entre aquelas que querem conservar tudo e aquelas que querem abandonar o que não serve mais e encontrar outro modo de viver mais adaptado à situação atual! Então, a tarefa da teologia, claro que é mudar, isso muda a tradição, deixa de ser a ideologia de todo o sistema romano, mas essa não tem futuro. Esse tipo de teologia já faz tempo que foi progressivamente abandonado.

Na América Latina apareceu algo. Conhecemos um novo franciscanismo, ou seja, uma nova etapa, mas radical, de vida evangélica. Quando nasceu? Falei dos bispos que participaram disso e que animaram Medellín e da opção pelos pobres, dos santos padres da América Latina. E vocês os conhecem. Se for preciso marcar a origem do novo evangelismo da Igreja latino-americana, eu diria - não se esqueçam - dia 16 de novembro de 1965. Nesse dia, em uma catacumba de Roma, 40 bispos, a maioria latino-americanos, incitados por Helder Câmara, se juntaram e assinaram o que se chamou de "Pacto das Catacumbas". Ali se

comprometeram a viver pobres, na alimentação. Se comprometeram e, de fato o fizeram depois, uma vez que chegaram às suas dioceses. E depois, priorizar em todas as suas atividades o que é dos pobres, ou seja, deixando muitas coisas para se dedicar prioritariamente aos pobres e uma série de coisas que vão no mesmo sentido. Foram eles que animaram a Conferência de Medellín. Ou seja, nasceu aqui.

E tiveram um contexto favorável. O Espírito Santo já naquele tempo havia suscitado uma série de pessoas evangélicas. As Comunidades Eclesiais de Base já tinham nascido. Já havia religiosas inseridas nas comunidades populares. Mas, eram poucos e se sentiam um pouco marginalizados no meio dos outros. Medellín lhes deu como que legitimidade e ao mesmo tempo uma animação muito grande, e se expandiu. Foi toda a Igreja latino-americana? Claro que não. Sempre é uma minoria. Um dia, me lembro, um jornalista perguntou ao cardeal Arns - um santo, com quem vivemos muito boas relações de amizade: "você, senhor cardeal, aqui em São Paulo tem muita sorte, toda a Igreja se fez Igreja dos pobres, as monjas todas a serviço dos pobres, que coisa magnífica!". Aí, Dom Paulo disse: "Sim, pois, aqui em São Paulo 20% das religiosas foram às comunidades pobres; 80% ficaram com os ricos". Era muito. Atualmente, não há 20%.

Isto foi uma época de criação, uma dessas épocas em que há, às vezes, na história com uma efusão muito grande do Espírito. Mas temos que viver essa herança. É uma herança que é preciso manter, conservar preciosamente porque isso não vai reaparecer. Às vezes me perguntam: Por que hoje os bispos não são como naquele tempo? Porque aquele tempo foi uma exceção, ou seja, na história da Igreja é exceção. De vez em quando o Espírito Santo manda exceções.

E quem vai evangelizar o mundo de hoje? Para mim, são os leigos. E já aparecem muitos grupinhos de jovens que justamente praticam uma vida muito mais pobre, livre de toda organização exterior, vivendo em contato permanente com o mundo dos pobres. Já existem. Haveria mais se se falasse mais, se fossem mais conhecidos. Pode ser uma tarefa também auxiliar da teologia: divulgar o que está realmente acontecendo, onde o Evangelho está sendo vivido neste momento, para dá-lo a conhecer, para que se conheçam mutuamente, porque do contrário podem perder ânimo ou não ter muitas perspectivas. Uma vez que se unam, formem associações, cada qual com sua tendência, seu modo de espiritualidade. Não espero muito do clero. Então é uma situação histórica nova.

Mas acontece que os leigos deixaram de ser analfabetos; isso já faz tempo. Eles têm uma formação humana, uma formação cultural, uma formação de sua personalidade que é muito superior ao que se ensina nos seminários. Ou seja, têm mais preparação para agir no mundo, mesmo que não tenham muita teologia. Se poderia dar mais teologia, mas isso é outro assunto. Agora, não vamos pensar que amanhã quem vai colocar em prática o programa de Aparecida serão os sacerdotes. Eu não conheço tudo, mas levando em conta os seminários que eu conheço, as dioceses que eu conheço, seriam necessários 30 anos para formar um clero novo. E quem vai formá-lo? Para os leigos é diferente. Há muitíssimas pessoas dispostas, e pessoas com formação humana, com capacidade de pensar, de refletir, de entrar em relação e contatos, de dirigir grupos, comunidades... Mas muitos ainda não se atrevem, não se atrevem. Mas aí está o futuro. Para terminar, uma anedota: me chamaram para ir a Fortaleza, no nordeste do Brasil. Atualmente, Fortaleza é uma cidade muito grande - um milhão de habitantes (sic!). A Santa Sé havia afastado, marginalizado o cardeal Aloísio Lorscheider, mandando-o ao exílio em Aparecida, que é um lugar de castigo para os bispos que não agradam. Então, veio um sucessor, Dom Cláudio Hummes, que agora é cardeal em Roma. Cláudio Hummes suprimiu tudo o que havia de social na diocese, despediu todos: 300 pessoas com a longa trajetória de serviço, com capacidade humana. Um dia me chamaram: eram 300, chorando, lamentando: "e agora não podemos fazer nada. E agora, o que vai acontecer?". Eu lhes disse: "mas, vocês são pessoas perfeitamente humanizadas, desenvolvidas, com uma personalidade forte. Tiveram êxito em sua família, tiveram êxito em suas carreiras, em seus trabalhos profissionais. Do que agora se preocupam se o bispo quer ou não quer? Por que se preocupam se o pároco quer ou não quer? Vocês têm formação suficiente e a capacidade. Por que não agem, não formam uma associação, um grupo, de forma independente? Porque o

Direito Canônico - o que muitos católicos não sabem - permite a formação de associações independentes do bispo, independentes do pároco. Isso não se ensina muito nas paróquias, mas é justamente algo que é importante. Então, vocês podem muito bem reunir 4, 5 pessoas para organizar um sistema de comunicação, um sistema de espiritualidade, um sistema de organização de presença na vida pública, na vida política, na vida social: 300 pessoas com esse valor. Se paga, tem que pagar a 5, cada um vai gastar nem sequer 2% do que ganha, ou seja, podem muito bem manter 5 pessoas dedicadas a isso. E vão escolhê-los entre 25 e 30 anos porque essa é a época criativa. Até os 25 o ser humano se busca. A partir deste momento termina seus estudos e já conseguiu um trabalho. Então já quer definir sua vida: estes são os que têm capacidade de inventar. Todas as grandes invenções se deram por gente com essa idade". Mas não o fizeram. Por quê? O que acontece? Por que tanta timidez? "Vocês que são tão capazes no mundo, na Igreja nada!" Não se sentiam capazes, necessitavam do bispo que lhes dissesse o que fazer, necessitam de sacerdotes que lhes digam o que fazer. Como é possível? Certamente, não se lhes ensinou. Podem ser adultos na vida civil e crianças na vida religiosa.

Mas nós podemos! Nós podemos fazê-lo e multiplicá-lo em todas as regiões que vamos conhecer. Então, o futuro depende de grupos de leigos semelhantes, que já existem mesmo que ainda estejam muito dispersos. O futuro está aí, é tarefa de todos, começando pelos jovens. No Brasil há neste momento seis milhões de estudantes universitários. Dois milhões, são de famílias pobres - são pobres os que ganham menos de três salários mínimos, porque com menos disso não se pode viver decentemente. Dois milhões. E qual é a presença do clero? Pouquíssima. Alguns religiosos. Das dioceses? Nada. E ali está o futuro. São jovens que estão descobrindo o mundo. Claro, há alguns que entram no mundo das drogas, que se corrompem, mas é uma minoria. Ou seja, o conjunto são pessoas que querem fazer algo na vida. Se não conhecem o Evangelho não vão viver como cristãos. É preciso explicar, mas não explicar com cursos de teologia, mas explicar fazendo, participando de atividades que de fato são realmente serviços aos pobres. Isso é possível fazer.

Tarefa da teologia. Então será preciso mudar um pouquinho: menos acadêmico, mais orientado para o mundo exterior... com todos os que não estão mais na rede de influxo da Igreja, que não recebem. Mas, presença nisso. E uma teologia que se possa ler, sem ter formação escolástica, porque anteriormente se não se tinha formação aristotélica não se podia entender nada dessa teologia tradicional. Bom, a filosofia aristotélica morreu, ou seja, os filósofos do século XX a enterraram. Agora temos liberdade para ver no mundo como nos abrimos.

Obrigado pela atenção de vocês!"

[Conferência transcrita por Enrique A. Orellanae no dia 14-11-2010].

Comblin, o profeta da ironia afetuosa

Marcelo Barros, Monge beneditino e escritor
Adital/31.03.11

Hoje saí da UTI de um hospital de Olinda, no qual me abriram o peito e me recauchutaram o coração fragilizado, com duas pontes de safena. No reencontro com a vida, ainda no leito de uma enfermaria, fico sabendo da partida do padre José Comblin, meu velho professor de Teologia e amigo de tantos anos e companheiro de lutas e esperanças.

A um teólogo de fama mundial e de projeção pastoral como foi o padre Comblin, não faltarão testemunhos de muitos irmãos e irmãs que com ele conviveram e trabalharam por tantos anos. Eu fui apenas um dos seus alunos em todo o curso de Teologia e nem pertenci ao grupo mais ligado a ele na Teologia da Enxada ou mesmo no instituto de vida missionária que ele animava. Entretanto, fui marcado por sua figura e sua doutrina e tenho algumas experiências próprias que podem ser úteis que agora sejam recordadas. Há pouco

mais de uma semana, escrevi um pequeno artigo, defendendo a atualidade e a pertinência de sua profecia eclesial e popular. Ele me respondeu com uma breve mensagem de agradecimento e depois me mandou um texto maior explicando suas críticas ao estilo atual do poder na Igreja Católica.

Conheci o padre Comblin quando ele ainda era muito jovem, em 1964. Dom Hélder Câmara, então novo arcebispo de Olinda e Recife, trouxera uma equipe célebre de professores de Teologia. Entre eles estava o padre Comblin que, durante seus primeiros anos no Nordeste, ficou hospedado no mosteiro dos beneditinos. Naqueles anos, justamente, eu entrei no Mosteiro com a ânsia de renovação que motivava minha geração. Apesar de ser o tempo em que o Concílio Vaticano II propunha para a Igreja um novo Pentecostes, a maioria dos monges se apegava às velhas tradições. Apesar de ser muito discreto e viver outras preocupações pastorais, Comblin não deixava de ser irônico e quase sarcástico. E aquilo me atraía. No meu tempo de noviciado, li em francês "O Cristo no Apocalipse" onde se vê um Comblin exegeta e pouco conhecido. Li também, já em português "A Ressurreição", um belo livro da Herder no qual ele, antes do Vaticano II, sustentava que o fato teológico mais marcante para o século XX tinha sido a revalorização teológica e espiritual do mistério pascal e da ressurreição de Jesus.

Quando comecei a fazer Teologia no Seminário de Camaragibe, ele era o coordenador do curso. Na minha juventude, eu o achava contraditório. De um lado, ele ensinava uma teologia profunda, mas tradicional (não tradicionalista) e eu compreendia pouco isso. Esperava dele intuições inventivas e estas não apareciam, ao menos para mim. Sei que, neste tempo, ele produziu obras impressionantes como *Théologie de la Paix*, *Théologie de la Ville* e um estudo sobre Catolicismo Popular no Brasil. Mas, na época, não tive acesso a estas obras. Suas aulas eram dadas em um tom monocórdio, só interrompidas aqui e ali pelas risadas de alunos que festejavam as ironias do Comblin, aparentemente demolidoras, mas no fundo construtivas. Mais tarde, em 1968, o Instituto de Teologia do Recife nomeia uma equipe de três professores e três alunos para elaborar uma proposta de nova temática e nova metodologia teológica. O coordenador da equipe era Comblin e eu fazia parte dos três alunos que tinham de discutir com ele as propostas dos alunos. Eu tinha a sensação de que ele mal nos escutava, mas me surpreendi quando, depois de muitos debates ácidos, ele assumiu nossas propostas e estas foram, em sua maioria, implementadas. No mesmo ano, um escrito interno com o qual Comblin preparava a conferência episcopal de Medellín e propunha uma revolução social, extravasou para a imprensa. Ele que tinha ido a Europa foi proibido pela ditadura militar de voltar ao Brasil. Quando lhe perguntaram quem poderia, até o final do ano, coordenar o seu curso de Teologia dos Sacramentos, (estávamos em agosto), tive a surpresa e o orgulho de saber que ele escolhera o meu nome. Eu era apenas um dos alunos da classe do terceiro ano. A partir daí, sim, eu o assumi como um mestre de vida e procurava ler e estudar tudo que ele escrevia. A partir de então, descobri como ele inovava sua doutrina. Seu livro em dois volumes "Teologia da Revolução" foi meu batismo nos caminhos do que depois chamaríamos teologia da libertação. Nos anos 70, ele estava fora do Brasil e tivemos poucos contatos. Nos anos 80, o reencontrei mais velho e o achei mais aberto e comunicativo, sempre muito atento aos amigos. Um homem fiel às amizades e às relações. Era um intelectual de erudição raríssima, capaz de dissertar sobre Teologia, Política, Bíblia, Economia e muitos outros assuntos com uma competência incrível, ao mesmo tempo que punha em prática sua visão de uma teologia popular e seu carinho por um instituto para formar padres, missionários/as e religiosos/as que viessem do campo e não precisassem sair do meio rural. Algumas discussões com ele nortearam-me a vida. Por exemplo, a tentativa de libertar a Teologia cristã de sua base helenista (filosófica grega) ainda muito forte em nossa Igreja. Também, me impressionavam sempre a sua capacidade de criticar livremente a estrutura monárquica e absolutista do Vaticano. Mesmo um interesse imenso por uma vida religiosa mais popular e mais inserida, menos centrada nas estruturas das congregações. Nos últimos anos em que vivi no mosteiro de Goiás, sempre passou a Páscoa conosco. No Brasil, temos a graça de contar com teólogos e teólogas dos mais abertos e criativos do mundo, mas a contribuição própria do padre Comblin tem sido sempre a de uma liberdade interior de dizer o que pensa e ser um profeta crítico e irônico sempre capaz de lera história e as estruturas eclesiais a partir dos

empobrecidos e das grandes causas da América Latina. Em 2006, com Dom Tomás Balduino e com ele, fomos observadores internacionais das eleições presidenciais da Venezuela e, bem mais do que outros companheiros, eu o vi muito aberto ao bolivarianismo. Quem o conheceu de perto sabe que sua ironia era profunda, mas não era de ruptura e sim de afeição.

Como poucas pessoas, é o caso de Dom Helder Câmara, Comblin conseguiu ser cada dia mais aberto e crítico à medida que seus anos avançaram. Que sua herança teológica e profética seja por nós mantida e continuada.

José Profeta

Pe. Alfredo J. Gonçalves, Assessor das Pastorais Sociais.

Adital/30.03.11

De uns tempos para cá, os profetas estão fora de moda. Prevalece o espetáculo recheado de câmeras, holofotes e microfones. Em tempo de mídia, a visibilidade do fantástico ganha terreno sobre o silêncio da semente e do fermento. Com frequência se confunde mudança com show ilusionista, profusamente iluminado e ruidoso, com luzes, sons e imagens. José Comblin viveu, lutou e morreu para mostrar que a profecia continua viva e ativa. E que o Evangelho só é Boa Nova na exata medida em que se faz profecia renova em cada contexto histórico. E, ainda, que profetizar e evangelizar é promover a libertação integral do ser humano.

Três características marcam o movimento profético no Antigo Testamento: memória, denúncia e anúncio. A *memória* está associada a um reiterado "lembra-te" que remonta à abertura do decálogo: "Eu sou Iahewh teu Deus, que te fez sair da terra do Egito, da casa da escravidão" (Ex 20,2). O decálogo, por sua vez, vem precedido do código da aliança. Assim, os profetas procuravam, em primeiro lugar, trazer para o contexto do reinado e do exílio o espírito de libertação fundamentado na memória do êxodo. Ali se encontram suas raízes. Em outras palavras, se foste escravo no Egito, como podes agora submeter teus próprios irmãos ao mesmo regime? Enquanto sob o Faraó, os hebreus eram subjugados por uma nação estrangeira, agora era o próprio Estado de Israel que escravizava seu povo através de pesados impostos e do trabalho de corvéia. Contra isso se insurgem o movimento profético, retomando e atualizando as exigências do Deus que os tirou da condição de escravos.

Um Deus que "vê a aflição, ouve o clamor, conhece o sofrimento e desce para libertar" marca profundamente a experiência religiosa do Povo de Israel. Ou seja, esse povo vivenciou o contato vivo com um Deus único: atento, sensível e solidário com as condições de vida e trabalho dos oprimidos. Numa palavra, um Deus que caminha pelo deserto da história pessoal e coletiva. Os profetas tentam reviver e recriar essa mesma experiência num novo contexto de opressão e exploração.

Aqui entra em cena a segunda palavra chave do movimento profético. A *denúncia* tem uma força devastadora em figuras como Isaías, Jeremias, Amós, Oséias e Miquéias. Na mira de seus ataques estão os poderosos dos reinados do Norte e do Sul. São os "chefes da casa de Jacó e magistrados da casa de Israel", na medida em que desconhecem o "direito e a justiça", "comeram a carne de meu povo, arrancam-lhe a pele, quebram-lhe os ossos, cortaram-no como carne na panela" (Mq 3,1-3). Aos mesmos chefes e magistrados, o profeta acusa: "vós que detestais o direito, que torceis o que é reto; vós que edificais Sião com sangue e Jerusalém com injustiça" (Mq 3,9-10). Mas estão também na mira os líderes religiosos: "seus chefes julgam por suborno, seus sacerdotes ensinam por salário e seus profetas vaticinam por dinheiro" (Mq 3,11).

A veemência de Miquéias irá repetir-se nos demais representantes do profetismo vetero-testamentário. Sobrecarregados de tributos, os camponeses gemiam sob o reinado. O templo representava uma espécie de coração político e econômico da Israel, para o qual convergiam os esforços dos trabalhadores em forma de numerosos impostos. Daí a dureza das palavras proféticas contra chefes e magistrados, de um lado, falsos

profetas e sacerdotes, de outro, todos circulando na órbita do tempo e de seus rendimentos. Daí também as profecias sobre a destruição do tempo e do exílio.

A denúncia, porém, vinha acompanhada por um *anúncio*. Este se expressa de forma particular nos poemas de Isaías sobre a "Nova Jerusalém". "Vou criar novos céus e nova terra" – diz o profeta – "nela não se tornará a ouvir choro nem lamentação. Já não haverá ali criancinhas que vivam apenas alguns dias, nem velhos que não completem a sua idade; com efeito, o menino morrerá com cem anos". E prossegue: "Os homens construirão casas e as habitarão; plantarão videiras e comerão seus frutos (...). A duração da vida do meu povo será como os dias de uma árvore, os meus eleitos consumirão eles mesmos o fruto do trabalho de suas mãos" (Is 65,17-25).

A imagem de Isaías, que se repete com outras cores e graus nas páginas de vários profetas, será retomada pelo Apocalipse, no capítulo 21: "Vi então um céu novo e uma nova terra (...). Eis a tenda de Deus com os homens. Ele habitará com eles; eles serão o seu povo, e Ele, Deus-com-eles, será seu Deus. Ele enxugará toda lágrima de seus olhos, pois nunca mais haverá morte, nem luto, nem clamor e nem dor haverá mais. Sim! As coisas antigas se foram!" (Ap 21,1-4).

Nas últimas décadas da história brasileira, poucas pessoas representam esse triplice terreno da profecia como o belga José Comblin. Memória viva, denúncia vigorosa e anúncio de esperança e liberdade – assim se poderia resumir sua trajetória histórica. Ele que seguramente já conhece "o novo céu e a nova terra", deixa-nos muitas veredas para trilhar o caminho da fonte e da Boa Nova. José está vivo! O profeta com sotaque estrangeiro e com nome e alma brasileira, segue entre nós. Sua fala mansa e seus escritos proféticos seguem clamando por justiça. Nosso ponto final resume-se a um muito obrigado José!

7B

eMail

.....T.....

Absender: Juarez Barreira <jbarreira@t-online.de>
Datum: 06.04.11 07:35
Empfänger: brasilien@t-online.de <brasilien@t-online.de>, Francisco de Aquino <axejun@yahoo.com.br>, José Antônio da Góis <jaggois@yahoo.com.br>
Anlage:  html-1.2.html
Betreff: Fwd: [ipuarana] Enc: Enc: Comblin

----- Original-Nachricht -----

Betreff: [ipuarana] Enc: Enc: Comblin
Datum: Tue, 5 Apr 2011 17:46:49 -0700 (PDT)
Von: Sigismundo Feltosa Gomes <freisigis@yahoo.com.br>
Antwort an: ipuarana@yahooogrupos.com.br
An: ipuarana grupo <ipuarana@yahooogrupos.com.br>

Prezadas amigas e amigos,

Mando um texto que nos traz a lembrança do padre José Comblin, falecido em 27 de março pp.

Um abraço,

Eduardo Hoornaert.

O QUE JOSÉ COMBLIN NOS CONTOU EM 2007.

Eduardo Hoornaert

Por ocasião dos sessenta anos da ordenação sacerdotal de José Comblin, um bom grupo de amigos(as) e missionários(as) se reuniu no santuário de Ibiapina em Santa Fé (Arara), no brejo paraibano, para festejar a data, reatar os contactos, fortalecer a rede e reanimar o espírito. José tinha 85 anos e estava particularmente eufórico. Ele nos confidenciou detalhes sobre sua vida, algo que não costumava fazer.

1. Desde muito jovem, seus talentos intelectuais chamaram a atenção de familiares e educadores. Quando, provavelmente com a idade de 16 ou 17 anos, ele disse a seu tio padre que queria ser missionário, este respondeu prontamente: 'Missionário não, você é inteligente demais. Professor, isso sim, professor na universidade de Lovaina!'. Efetivamente, José estudou teologia em Lovaina e admirou a competência, aplicação e honestidade intelectual de professores como Lucien Cerfaux e Gustave Thils. Quando o novo 'doutor'

foi nomeado vigário auxiliar numa paróquia em Bruxelas, foi uma decepção: 'eu senti que não havia mais futuro para o catolicismo na Bélgica'. Então, ele procurou outra coisa. Quando, respondendo ao pedido do papa Pio XII, a universidade de Lovaina abriu um colégio para sacerdotes que desejavam partir para a América Latina, ele foi um dos primeiros candidatos.

2. Com a idade de 35 anos, em 1958, José partiu para o Brasil. Na conversa de 2007 ele insistiu: Não deixei a Bélgica para responder ao apelo do papa nem para combater o comunismo, o protestantismo ou o espiritismo (as três ameaças da época, na opinião do Vaticano). Parti tampouco para remediar a falta de padres. Eu compreendi que o cristianismo estava se extinguindo na Europa e só poderia renascer fora de um continente tão deformado por longa tradição de colonialismo, tráfico de escravos, matança de povos, deformado também por multissecular opressão da liberdade e das forças vitais do ser humano'. Ao encontrar aqui, já nos primeiros dias, pessoas que correspondiam à sua visão, a alegria era grande. José ficou imediatamente fascinado pelo Brasil. Seus primeiros contactos foram com jovens da JOC (juventude operária católica), pois, como muitos padres de sua geração, ele era influenciado por Cardijn, padre da diocese de Bruxelas e fundador da JOC. Educado num ambiente onde obediência, discrição e mesmo timidez eram apreciadas e mesmo encorajadas, ele encontrou aqui pessoas que não eram nem obedientes, nem discretas nem tímidas. 'Eu encontrei pessoas verdadeiras, que não escondiam o que eram, pessoas sem mentira'. A fascinação pelo modo de ser brasileiro aparentemente nunca mais o abandonou e isso me foi confirmado inesperadamente por sua própria irmã, que encontrei certa vez em Bruxelas, em 1980: 'O que fizeram ali com meu irmão? Ele não é mais o mesmo!'.

3. Comblin nunca foi a Roma: 'O que eu faria ali?'. Mas em 1968 o arcebispo Hélder Câmara lhe pediu de redigir um texto para a conferência dos bispos em Medellín (Colômbia). José foi a seu quarto e bateu o dia inteiro com os dedos na sua máquina de escrever. Sou testemunha, pois na época vivíamos na mesma casa, com portas e janelas sempre abertas. Principalmente a partir de textos de José Comblin, Gustavo Gutiérrez (Peru) e Juan Luis Segundo (Uruguay) surgiu então a expressão 'opção pelos pobres', na verdade uma confirmação verbal do que diversos bispos da América latina já estavam praticando na época, na fidelidade ao 'pacto das catacumbas' firmado em Roma no final do Concílio Vaticano II. Os três teólogos sabiam, pois, que estavam construindo sobre terreno firme, o que mais tarde ficou comprovado pelo surgimento da teologia da libertação. Dom Hélder Câmara, que era um homem perspicaz, tinha pedido, em 1965, a José Comblin de vir trabalhar em Recife. Desse modo o conselheiro de Dom Hélder entrou, aos poucos, em contacto com outros bispos progressistas da América latina como Leônidas Proaño (Ecuador), Mendez Arceo (México), Aloísio Lorscheider, José Maria Pires e muitos outros. A visão dos teólogos da libertação consistia basicamente na rejeição da ideologia do desenvolvimento e no aprofundamento de temas como opressão, ditadura econômica e política, fascínio do capitalismo (Jung Mo Sung) e solidariedade com os pobres. Quando o texto de 1968, por indiscrição, caiu nas mãos dos militares, Comblin entrou numa rota de colisão com o sistema e foi expulso do país em

1972. Ainda tentou viver no Chile, mas ali também Pinochet tomou o poder em 1974. A única possibilidade, depois da 'abertura lenta e progressiva' de 1977, consistia em permanecer no Brasil na qualidade de 'turista' por consecutivos períodos de três anos. Seu estatuto legal só foi regularizado no decorrer dos anos 1980.

4. Entretanto, Comblin muda outra vez o rumo de sua vida. Adeus formação sacerdotal em seminários e institutos de teologia, adeus grandes cidades. José desaparece e começa uma peregrinação de longos anos e grandes percursos, zigue-zague pelos imensos espaços do Nordeste, à procura de pessoas que se sensibilizem com sua ‘teologia da enxada’. A agricultura tradicional do Nordeste opera por meio da enxada, não do arado. Isso significa que a teologia da enxada parte da cosmovisão do agricultor comum, algo que pressupõe uma ‘reversão de todos os valores’ por parte de um teólogo formado por Cerfaux e Thils. Na qualidade de teólogo da enxada, José peregrina até três dias antes de morrer tranquilamente no Recanto da Transfiguração, em Salvador. Nos últimos anos ele conta com a dedicação incondicional de Mônica Muggler, que faz de tudo para que José possa trabalhar e viajar até a idade de 88 anos. Ela é motorista (ele mesmo não sabe dirigir carro!), planeja encontros (nos últimos anos de forma intensiva por meio de telefone celular), estabelece contactos, organiza planos de viagens, coloca textos na internet (laptop), encontra lideranças locais. José também tem seu laptop. Ele ainda me manda algumas palavras por ocasião de seu aniversário, cinco dias antes de morrer.

5. O milagre consiste no fato que um intelectual estrangeiro, de índole retraída, consegue estabelecer um laço provavelmente estável com a cultura iletrada do interior nordestino. Um milagre que, como todos os milagres, é incompreensível. Neste momento (31/03/2011) estou sendo informado que há velas acesas em cima de sua cova, ao lado do túmulo do padre Ibiapina, na calma e linda natureza do brejo paraibano, em baixo das árvores. E uma mulher se declara curada depois de rezar no túmulo do padre José Comblin.

Hier Klicchen



[através de email](#) | [Responder através da web](#) | [Adicionar um novo tópico](#)
Mensagens neste tópico (1)

ATIVIDADE NOS ÚLTIMOS DIAS:
Visite seu Grupo

YAHOO! GRUPOS

Trocar para: [SÃ³ Texto](#) • [Resenha DiÃ¡ria](#) • [Sair do grupo](#) • [Termos de uso](#)



CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL

Conselho Episcopal de Pastoral – 18ª Reunião

Brasília - DF, 9 a 11 de dezembro de 2009

P – Nº 0887/09

Nota da CNBB sobre a Conferência de Copenhague

“Toda a criação espera ser libertada da escravidão” (cf. Rm 8,21).

Nos dias 7 a 18 de dezembro, realiza-se a Conferência da ONU sobre Meio Ambiente - COP 15, em Copenhague. As decisões que serão tomadas pelos governantes terão impacto no futuro da humanidade e em todas as formas de vida no Planeta.

Considerando a importância dessa Conferência, bem como a urgência do tema em pauta, nós bispos do Conselho Episcopal de Pastoral (CONSEP), reunidos em Brasília, nos unimos ao apelo global direcionado aos líderes mundiais, exigindo um acordo corajoso com metas necessárias e mensuráveis na emissão de poluentes. Esperamos igualmente que as populações mais vulneráveis afetadas pelas mudanças climáticas recebam os recursos necessários para a sua adaptação e o seu desenvolvimento sustentável.

Diante da declaração de intenção do Governo brasileiro em diminuir, até 2020, em 38% a emissão de gases que provocam aquecimento da Terra, e a redução de 80% do desmatamento da Amazônia, manifestamos a nossa expectativa para que essas metas sejam acompanhadas por políticas nacionais coerentes, que promovam a sustentabilidade do desenvolvimento humano, especialmente das populações mais empobrecidas e a integridade da criação, em obediência aos seguintes princípios:

- O reconhecimento da água como direito humano, bem público e patrimônio de todos os seres vivos, com a consequente implementação de políticas hídricas que priorizem o ser humano e a dessedentação dos animais;
- A implementação de uma ampla política de reforma agrária e agrícola com uma justa distribuição da terra, em favor das unidades familiares e comunitárias, mais produtivas por hectare, geradoras de oportunidade de trabalho, produtoras de alimentos, em consonância com o meio ambiente;
- O aprimoramento e a implementação do Plano Nacional de Mudanças do Clima (PNMC), que orientem de modo adequado e coerente outros planos e iniciativas governamentais;
- A opção por uma matriz energética limpa e diversificada, junto com um maior investimento tecnológico e atenção à sabedoria e às práticas das populações tradicionais;
- A manutenção do código florestal e a busca de mecanismo de incentivo para a sua implementação;
- Transparência e controle social sobre os investimentos públicos e privados para que as políticas de Reduções de Emissões Associadas ao Desmatamento e à Degradação Florestal (REDD) não sejam regidos pelos interesses do mercado.

Movidos pelos gritos da Terra e dos seus filhos e filhas especialmente, dos mais empobrecidos, conclamamos as nossas comunidades eclesiais a realizarem nos dias 12 e 13 de

dezembro próximo, atos que sinalizem nossa preocupação com as decisões que serão tomadas na Conferência de Copenhague. *"Antes que seja tarde demais, precisamos fazer escolhas corajosas, que possam restabelecer uma forte aliança entre o ser humano e a Terra"* (Papa Bento XVI, discurso em Loreto).

Como gesto concreto, sejam promovidos debates, orações e vigílias junto com iniciativas de outras Igrejas e organizações sociais. Em consonância com a iniciativa das Igrejas de outros Continentes, incentivamos que se dêem 350 repiques de sino, às 12 horas do próximo dia 13 de dezembro. Este gesto simbólico visa alertar os governos a não permitirem que se ultrapassem 350 partes por milhão (PPM), limite máximo e seguro de dióxido de carbono (CO₂) na atmosfera, conforme atestam os cientistas que estudam o clima.

Que as celebrações do Advento nos coloquem em vigilante atitude na defesa e promoção da vida na Terra.

Brasília, DF, 10 de dezembro de 2009.

Dom Geraldo Lyrio Rocha
Arcebispo de Mariana
Presidente da CNBB

Dom Luiz Soares Vieira
Arcebispo de Manaus
Vice-Presidente da CNBB

Dom Dimas Lara Barbosa
Bispo Auxiliar do Rio de Janeiro
Secretário-Geral da CNBB

DiePresse.com | Panorama | Religion |  Artikel drucken

Brasilien löst sich von Rom

07.05.2012 | 18:12 | Von unserem Korrespondenten CARL D. GOERDELER (RIO) (Die Presse)

Noch ist Brasilien mit ca. 136 Millionen Katholiken das stärkste Standbein von Papst Benedikt XVI. Allerdings hält eine starke Abwanderungswelle an - hin zu evangelikalen Pfingstkirchen und Erweckungssekten.

Religion ist das „Opium des Volkes“ und „Seufzer der bedrängten Kreatur“, hat schon Karl Marx geschrieben. Was er damals, 1844, nicht so genau beschrieben hat, ist, wie man mit Religion Geschäfte macht. Da hilft in Brasilien das private „Seminar für Theologie“ (Centro de Formação Ministerial, Cefom). Laien können hier in einem 90-Tage-Schnellkurs lernen, wie man erfolgreicher „Glaubensmanager“ wird, quasi Religionsstifter mit eigenem Tempel.

„Die Kirche ist ein Unternehmen. Eines, das schwer zu führen ist, und dessen Aktien die Frömmigkeit sind.“ Das ist ein Kernsatz aus dem Kurs für Pastoren, die heute mit einer eigenen Kirchengründung Erfolg anstreben. Profitmaximierung, Marktanalyse, Marketing sind Vokabeln, die das selbsternannte Theologieinstitut in Rio de Janeiro predigt, nicht etwa Bibelexegese.

Gott garantiert goldene Zukunft

Der Glaube spielt indes nur eine Rolle als Marke: Ziel ist, nach drei Monaten einen pseudochristlichen Prediger zu kreieren, der es schafft, alle 90 Tage die Schar seiner Anhänger zu verdoppeln und die Spenden zu verdreifachen.

Man lernt, sich dafür eine Gegend auszusuchen, in der wenige Gotteshäuser stehen und viele Menschen einen „Hirten“ brauchen. Bei Armen punkte man mit Wunderheilungen und Taschenspielertricks. Hinterher sollte man um so strenger damit sein, den „Zehent“ zu verlangen, im Namen Gottes. Der Kurs ist nicht billig, rund 200 Euro im Monat, doch Absolventen garantiere Gott eine goldene Zukunft. Cefom bietet auch Seminare an, in denen man Diplome wie „Doktor des Heiligen Geistes“ bekommt, die mit umgerechnet 500 Euro teurer ausfallen. Dafür sind die rechtlichen Hinweise, wie man mit einer Kirchengründung zu Subventionen oder Steuererleichterungen kommt, auch Gold wert. Hinter dem Rücken des Christus auf dem Corcovado-Berg von Rio, zwischen Müllbergen und Kanälen, wächst die Schar der Gläubigen. Es sind keine Katholiken mehr, ihre Kirchen sind Baracken wie alle Häuser hier. Doch die Armut wird durch Gebete wettgemacht.

Evangelikale Pfingstkirchen und Erweckungssekten breiten sich in Brasilien so schnell aus wie die Elendsviertel. Dabei hat Brasilien, wo fast 70 Prozent der gut 195 Millionen Einwohner Katholiken sind, die größte römisch-katholische Landeskirche. Doch während der Erzbischof von Rio in drei Jahren nur eine neue Kapelle weihte, entstanden in dieser Zeit 673 evangelikale Kirchen. Ihre Prediger fragen nicht nach dem Gebetbuch, nur Hingabe zählt. Den Heiligen Geist beschwören sie nicht durch lateinische Litanei, sondern durch inbrünstige Lieder und Gebete.

Der emotionale Rausch und die religiöse Intimität unterscheiden die Pfingstgemeinden vom starren Ritus der Hochkirchen. Vor allem aber leben die Laienprediger unter den Ärmsten und teilen ihr Brot. Wann kommt schon ein Priester in die Favelas? Die katholische Kirche hat sich trotz der „Befreiungstheologen“ in ihr Ghetto zurückgezogen, zur Taufe und Hochzeit tritt man noch vor den Altar, aber sonst wirkt sie vor allem bei den Armen so weltfremd und unverständlich, dass diese in Massen zu den Freikirchen wechseln. Die Landflucht ist eine Mitursache für die Ablösung von Rom.

Die Kirche blieb im Dorf

Die Menschen wanderten in die Städte, vor allem deren arme Vorstädte, doch die Kirche blieb im Dorf und folgte nur zögernd. Seit Langem herrschen in den Favelas die neuen Sekten in Hütten und Bethallen, ihre Prediger kommen direkt aus dem Volk, sprechen dessen Sprache. Wozu auch ein Profi-Priester, wenn doch in der Bibel steht, dass jedermann direkt mit dem Heiligen Geist kommunizieren kann? Wenn das Wachstum dieser neuen Kirchen weiter so anhält, dürfte jedenfalls schon in zehn Jahren die Mehrheit der Brasilianer nicht mehr katholisch sein.

© DiePresse.com



12/08/2009 - 15:14 - Info-Brief 873: Präsident Lula verhandelt mit Betroffenen über Kraftwerk Belo Monte

Gestern, 22. Juli 2009, fand in Brasília ein Gespräch mit Präsident Luiz Inácio Lula da Silva über das Kraftwerk Belo Monte am Xingu (PA) statt, an dem vom Kraftwerk betroffene Indios und Siedler, der Bischof vom Xingu und CIMI Präsident Erwin Kräutler, der Professor für Energie und Elektrotechnik der Universität São Paulo, Célio Bergmann, die Staatsanwälte der Republik von Pará, Felício Pontes und Rodrigo Costa e Silva, Regierungsmitglieder sowie der amtsführende Präsident von Eletrobrás und der Präsident von Eletronorte teilnahmen.

Die Delegation aus Pará informierte den Präsidenten der Republik über die negativen Auswirkungen und übergab ein Dokument, in dem rechtliche, technische, ökologische, soziale und wirtschaftliche Probleme im Kontext von Belo Monte zusammengefasst sind.

Professor Bergmann erklärte dem Präsidenten, dass das Kraftwerk Belo Monte, dessen Bau mit mehr als 20 Milliarden Reais veranschlagt ist, lediglich 4.000 KW im Jahr produziere und nicht 11.000 KW wie Befürworter des Projekts versprechen. Drei Monate im Jahr, während der Trockenzeit, könnten nicht mehr als 2.000 KW produziert werden. Die Vertreter von Eletrobrás und Eletronorte haben diese Information nicht beeinträchtigt. Der Präsident zeigte sich von diesen Daten beeindruckt und will weitergehende Angaben über das Projekt.

„Ich hoffe, dass der Präsident aufgrund der technischen Daten und der Berichte über die Folgen des Kraftwerks für die Gemeinden, die Siedler entlang des Flusses und die Indios sensibilisiert ist“, sagte Bischof Kräutler nach dem für ihn positiven Gespräch. „Erstmals konnten wir dem Präsidenten unsere Sorgen und Betroffenheit mitteilen. Es war den Verantwortlichen des Energiesektors klar, dass wir uns sehr gut vorbereitet haben“, so Dom Erwin.

Präsident Lula kündigte weitere Sitzungen zu Belo Monte an, bemerkte, dass das Land eine Schuld gegenüber jenen, die von bereits gebauten Kraftwerken betroffen sind.

Auch José Carlos, vom Volk Arara, zeigte sich optimistisch: „Es gab einen Fortschritt in der Frage von Belo Monte, denn der Präsident verpflichtete sich, das Projekt nicht auf Biegen und Brechen auszuführen, obwohl in der Region die Befürworter sagen, Belo Monte werde um jeden Preis gebaut“. José Carlo erwartet eine bessere Analyse der Auswirkungen. „Bisher beschäftigte man sich nur mit den direkten Folgen auf das geflutete Land. Im Gebiet meines Volkes wird der Fluss austrocknen und man sagt, das ist eine indirekte Folge“, kritisiert er.

Umweltgenehmigung aufgehoben

Fehlende Angaben über die Auswirkungen des Kraftwerks Belo Monte auf indigene Gebiete in der Region des Xingu ist einer der Mängel in der Erhebung der Umweltauswirkungen (EIA), wie die Techniker des IBAMA hingewiesen haben. Trotzdem hat das IBAMA der Studie zugestimmt. Aufgrund dessen legte die Staatsanwaltschaft von Pará Einspruch gegen diese Entscheidung, beschuldigte den Mitarbeiter des IBAMA der administrativen Unredlichkeit, weil er der Studie zustimmte und eröffnete ein Verfahren gegen ihn. Anfangs Juni erließ das Gericht ein positives Gutachten hinsichtlich des Verfahrens der Staatsanwaltschaft und seither ist die Umweltgenehmigung aufgehoben.

12 Treffen der kirchlichen Basisgemeinden (CEB's) in Porto Velho

Vom 21. Bis 25. Juli 2009 findet in Porto Velho (Rondônia) das 12. Treffen der kirchlichen Basisgemeinden mit mehr als 5.000 Teilnehmern statt, darunter Vertreter von 40 indigenen Völkern. Das heurige Schwerpunkt CEB's: Ökologie und Mission hat als Motto: „Vom Schoß der Erde, der Schrei aus Amazonien“.

Lange Zeit hieß es eine neue Welt ist möglich. Nun müssten sich die CEB's einsetzen, dass eine neue Welt notwendig ist, betonte der Theologe Leonardo Boff. „Amazonien, Ort des Treffens, vermittelt die Realität der Zerstörung, der großen Wasserkraftwerke, des Todes von indigenen Völkern. Angesichts dieser Realität suchen die Menschen nach Lösungen. Die Bedeutung dieser Basisgemeinden liegt darin, dass sie sich an der Basis der Gesellschaft für Veränderungen einsetzen“.

Boff unterstrich die Rolle der indigenen Gemeinschaften für eine nachhaltige Welt. „Die Experten, die sich mit den Vorgängen in der Natur befassen sind einer Meinung, dass wir den Planeten

die sich mit den Vorgängen in der Natur belassen sind einer Meinung, dass wir den Planeten, Amazonien nur bewahren können, wenn wir auch die indigenen Völker schützen. (...) Sie wissen, wie sie im Einklang mit der Natur leben können". Die kirchlichen Basisgemeinden müssen ökologische Basisgemeinden werden und ein Beispiel geben für eine neue Welt. Wenn wir wollen, dass unsere Kinder auf diesem Planeten leben können, müssen wir uns ändern und dem Beispiel der indigenen Völker folgen".

Bei der Eröffnung des Treffens, der Erzbischof von Porto Velho, Dom Moacyr Grechi, die indigene Vertreterin Eva Canoé sowie der Theologe und geistliche Assistent der CEB's, Pater Benedito Ferraro, sprachen über die Arbeit der CEB's. „Die kirchlichen Basisgemeinden sollten nicht länger angesehen werden als eine neue Art Kirche zu sein, sondern als eine selbstverständliche Art Kirche zu sein, mit einer großen sozialen Verpflichtung auf dem Weg zur Befreiung im ganzheitlichen Sinn: wirtschaftlich, ökologisch, kulturell“, so Ferraro.

Dom Moacyr begrüßte die Teilnehmer und lobte den Einsatz der CEB's mit dem Hinweis auf ein afrikanisches Sprichwort: „Wenn viele einfache Menschen an vielen Orten viele gute Dinge tun, gelingen außergewöhnliche Veränderungen“.

Die CEB's würden die indigenen Kulturen und Religionen respektieren, „die Autonomie der indigenen Völker achten, den Einsatz für ihre Anliegen und Rechte unterstützen“, sagte Eva Canoé.

Brasília, 23. Juli 2008
CIMI – Indianermissionsrat

Brasília, 18 de Outubro de 2011

Laico e religioso

Autor(es): Roberto Pompeu de Toledo
Veja - 17/10/2011

Cada feriado religioso, como o de Nossa Senhora Aparecida, ocorrido na semana passada, põe em xeque o caráter laico do estado brasileiro. Fica claro que não é tão laico assim. Urge matizar o suposto laicismo. Seguem-se quatro alternativas:

- 1 - O estado brasileiro é uma entidade laica que tem o catolicismo como religião oficial.
- 2 - O estado brasileiro é uma entidade laica que tem o catolicismo (por enquanto) como religião oficial.
- 3 - O estado brasileiro é uma entidade laica imbuída da missão de prestigiar, sustentar e enriquecer as religiões.
- 4 - O estado brasileiro é uma entidade laica constituída sob a proteção de Deus.

Se o/a leitor/a escolheu uma delas, errou. Todas estão certas, como se passará a demonstrar.

Alternativa 1 - A Constituição assegura a liberdade de consciência e de crença (art. 5º, VI), donde decorre que o estado se manterá neutro diante das várias religiões. É a boa doutrina, parte inseparável do triunfo das liberdades e dos direitos humanos sobre o caráter teocrático das antigas monarquias ou de certos estados contemporâneos. No entanto, só a religião católica mantém sobre o calendário do país controle suficiente para impor feriados nacionais. Judeus, muçulmanos, budistas, umbandistas e outras minorias carecem de tal poder. Os evangélicos, a quem já não é lá tão própria a qualificação de "minoría", ou bem têm de escolher um fim de semana ou bem pegar carona num feriado católico (como o de Corpus Christi) para realizar suas maciças "marchas para Jesus". Outro sintoma da predominância católica é a presença de símbolos dessa religião em recintos públicos, a começar pelos mais importantes deles, os plenários da Câmara dos Deputados, do Senado e do Supremo Tribunal Federal, todos eles decorados com

crucifixos na mais vistosa das respectivas paredes.

Alternativa 2 - O poder do catolicismo já foi muito maior, no entanto. Havia mais feriados em reverência a seus dias santos. E, até as décadas de 50 ou 60, seus representantes eram figuras inevitáveis nas cerimônias públicas. "Estiveram presentes autoridades civis, militares e eclesásticas", informava a imprensa, ao noticiar um desfile de 7 de setembro, uma recepção a visitante estrangeiro, uma posse de presidente, governador ou prefeito. Uma inauguração não estaria completa sem a bênção do recinto por parte do padre ou do bispo. Ao recuo católico, nas décadas que se seguiram, corresponde o avanço dos evangélicos. Hoje eles são namorados por políticos, contam com nutridas bancadas no Congresso e nas assembleias e, talvez mais importante do que tudo, dominam como nenhuma outra instituição a arte de ocupar espaços na TV. Pode não estar longe o dia em que desbancarão os católicos, ou se equiparão a eles, como sócios preferenciais do estado "laico".

Alternativa 3 - O artigo 19 da Constituição veda à União, estados e municípios "estabelecer" cultos religiosos ou igrejas, subvencioná-los, embaraçar-lhes o funcionamento ou manter com eles

ou seus representantes relações de dependência ou aliança, ressalvada, na forma da lei, a colaboração de interesse público". O artigo é em geral considerado como indicação maior do desejável distanciamento entre o estado e as religiões. O estado garante-lhes o funcionamento, mas não se envolve com elas. Eis no entanto que o estado facilita o ensino religioso nas escolas públicas (art. 210), reconhece efeitos civis no casamento religioso (art. 226) e, na contramão da proibição de subvenções, estabelece que recursos públicos podem ser direcionados para escolas confessionais (art. 213) e, sobretudo, concede isenção de impostos a "templos de qualquer culto".

Alternativa 4 - Afirma o preâmbulo da Constituição que os "representantes do povo brasileiro, reunidos em Assembleia Nacional Constituinte", etc., a promulgam "sob a proteção de Deus". Ponto a favor da neutralidade é que não se especifica se o Deus em questão é o dos cristãos, o dos judeus ou o dos muçulmanos. Primeiro ponto contra é que, se é um só o "Deus" mencionado, ficam de fora as religiões politeístas – das africanas, afro-brasileiras e indígenas ao budismo, ao taoísmo e ao hinduísmo. Segundo ponto contra é a discriminação dos ateus e agnósticos. Mas o principal não é isso. O principal é a evidência, logo de saída, no texto constitucional, da laicidade impregnada de religião – tão ambígua, tão cordial, tão malemolente, tão brasileira.

Laico e religioso

A IGREJA CATÓLICA, A MÍDIA E A EDUCAÇÃO POPULAR: O MEB: a utopia destruída

Aparecida Ribeiro DOS SANTOS
(Mestre em Comunicação Social pela Universidad
Metodista de São Paulo e professora da Faerac, Brasil)

FÓRUM LIVRE / FORO LIBRE

PCLA - Volume 3 - número 4: julho / agosto / setembro 2002

Resumo

Objetiva-se, neste trabalho, evidenciar-se o papel relevante que o Movimento de Educação de Base, com o apoio da Conferência Nacional dos Bispos Brasileiros desempenhou no âmbito educacional, mais precisamente no programa de alfabetização de adultos. Havia como propósito máximo além da educação, abrir-se caminhos para a libertação de milhares de homens e mulheres que ao viverem na ignorância tornavam-se vulneráveis aos desmandos ditatoriais.

A mídia desempenhará um significativo papel na difusão de Educação de Base. O rádio de pilha será o meio mais utilizado neste período e as redes de rádio ligadas à Igreja Católica desde o início serão utilizadas pelo MEB- no fim da década de 50- a fim de chegar-se com o programa de alfabetização aos lugares mais recônditos do país. No entanto, o Movimento de Educação de Base foi vítima e sucumbiu em 1964 à ditadura militar que destruiu a Utopia de levar educação e liberdade de expressão à população dos campos, dos cerrados e do sertão tão sedenta da sede do saber. Palavras Chaves: MEB, Igreja Católica, Ação Católica, Sistema Radioeducativo.

Introdução

"Considerando as dimensões totais do homem, entende-se como Educação de Base o processo de autoconscientização das massas, para uma valorização plena do homem e uma consciência crítica da realidade. Esta educação deverá partir das necessidades e dos meios populares de libertação, integrados em uma autêntica cultura popular, que leve a uma ação transformadora. Concomitantemente, proporcionar todos os elementos necessários para capacitar cada homem a participar do desenvolvimento integral de suas comunidades e de todo o povo brasileiro".

(MEB- Nacional- Relatório do I Encontro de Coordenadores, Recife, 1962).

No século XV, um humanista, Grande Chanceler do Reino de Inglaterra, Tomás Morus sonhou com um país - que é uma ilha - onde todos seriam iguais; onde ninguém iria passar fome. Onde todos iriam receber educação. Essa ilha chama-se Utopia. Tomás Morus acabou sendo assassinado pelo rei Henrique VIII. Antônio Conselheiro, no Sertão da Bahia, criou esta ilha. Canudo, que foi destruída pelo exército da República. O Movimento de Educação de Base com apoio da Conferência Nacional dos Bispos Brasileiros (CNBB) elaborou um plano de educação nacional com objetivo de abrir

caminhos para a libertação de milhares de homens e mulheres, de jovens e adolescentes, pela Educação de Base. Mais uma vez, a Utopia foi destruída pelo movimento militar de 1964. A Utopia promove o crescimento de cada pessoa dentro da comunidade. Por estas razões, ela incomoda e precisa ser afogada.

A fim de analisarmos concretamente o que significou o MEB no seio da sociedade brasileira utilizaremos a pesquisa bibliográfica centrada na obra *Educar para Transformar* de Luiz Eduardo W. Wanderley e outras que julgamos relevantes em nosso processo de análise.

A escolha pela pesquisa bibliográfica qualitativa pareceu-nos adequada a fim de entendermos o estudo do fenômeno que envolve o homem e suas diversas articulações no meio social. Este tipo de pesquisa caracteriza-se pela integração que se estabelece entre o fenômeno- no caso o MEB- e o meio em que este ocorre e do qual é parte.

Aspectos históricos

O MEB nasceu da visão humana, utópica e apostólica do Episcopado Brasileiro através da CNBB. Em 1958, numa carta de princípios, a Igreja Católica do Brasil afirma: "O nosso drama não é só alfabetizar. Junto a isto há urgência de muito mais: urgência gritante de se abrir aos nossos camponeses, operários e suas famílias, as riquezas da educação de base, fundamental, educação que chamaremos, operários e suas famílias, a qual tende a fazer o homem despertar para seus próprios problemas, encontrar suas soluções, aprender a comer bem; a defender sua saúde, a manter boas relações com seus semelhantes, a andar com seus próprios pés, a decidir seus destinos, buscar sua elevação cívica, moral, econômica, social e espiritual. É esta a escola que temos de jogar no seio das populações camponesas e operárias, através de seus métodos próprios já experimentados e vitóriosos" (Apud Wanderley, 1984, p. 59).

A filosofia do MEB enraíza-se na doutrina social da Igreja desenvolvida em vários textos desde a Encíclica "Rerum Novarum" do Papa Leão XIII, até a mais recente "Mater et Magistra" de Paulo VI. Mas também o MEB soube aproveitar o trabalho desenvolvido pela Ação Católica particularmente JUC, JOC e JAC. Adotou a pedagogia do "Ver, Julgar e Agir" à educação de base. Não se pode também negligenciar a influência determinante de duas correntes filosóficas humanistas nascidas nos anos 30 e 40 da resistência as diversas formas de totalitarismo, falamos do Existencialismo Cristão de Gabriel Marcel e do Personalismo de Renouvier, Mounier, Lacroix et Ricoeur. Estes pensamentos tiveram grande impacto com certos intelectuais brasileiros. Para o Personalismo, quando se fala de pessoa trata-se sempre de uma pessoa intimamente ligada a uma comunidade. Basta para se convencer fazer o levantamento das palavras chaves do MEB: pessoa, conscientização, cultura, consciência histórica, comunidade, povo, animação popular, desenvolvimento.

O MEB acredita muito no uso da Mídia "O teatro o cinema, assim como o rádio, podem ser valiosos meios de desenvolver a cultura e politizar o povo. A televisão é um valioso instrumento para motivar e orientar a cultura popular, principalmente em uma civilização que conquista mais horas de lazer". (Apud Wanderley 1984, P. 329) Aproveitando a popularização do rádio de pilha, o MEB desenvolve toda uma didática baseada no rádio. Desde o início das suas atividades o MEB utiliza a rede das emissoras católicas para as áreas do Norte, Nordeste e Centro- Oeste do País.

O relatório de 1963 do MEB Nacional descreve de maneira bastante clara as características do Sistema Radioeducativo: "O Sistema Rádio educativo é constituído por uma rede de núcleos com recepção organizada de programas educativos especialmente elaborados, com supervisão periódica, com trabalho de comunidade e escola. Para o funcionamento desses sistemas são necessários: - um estudo prévio da área em que vai atuar, - a realização de uma supervisão periódica que acompanhe o desenvolvimento das escolas e comunidades e a eficácia da programação. Teoricamente cada Sistema deveria realizar o trabalho de produção e emissão de programas, mas há Sistemas em que as equipes utilizam a programação de um Sistema próximo por não disporem de emissor para elaborar seu programa de atuação, a Equipe Local empreende um levantamento da área a ser atendida, usando técnicas de estudo de área. Durante este trabalho, as comunidades são, ao mesmo tempo, motivadas para participarem de ação educativa do MEB, enquanto a equipe colhe dados para seleção de futuros animadores voluntários das comunidades. Delimitadas a área de

atuação, a Equipe Local treina os futuros animadores e planeja com eles, o trabalho a ser executado. Iniciada a ação, a Equipe mantém contatos constantes com as comunidades em que se desenvolve o programa, supervisionando e coordenando todo o trabalho" (Apud Wanderley, 1984, p. 58).

A educação à distância no Brasil MEB - ploneísmo

No Brasil, várias experiências foram realizadas na área de Educação a Distância. As primeiras experiências relatadas e que tiveram êxito foram a do Instituto Rádio-Monitor em 1939 e, após, o Instituto Universal Brasileiro, em 1941. Um outro importante projeto relatado na Educação a Distância Brasileira, e que será objeto de nosso estudo, foi o do MEB- Movimento de Educação de Base- em que o principal objetivo era fornecer alfabetização para jovens e adultos. A instrução era oferecida por meio de programas de rádio sendo disponibilizados principalmente nas regiões norte e nordeste do Brasil.

O Movimento de Educação de Base desenvolveu-se a partir das atividades educacionais veiculadas pelo rádio, que contavam com o apoio do episcopado nas arquidioceses de Natal e Aracaju.

A Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) incentivada pelo apoio recebido neste projeto educacional objetivou expandi-lo em todo território nacional. O projeto, então, torna-se oficial com o Decreto 50370 de 21 março de 1961, no qual "O Governo Federal fornecerá recursos através de convênios com órgãos da administração federal, para serem aplicados no programa da CNBB, através do MEB e utilizando a rede de emissoras católicas, para as áreas do norte, nordeste, centro-oeste do país". (Wanderley, 1984, p. 48)

Tal ação educacional estendeu-se para as áreas mais subdesenvolvidas do país e "O Governo Federal acordava em conceder canais radiofônicos aos bispos a fim de difundirem a educação de base, assim como requeria funcionários federais e autárquicos para ingressarem no MEB".

Há de ressaltar-se o importante papel da UNESCO que fomentava a criação de projetos educacionais- visando sobretudo aos de alfabetização de adultos.

Muitas são as versões a respeito dos objetivos do Governo e Da Igreja na participação desse projeto educativo.

Segundo D. Távora- presidente do MEB- no texto apresentado ao episcopado reunido em Roma, em novembro de 1963, por ocasião do Concílio.

"As ideias da Igreja a serviço dos pobres, inspira totalmente, a linha de pensamento e ação do MEB. O MEB não nasceu para ser uma campanha contra o analfabetismo. Chegaremos lá, para destruir essa contingência de nossa história andando abrimos caminhos para libertação de milhares de homens e mulheres, jovens e adolescentes, pela Educação de Base... A sua validade está em que cada homem a quem ele ajudou a abrir os olhos descubra os seus problemas, usando sua iniciativa e andando com os próprios pés, conscientemente. (Wanderley, 1984, p. 220)

A estrutura do MEB

Havia um Conselho Diretor Nacional (CDN), composto de sete bispos e arcebispos e dois leigos, sendo um representante do presidente da República. Em cada estado havia um Conselho Diretor Estadual (CDE) congregando os bispos das áreas onde funcionava o MEB em âmbito estadual.

Cada sistema local era de responsabilidade de um bispo diocesano. Os leigos contavam com a Comissão Executiva Nacional (CEN), dependente do CDN, que orientava e coordenava as atividades das Equipes Estaduais (EE), das quais dependiam as Equipes Locais (EL).

A direção do MEB compunha-se pela Diretoria Executiva - um presidente, vice-presidente do CDN e por um secretário. A unidade nuclear do Movimento era o Sistema de Educação de Base, o Sistema Radioeducativo, que atingia uma área determinada.

Era de competência de cada Sistema selecionar e treinar as comunidades em seu raio de ação.

Objetivos

Adequar o trabalho à realidade e acompanhar realmente as comunidades; efetuar-se um levantamento da situação local e regional de uma dada área geográfica. Tal conhecimento - in loco - permita um conhecimento do todo, ou seja, da real situação das comunidades, partindo-se da observação concreta de seus valores, recursos, problemas, o que propiciava uma interação que se mostrou fundamental entre a intelectualidade que compunha o MEB e os cidadãos simples- por vezes- analfabetos das comunidades estudadas.

O rádio - a serviço da alfabetização de adultos

O rádio foi o veículo de difusão do projeto educacional de alfabetização idealizado pelo MEB. Havia 6.218 escolas radiofônicas. O MEB devido a precariedade das comunidades rurais fornecia os receptores transistorizados, com frequência cativa, a primeira carga de pilhas, ficha de matrícula e de frequência- colaborando, ainda na instalação do receptor de antenas, fios e pessoal especializado.

Segundo Wanderley (1984, p. 55): "As rádios escolas radiofônicas eram instaladas nas residências dos melhores, localizadas em zonas rurais e atingindo pequenos agrupamentos demográficos, onde nunca houvera antes uma iniciativa educacional. As escolas radiofônicas pertenciam às comunidades e não ao MEB".

A programação das aulas radiofônicas objetivava atingir a massa camponesa. A princípio de adultos, mas que segundo dados de 1963 a 1964- 655 dos alunos tinham entre 15 e 30 anos e 20% tinham menos de 15, e 15% mais de 30 anos.

A linguagem utilizada no programa de alfabetização visava muito mais que o aspecto educacional- ou seja- o ato de ler e escrever. Pretendeu-se acima de tudo, ser uma fonte de inspiração para o homem do campo no que tangia a conscientização deste da importância da liberdade do pensamento- e que o camponês pensava- e deveria ser ouvido no âmbito de sua comunidade e além dela.

"A alfabetização foi compreendida desde logo no movimento como integrada à conscientização... Procurando dar uma visão transcendental do homem e despertando -o para os engajamentos concretos em organizações profissionais, organizações de classes e grupos que visem ao desenvolvimento das comunidades". (MEB- Nacional O Conjunto Didático "Viver e Lutar", 1964 apud Wanderley, 1984, p. 54)

O conteúdo programático das aulas priorizava a realidade concreta do homem do campo a fim de que pudesse desenvolver habilidades de cálculo, lingüística, assim como conhecimento sobre saúde, trabalho agrícola, esses conhecimentos, revertidos para o seio da própria comunidade.

No MEB, o grande projeto a ser desenvolvido era o da pessoa humana. Relevava-se a pessoa colocando-a como o cerne de todos os seus objetivos educacionais.

O conceito de pessoa nas palavras de Wanderley(1984.p.334) surge na antiguidade e valoriza-se nos documentos pontifícios.

Em uma convivência humana bem constituída e eficiente, é fundamental o princípio de que cada ser humano é pessoa, isto é, é natureza dotada de inteligência de vontade livre... A pessoa humana é e deve ser o princípio, o sujeito e o fim de todas as instituições sociais...

Para a Igreja sendo todo o homem a "imagem de Deus" passa a defender a dignidade humana como um direito natural. A Igreja no mundo de hoje, proclamada no Concílio Vaticano II confirma o elo diretivo do homem como imagem de Deus na perspectiva bíblica.

Lembrando que o homem é constituído de corpo e alma. Portanto, pautada nessas diretrizes da pessoa humana a Educação de Base transcendeu o aspecto puramente educacional de difundir às pessoas conhecimentos básicos que lhe seriam úteis em seu dia a dia no interior de sua comunidade. Transcendeu, porque passou a relevar a pessoa humana, o sujeito como construtor de

sentidos a partir da sua conscientização, de sua natureza histórica, do social e do político que o norteava... Assim sendo, estabeleceram formas de mobilização populares que produziram ações de mudanças da sociedade capazes de estabelecerem as bases sociais de afirmação e da realização e dignidade da pessoa humana (Wanderley, 1984, p.336)

Entenda-se nesse processo que toda emancipação triunfal do sujeito- do cidadão passa pela educação que liberta. A Educação de Base pretendia, portanto educar o homem para que esse se emancipasse com dignidade. Segundo Brandão (1977, p. 34, 35) a Educação de Base procurava desenvolver uma consciência crítica, com pelo menos 3 atributos:

- a) que ela seja um reconhecimento de dimensões da pessoa, comunidades, etc. A partir dos próprios valores dados e existentes na cultura do povo,
- b) que ela seja um ponto de partida crítica de valorização desta própria cultura e do conjunto de relações sociais que a conserva como é;
- c) que ela seja o princípio de uma integração do aluno - agente conscientizado em grupos e em situações de trabalhos comunitários e de classe em vista a uma ação política ao mesmo tempo crítica e eficaz.

Abaixo reproduziremos alguns textos do patrimônio do MEB :

"A educação de base tem como finalidade tornar o homem consciente do que ele é, isto é, das exigências de sua natureza de homem, e de que de acordo com a época e lugar, deve ser feito para que essas exigências sejam atendidas. Assim, hoje, cabe à Educação de base formar o homem brasileiro, tornado-o consciente do que ele é, do seu valor de pessoa dentro do subdesenvolvimento em que vive. Tornar esse homem capaz de colocar a realidade de modo a atender a todas as exigências de sua pessoa.

(...) O homem está colocado na natureza, isto é, no mundo. Pelo seu corpo ele também faz parte do mundo, pois seu corpo é matéria, como o mundo. Porém o homem não é só corpo, só matéria. Ele tem em si alguma coisa completamente diferente da matéria, o que faz com que ele seja superior, que ultrapasse a tudo que é do mundo: é a consciência. Por causa de sua consciência é que ele é capaz de dar um sentido, um significado àquilo que ele está fazendo. E esse significado dado pela consciência de um deve servir a todos os outros. O homem, além de parte material, possui uma outra espiritual que o torna superior a tudo no mundo e que tem uma porção de exigências.

O homem pelo seu corpo, é matéria por isso ele precisa de condições materiais para viver: alimentação, moradia, assistência médica, roupa, instrumentos de trabalho, etc. Mas não basta apenas isso não se pode parar aí. O homem é também consciência, tem também uma parte espiritual. Portanto, é preciso levar em conta as exigências da consciência do homem: respeito a sua pessoa, à dignidade, ao valor que cada um tem: liberdade de escolher, de resolver pensando não só nele, mas em todos; direito de escolher e possibilidade de cada um participar das decisões da vida política do país "

(MEB- Escolas Radiofônicas, I Congresso Estadual de Monitores- Goiás, Tema II- Cultura e Educação de base, pontos para debates com os monitores, dezembro de 1983). Segundo Wanderley (1984, p. 342) há nestas idéias uma aproximação com a concepção transclânica, cujo pressuposto é efetuar a existência de uma natureza humana abstrata, fixa e imutável. Inserindo-se numa amostra de Marx de que a natureza humana é o conjunto de relações sociais historicamente determinadas, que o homem é o processo de seus atos.

Graciel segundo Wanderley observa que se a síntese é individual o processo de formação e de desenvolvimento pressupõe uma atividade dirigida ao exterior, para outros homens e o ambiente. Por isso poder-se dizer que o homem é essencialmente político, porque na atividade de transformar e dirigir conscientemente aos outros homens realiza sua humanidade e sua natureza humana. Toda essa relevância do papel do homem consigo próprio e com o mundo passava a ser conflituante com as doutrinas da Igreja que norteavam o Movimento e a práxis utilizada por ela.

Segundo Wanderley (1984, p. 342) tudo isso era feito dialeticamente, variando de intensidade e de ritmo segundo as condições concretas das regiões e das equipes.

Ainda que nas suas práticas o Movimento se centrasse nas relações sociais, o prisma privilegiado era sempre o das relações individuais, na consciência histórica. Segundo Vaz : " Para a consciência cristã, o fundamento de toda a ação histórica é a referência a Cristo como centro absolutamente pessoal e concretamente universal da História." (1966, p. 346)

Brandão (1977, p. 34, 35) afirma que foi o MEB por meio da visão cristã do homem e do mundo- personalista- que introduziu a história na educação popular. Sendo que as mudanças que eram as de

espaço, como região, nação seriam as das passagens de um tempo histórico para "outro de um mundo sem justiça, para um mundo regido pela justiça" (1977, p. 34)

O povo da MEB

O povo dentro do MEB assume um papel e um significado muito mais amplo do que o indivíduo ou classe em especial. O povo no MEB era sobretudo aquele pertencente às classes exploradas e desfavorecidas - os oprimidos- representados principalmente pelos trabalhadores rurais- que secularmente estiveram marginalizados da e na sociedade brasileira.

Segundo Wanderley (1984, p. 348) era um povo situado numa realidade nacional e latino-americana, dependente da realidade internacional, vivendo sob estruturas impostas que o marginalizavam e impediam a sua participação no processo histórico de mudança social e de desenvolvimento do país.

As relações do MEB e seus efeitos

Se a educação é uma comunicação entre sujeitos- e não mera transposição - ela terá de se ocupar da construção de condições para que o educando recite a cultura. Consistirá, sobretudo em amarrar problemas, em cuja solução o educando exercitará o seu papel de sujeito criador.

Uma tal educação rejeitará as exposições dogmáticas para exercer o seu papel legítimo de causa instrumental de aprendizagem, através da qual o educando reconstrói a cultura, pondo-se em condições de poder inovar. Portanto, só assim participará efetivamente das tarefas de elaboração e significação da cultura, que lhe são inerentes por sua condição humana.

O MEB e suas relações externas

Houve algumas idéias e elementos vindos de fora que provocaram reflexões e modificaram o dinamismo interno do movimento.

- a) a experiência de Sutilzeia, realizada na Colômbia pela "Accion Popular Cultural" com escolas radiofônicas, que serviu de marco para as primeiras atividades em Natal;
- b) alguns elementos metodológicos vistos na França, cabendo referência aos contatos com O Institut des Recherches et d' Applications des Méthodes de Développement;
- c) as experiências de animação popular realizadas no Senegal e Marrocos;
- d) com menor força, a literatura sobre educação de adultos da UNESCO e outras agências especializadas de várias partes do mundo;
- e) a experiência de "Misiones Culturales Mexicanas" que serviram como idéia para as "Caravanas de Cultura popular".

O MEB e o sistema de Paulo Freire

Uma referência externa, mas de dentro do país faz-se necessário mencionar: O Sistema Paulo Freire. No MEB havia duas correntes discordantes a respeito da utilização do Sistema de Paulo Freire pelo Movimento. A primeira dizia que não houve qualquer influência, outra de que certas influências seguidas por Paulo Freire foram assimiladas, ainda que modificadas no contexto e na dinâmica do MEB. Iais como, o não-diretismo, o conceito antropológico de cultura, a força do diálogo em contraposição ao monólogo do professor - locutor - que tinham em comum o fato de ambos serem renovadores e não tradicionalistas, quereres as mudanças necessárias, feitas com o povo e priorizavam a idéia de que não havia homem objeto, mas não somente homem sujeito, que cada pessoa descobre seus problemas, os problemas de sua comunidade, conhea seus direitos, deveres, saiba tomar iniciativas a agir conscientemente.

O fim da utopia

A medida que o movimento tornava-se expressivo no exterior, a cordialidade e a amizade existentes nos primeiros anos esvanecia-se. Em certas equipes iniciou-se um processo de restrições a pessoas determinadas, por suas posições e opções políticas, restrições essas que vinham de dentro e de fora da Igreja e que foram acirradas depois de abril de 64. Quando membros foram pressionados a abandonar o Movimento.

Outro fator predominante para o fim da utopia foi o de que gradativamente o MEB ia de encontro aos interesses estabelecidos pelos grupos e classes dominantes, pois fortalecia um ideal contra hegemônico tendo à frente as classes populares. Desencadeou-se, portanto, conflitos e reações.

Alguns setores da opinião pública ligados aos grupos de interesses hegemônicos passaram a criticar abertamente e veiadamente o MEB. Esses grupos representavam ora a defesa das classes dominantes ora o medo dessas classes de uma tomada de posição do homem do campo. secularmente servil, ora o medo que a "ordem e o progresso" da nação fossem inculcados por meio da programação radiofônica, dos textos e dos discursos dos animadores do MEB. A forma de reagir e aos conflitos surgiam de acordo com os interesses pessoais desses setores da sociedade. Segundo Wanderley (1984, p. 435) a reação desses grupos centrava-se na atividade dos programas radiofônicos e das práticas variadas dos monitores e animadores de comunidade que pregavam uma práxis destoante das normas e comportamentos vigentes dos proprietários.

Ainda, citando Wanderley o combate se dava contra tudo aquilo que as autoridades e os políticos que os representavam percebiam com ou menor sensibilidade como conflitantes aos seus interesses de classes ou individuais. Por exemplo eram rechaçadas quaisquer iniciativas ou campanhas em prol de reforma agrária, de propriedade social, do voto do analfabeto, da reforma de base, do sindicalismo rural, qualquer processo educativo que questionasse o sistema vigente ou as causas de miséria, etc...

O MEB posicionava-se contra essa investida reagindo internamente procurando demonstrar aos bispos os princípios morais de sua práxis. No entanto, um acontecimento, em 1964 fez com que a reação tornasse proporções externas. Foram apreendidos 3.000 exemplares do livro *Viver e Lutar* por ordem do Governador da Guanabara, Carlos Lacerda devido a denúncias quanto ao seu teor comunista. As reações que se seguiram foram desde o radicalismo dos grupos antagônicos ao MEB que creditavam à obra uma propaganda panfletária comunista aos defensores do MEB que combatiam a ilegalidade da atitude do governador e seu governo e elogiavam a identificação da mensagem cristã com os menos favorecidos.

Houve também reação da esquerda posicionando-se a princípio contrária ao MEB, pois acreditavam que sua práxis pedagógica levava a uma modernização e ao reformismo. Posteriormente, reconhecem a importância do MEB pelas causas libertárias, principalmente depois do episódio da apreensão da obra *Viver e Lutar*. A partir disso conjugam esforços para que um diálogo aberto se estabeleça e possam construir um trabalho coletivo em certas atividades.

Depois de 1964 a repressão atinge em cheio o MEB com invasão de escolas, destruição e confisco de material, prisão de monitores e de integrantes das equipes. A CNBB assume uma postura contraditória, primeiro repele as acusações feitas ao MEB e a outros grupos da Igreja, mas pressionados por tradicionalistas abre o flanco a repressões personalizadas.

Segundo Wanderley (1984, p.444) todo período posterior será pleno de ambiguidades, tensões com os bispos locais e alguns representantes do CDN que pouco a pouco vão descaracterizando os objetivos iniciais e a orientação assumida no passado recente, ainda que as equipes dos Sistema fizessem, de tudo para manter a perspectiva anterior. Concomitantemente, o Movimento que sempre enfrentou uma dura realidade financeira terá sua situação exacerbada em 1964 quando recebeu somente 42% da receita, em 1965 com corte substancial, e em 1966 com apenas 20% da verba solicitada. O que ocasionou a falência de programas primordiais.

Todo movimento que depende de recursos estatais em grande escala, exclusivamente como naquele período, em grande porcentagem do orçamento como no atual, vê-se tolhido no sentido e nas práticas para criticar o sistema, efetuar denúncias, exigir reformas estruturais. E com maior razão depois de 1964, quando o governo via com dúvidas a ação do MEB e quando progressivamente o Estado foi se transformando num regime excludente de participação popular.

Considerações finais

O MEB tinha como propósito, uma práxis pedagógica diferenciada das tradicionais quanto a alfabetização de adultos, pois por meio de seus agentes intelectuais, do conteúdo das aulas veiculadas no programas radiofônicos, dos locutores e dos animadores das comunidades buscou e priorizou uma educação que estivesse sintonizada com a realidade nua e crua do homem do campo.

O MEB, ainda foi o responsável pelo aforamento da cultura popular- o saber popular tão negligenciado pela sociedade intelectual- urbana. Que via qualquer manifestação popular como algo burlesco e sem sentido num país que pretendia ser uma nação industrializada.

Mas, talvez a maior contribuição do movimento tenha sido o de centrar seu projeto educacional na pessoa, de colocar-se o homem como sujeito de seu destino, um sujeito crítico, construtor de sentidos, com uma consciência libertária que o fazia encontrar dignidade em seu trabalho no campo e na comunidade em que vivia.

Quando a educação releva o sujeito, quando este se torna o cerne do processo de edificação do conhecimento há a possibilidade da construção individual tornar-se autônoma, dialógica, política, não egocêntrica do ser em direção ao coletivo- fazendo com que cada um envolvido no processo abra caminho para a gênese de um novo homem.

Referências bibliográficas

Brandão, C. R. *Os deuses do povo*. São Paulo, Brasiliense, 1980.

Wanderley, Luiz Eduardo. *Educar para transformar. Igreja Católica e Política no Movimento de Educação de Base*. Petrópolis. Vozes, 1984.

T...

Dom Pedro Casaldáliga saúda a CRB pelos 60 anos (matéria de 2/2014)

11.08.2014 16:42

Von Marcelo venâncio barros <mbarros60@gmail.com>

An

BCC: n.kestel@t-online.de <n.kestel@t-online.de>

Caros Colegas, paz e bem!

Segue, abaixo, uma matéria antiga (de fevereiro/'14), sobre a saudação de **Dom Pedro Casaldáliga**, bispo emérito da Primazia de S. Félix do Araguaia, aos **60 anos da CRB**.

Na achei este arquivo em minha pasta **Enviados**, razão pela qual segue agora.

Fraterno abraço,

Marcelo Barros
J. Pessoa/PB

Dom Pedro Casaldáliga saúda a CRB pelos 60 anos





O bispo emérito da prelazia de São Felix do Araguaia e religioso claretiano, dom Pedro Casaldáliga enviou, no último dia 22, uma mensagem de saudação à CRB Nacional pelos 60 anos.

Por ocasião do ano Jubilar, a Conferência pediu a dom Pedro um artigo para a revista Convergência, porém por conviver com um mal de Parkson já em estado avançado que lhe condiciona a escrita e a fala, Casaldáliga disse não ter condições de escrever. "Não tenho condições de escrever um texto formal, envio umas palavras de mensagem. O Parkinson, em estado muito avançado, me condiciona e exige obediência... A esperança, porém, não tem limites. Nessa esperança abraço vocês todos e todas", disse em resposta a Irmão Lauro, assessor da revista Convergência. Mesmo nas condições descritas, dom Pedro enviou uma mensagem à CRB pelos 60 anos. E escreveu:

"60 anos da CRB são muitos anos de Graça, de fidelidade, de criatividade pastoral, de testemunho, enfim, de uma vida consagrada à procura do Reino. O testemunho tem-se vivido sobretudo nas "periferias existenciais" de que nos fala o papa Francisco. A vida religiosa, inserida nas fronteiras das várias culturas, no deserto da solidão, nas lutas do povo, tem evangelizado copiosamente.

Não faltaram as provações, as incompreensões, as tensões em casa e na rua, por vezes com a própria hierarquia e vivenciando a prova maior de dar a vida. O martírio tem selado muita vida consagrada em nosso Brasil, em nossa América. Muitos motivos para celebrar os 60 anos da CRB e para reassumir os novos desafios com maior fidelidade, com paixão evangélica, sempre na procura do Reino, no seguimento de Jesus com a radicalidade das Bem-aventuranças", relatou.

A CRB Nacional agradece ao dom Pedro, a sua mensagem e muito mais o seu testemunho profético, o seu modo de ser e de viver apaixonado pelo Reino de Deus, que tem sido um estímulo e motivo de ação de graças para a Vida Religiosa do Brasil.

Dom Pedro Casaldáliga completou 86 anos no último dia 16. (Fonte: CRB Nacional)

Dom Pedro Casaldáliga – Santo e herói

À luz deste título, frei Betto assim escreveu sobre dom Pedro, em um artigo para a Adital:

O Brasil é um país de santos e heróis, embora poucos alcancem reconhecimento público. Talvez seja efeito de nossa baixa auto-estima, tão evidente que, hoje, induz o governo federal a promover campanha publicitária para que o nosso povo sinta orgulho do que é e do que faz.

Durante séculos, de costas para a América Latina, miramos no espelho dos brancos europeus e norte-americanos. O que víamos não era o nosso rosto indígena, negro, mestiço. Era a imagem paradigmática do colonizador a nos convencer de que somos atrasados, feios, improdutivos e inferiores. Por isso, nossos avós almejavam "purificar-se" dessa fétida brasilidade contraindo matrimônio com imigrantes brancos, exterminando povos indígenas em nome da civilização e mantendo os negros escravos na senzala e, após a abolição da escravatura (1888), na miséria e na pobreza.

Quantos brancos casados com negras? Quantos negros das classes A e B casados com negras? Impedidas pelo preconceito e pela pobreza de frequentar escola, as negras servem para trabalhos domésticos, onde a chibata é substituída, em geral, por um salário ínfimo. E as mestiças, identificadas às mulas, tratadas de mulatas, tornaram-se símbolos do hedonismo carnavalesco e dos atrativos turísticos voltados à prostituição farta e barata.

Abrigamos no Brasil o mais longo período de escravidão das três Américas – 358 anos – e ainda culminamos o processo da abolição com a exclusão dos negros libertos do direito de acesso à terra, entregue aos colonos europeus que aqui aportaram empurrados pelo desemprego causado pela revolução industrial do século XIX e a acelerada urbanização do Continente europeu.

Os povos indígenas, calculados numa população de 5 milhões no século XVI e, hoje, reduzidos a 700 mil, foram massacrados, desaldeizados, contaminados pelas doenças dos brancos, pela cachaça dos brancos, pela voracidade mercantil dos brancos, pela ambição de minérios e madeiras dos brancos. Expulsos de seu ambiente natural e dos livros didáticos, tornaram-se sinônimos de "primitivos" e "selvagens", não no sentido de primeiros habitantes dessas terras ou de moradores da selva, e sim de atrasados e brutais.

Restrita a nação ao convés da primeira classe, perdemos de vista nossos santos e heróis, embora proliferem entre nós tantos artistas, atletas, intelectuais, e também inventores como Santos Dumont. Porém, as coisas não existem a partir do momento em que as conhecemos. Independem, felizmente, de nossa ignorância. A realidade não é o que pensamos dela. Transcende nossas limitações.

Não tão conhecido como mereceria, há no Brasil um santo e herói: Pedro Maria Casaldáliga. Santo por sua fidelidade radical (no sentido etimológico de ir às raízes) ao Evangelho, e herói pelos riscos de vida enfrentados e as adversidades sofridas.

Catalão de Barcelona, onde nasceu em 1928, a 16 de fevereiro, Casaldáliga ingressou na Ordem Claretiana, consagrada às missões, onde foi ordenado sacerdote em 1943. Impregnado da espiritualidade dos Cursilhos de Cristandade, veio para o Brasil e, em 1968, mergulhou na Amazônia. Em 1971, nomearam-no bispo de uma prelazia amazônica, à beira do suntuoso rio Araguaia: São Félix do Araguaia. Adotou como divisa princípios que haveriam de nortear literalmente sua atividade pastoral: "Nada possuir, nada carregar, nada pedir, nada calar e, sobretudo, nada matar". No dedo, como insígnia episcopal, um anel de tucum, que se tornou símbolo da espiritualidade dos adeptos da Teologia da Libertação.

São Félix é um município amazônico do Mato Grosso, situado em frente à Ilha do Bananal, numa área de 36.643 km². Na década de 1970, a ditadura militar (1964-1985) ampliou a ferro e fogo as fronteiras agropecuárias do Brasil, devastando parte da Amazônia e atraindo para ali empresas latifundiárias empenhadas em derrubar árvores para abrir pastos ao rebanho bovino. Casaldáliga, pastor de um povo sem rumo e ameaçado pelo trabalho escravo, tomou-lhe a defesa, entrando em choque com os grandes fazendeiros; as empresas agropecuárias, mineradoras e madeiras; os políticos que, em troca de apoio financeiro e votos, acobertavam a degradação do meio ambiente e legalizavam a dilatação fundiária sem exigir respeito às leis trabalhistas.

Dom Pedro tem sido alvo de inúmeras ameaças de morte. A mais grave em 1976, em Ribeirão Bonito, no dia 12 de outubro – festa da padroeira do Brasil, Nossa Senhora Aparecida. Ao chegar àquela localidade em companhia do missionário e indigenista jesuíta João Bosco Penido Burnier, souberam que na delegacia duas mulheres estavam sendo torturadas. Foram até lá e travaram forte discussão com os policiais militares. Quando o padre Burnier ameaçou denunciar às autoridades o que ali ocorria, um dos soldados esbofetou-o, deu-lhe uma coronhada e, em seguida, um tiro na nuca. Em poucas horas o mártir de Ribeirão Bonito faleceu. Nove dias depois, o povo invadiu a delegacia, soltou os presos, quebrou tudo, derrubou as paredes e pôs fogo. No local, ergue-se hoje uma igreja.

Cinco vezes réu em processos de expulsão do Brasil, Casaldáliga mora em São Félix num casebre simples, sem outro esquema de segurança senão o que lhe asseguram três pessoas: o Pai, o Filho e o Espírito Santo. Calçando apenas sandálias de dedo e uma roupa tão vulgar como a dos peões que

circulam pela cidade, Casaldáliga amplia sua irradiação apostólica através de intensa atividade literária. Poeta renomado, traz a alma sintonizada com as grandes conquistas populares na Pátria Grande latino-americana. Ergue sua pena e sua voz em protestos contra o FMI, a ingerência da Casa Branca nos países do Continente, a defesa da Revolução cubana e, anos atrás, em solidariedade à Revolução sandinista ou para denunciar os crimes dos militares de El Salvador e da Guatemala. Hoje, inquietam-lhe a demora do governo Lula em realizar a reforma agrária e o lastro de miséria e destruição que o agronegócio deixa em terras do Mato Grosso.

Dom Pedro tornou-se também pastor dos negros e dos indígenas, introduzindo suas riquezas culturais nas liturgias que celebra. Em sua prelazia habitam os índios Tapirapé, salvos da extinção graças aos cuidados tomados pelo bispo.

Convocado às visitas periódicas ("ad limina") que todos os bispos devem fazer ao Vaticano para prestar contas, Casaldáliga faltou a inúmeras, por considerar os gastos de viagem incompatíveis com a pobreza de sua gente. No entanto, remeteu aos papas cartas proféticas, exortando-os à opção pelos pobres e ao compromisso com a libertação dos oprimidos.

Certa ocasião fez uma longa viagem a cavalo para visitar a família de um posseiro que se encontrava preso. Chegou sem aviso prévio. Diante de um prato de arroz branco e outro de bananas, a filha mais velha, constrangida, desculpou-se à hora do almoço: "Se soubéssemos que viria o bispo teríamos feito outra comida". A pequena Eva, de sete anos, reagiu: "Ué, bispo não é mais melhor que nós!" Esta uma lição que ele guardou. E sempre praticou, evitando privilégios e mordomias.

Fundador da Comissão Pastoral da Terra e do Conselho Indigenista Missionário, Casaldáliga admite que a sabedoria popular tem sido a sua grande mestra. Indagou a um posseiro o que ele esperava para seus filhos. O homem respondeu: "Quero apenas o mais ou menos para todos". Pedro guardou a lição, lutando por um mundo em que todos tenham direito ao "mais ou menos". Nem demais, nem de menos.

Em setembro de 1985 viajei a Cuba com os irmãos e teólogos Leonardo e Clodovis Boff. Falamos com Fidel que dom Pedro se encontrava em Manágua, participando da Jornada de Oração pela Paz, e o líder cubano insistiu para que o trouxéssemos a Havana. Tão logo desembarcou na capital de Cuba, a 11 de setembro, o bispo foi conduzido diretamente ao gabinete de Fidel. Este mostrava-se interessado na literatura sobre a Teologia da Libertação. Dom Pedro observou com a sua fina ironia:

- Para a direita é preferível ter o papa contra a Teologia da Libertação do que Fidel a favor.

Na mesma noite, Casaldáliga discursou na abertura de um congresso mundial juvenil sobre a dívida externa:

- Não é só imoral cobrar a dívida externa, também é imoral pagá-la, porque, fatalmente, significará endividar progressivamente os nossos povos.

Ao reparar que os sapatos do prelado estavam em péssimo estado, o secretário de Fidel lhe ofereceu um par novo de botas.

- Deixo os meus sapatos ao Museu da Revolução – brincou dom Pedro.

Fomos juntos para a Nicarágua no dia 13. Ali Dom Pedro participou de inúmeros atos contra a agressão do governo dos EUA à obra sandinista e batizou o quarto filho de Daniel Ortega, Maurice Facundo.

Em sua segunda viagem a Cuba, em fevereiro de 1999, Casaldáliga declarou em público, em Pinar del Río:

- O capitalismo é um pecado capital. O socialismo pode ser uma virtude cardeal: somos irmãos e irmãs, a terra é para todos e, como repetia Jesus de Nazaré, não se pode servir a dois senhores, e o outro senhor é precisamente o capital. Quando o capital é neoliberal, de lucro onímodo, de mercado total, de exclusão de imensas maiorias, então o pecado capital é abertamente mortal.

E enfatizou:

- Não haverá paz na Terra, não haverá democracia que mereça resgatar este nome profanado, se não houver socialização da terra no campo e do solo na cidade, da saúde e da educação, de comunicação e da ciência.

Em 2003, ao completar 75 anos, Casaldáliga apresentou seu pedido de renúncia à prelazia, como exige o Vaticano de todos os bispos, exceto ao de Roma, o papa. Só agora, em 2005, o Vaticano nomeou-lhe um sucessor. Antes, porém, enviou-lhe um bispo que, em nome de Roma, pediu que ele se afastasse da prelazia, de modo a não constrianger o novo prelado. Dom Pedro não gostou do apelo e, coerente com o seu esforço de tornar mais democrático e transparente o processo de escolha de bispos, recusou-se a atendê-lo. O novo bispo, frei Leonardo Ulrich Steiner, pôs fim ao impasse ao declarar que dom Pedro é bem-vindo à São Félix.

"O Anel de Tucum"

"... Chamar-me-ão de subversivo/

Eu responderei incisivo:/

O sou. Pelo meu povo que luta,/

Pelo meu povo que trilha apressado/

Caminhos de sofrimento./

Eu tenho fé de guerrilheiro/

E amor de revolução./

E entre Evangelho e canção/

Penso, e digo o que sei./

Se escandalizo, primeiro/

Eu me abraço de Paixão/

Na cruz do meu Senhor!"

(Pedro Casaldáliga)

Dom Helder

Unveröffentlichter Brief des Dom Helder Camara über den Geistlichen Henrique

Es handelt sich hierbei um einen unveröffentlichten Brief des Dom Helder Camara, in welchem er über die wenigen Augenblicke berichtet, die zwischen der Information der Ermordung und der Beerdigung des Geistlichen Henrique Pereira liegen. Auf Betreiben der brasilianischen Militärdiktatur war dieser 1969 ermordet worden. In jener Zeit hatte die Katholische Kirche in Pernambuco unter der Zensur zu leiden. Der Erzbischof versandte darum Briefe, um die Ereignisse, die von der Presse nicht veröffentlicht werden durften, mitzuteilen. Im Fall vom Priester Henrique durfte seine Familie in den Zeitungen nicht einmal die Beerdigung, wie gewohnt, vermelden.

Liebe Familie Mecejanense
Recife 27-28 Mai 1969
525. Rundbrief

Mich erreichte plötzlich, um 13.30 Uhr, die Nachricht, der Priester Antônio Henrique sei ermordet worden. Man hatte hier und dort nachgeforscht, bis man seine Leiche schließlich im Leichenschauhaus von Santo Amaro fand. Den Leichnam hatte man als „unbekannt“ eingeliefert.

Er trug die Merkmale unglaublicher Grausamkeit. Die Kopfschüsse hatten ihn getroffen, an der Kehle gab es Würgemale, es gab deutliche Zeichen, dass er an Händen und am Hals gefesselt war, auch dass man ihn geschleift hatte. Er war erst 28 Jahre alt, drei Jahre lang übte er sein Priesteramt aus. Sein einziges Verbrechen war die Zusammenarbeit mit den Jugendlichen und er hielt sich an die Leitlinien des Erzbischofs.

Mir oblag es, seine alten Eltern aufzusuchen, um ihnen diese erschütternde Mitteilung zu machen. Im Leichenschauhaus – wir blieben dort bis 19⁰⁰ Uhr, bis der Körper von den Gerichtsmedizinern freigegeben worden war – erlebte ich eine Avant-Première meines eigenen Todes. Stimmengewirr im Raum. Von allen Seiten kamen Leute. Die öffentliche Presse und die Mundpropaganda hatte Anweisung bekommen die Ereignisse zu ignorieren. Aber telefonisch haben wir alle Pfarreien informiert und von Person zu Person wurde die Mitteilung weitergegeben.

Ich brachte den Körper zur Pfarrei Espinheiro. Verborgen unter meinem Sofa wollte ich dafür sorgen, dass er in einer unabhängigen Umgebung aufbewahrt sei.

Um 21⁰⁰ Uhr feierten wir einen ersten Gottesdienst; mehr als 40 Geistliche waren gekommen. Die große Kirche war fast zu klein für die große Zahl der Jugendlichen.

Drei Worte hatte ich mitzuteilen.

Für die alten Eltern, vom Schmerz überwältigt, ein Wort des Glaubens;

Für die Jugendlichen ein Wort der Hoffnung; mit ihnen hatte er gewirkt. Ich habe ihnen das Versprechen gegeben, sie würden nicht als Waise zurückbleiben;

Die Gläubigen, die das Gotteshaus füllten: die schriftliche und die mündliche Presse war bereits bezahlt worden, aber sie hatte den Auftrag erhalten über den Todesfall zu schweigen – sie bat ich die Gläubigen, sie möchten doch die Botschaft verbreiten, um 9⁰⁰ Uhr sei ein weiterer Gottesdienst anberaumt. Die Beerdigung würde um 10⁰⁰ Uhr auf dem Várzea-Friedhof, in der Gruft der Familie, stattfinden.

Anschließend verlas ich eine Erklärung, auch vom Domkapitel unterzeichnet, eine Mitteilung, die zwar von der Presse nicht verbreitet werden durfte, die wir aber dennoch in der ganzen Stadt, im Land und sogar in aller Welt vermelden würden.

1. Schmerzlich sehen wir uns dazu verpflichtet mitzuteilen, dass der Geistliche Antônio Henrique Pereira Neto barbarisch ermordet wurde. Dieser Mord ereignete sich gestern Nacht, am 26. dieses Monats in dieser Stadt Recife.
2. Er stand im 28. Lebensjahr und versah seit drei Jahren sein Priesteramt. In seinem Leben hatte sich der Geistliche Henrique der Jugendarbeit gewidmet, vor allem lag ihm die Universitätsjugend am Herzen. Nach Zeugenaussagen war er noch gestern um 22.30 Uhr in Parnamirim bei einer Gruppe von Ehepaaren. Sein besonderes Anliegen war es Eltern und Kinder, die Generationen wieder zusammenzubringen.
3. Was bei diesem aktuellen Verbrechen besonders grausam auffällt: es gab bei all dieser Perversität ausgesuchte Misshandlungen, neben anderen Grausamkeiten, war das Opfer gefesselt worden, er wurde aufgehängt, am Boden geschleift und bekam drei Schüsse in den Kopf; dazu kommt, bei diesem Attentat handelt es sich mit Sicherheit um eine vorbedachte Hinrichtung, es waren Drohungen und Hinweise vorausgegangen.
4. Es gab zuerst in einigen Gebäuden schriftliche Drohungen, begleitet wurden sie von Schüssen aus Handfeuerwaffen. Im Palast von Manguinhos fand man zahlreiche schriftliche Hinweise, die Giriquiti wurde aufs Korn genommen, die Residenz des Erzbischofs und die Fronteiras-Kirche wurden beschmiert und mit Graffiti verunziert.
5. Es folgten telefonische Anrufe, in denen mitgeteilt wurde, die nächsten Opfer habe man schon ausgesucht. Das erste Opfer war der Student Cândido Pinto de Melo, Student der Ingenieurwissenschaft, Präsident der Vereinigung der Studenten Pernambucos. Er ist querschnittsgelähmt und kann sich nicht mehr bewegen. Das zweite Opfer wurde ein junger Geistlicher, dessen einziges Verbrechen darin lag unter Studenten sein Apostolat auszuüben.
6. Als Christen, dem Beispiel Christi und dessen Erstlingsmartyrers Stephanus folgend, bitten wir Gott um Verzeihung für die Mörder, indem wir das Wort des Meisters wiederholen: "Sie wissen nicht, was sie tun." Aber wir wissen uns im Recht und in der Pflicht unsere Stimme zu erheben, damit wenigstens diese hinterhältigen Machenschaften dieser neuen Todesschwadron ein Ende finden.
7. Möge das „Holocaustopfer“ des Priesters Antônio Henrique von Gott die Gnade erlangen, dass die Arbeit, für die er sein Leben hingab, fortgesetzt werden könne und dass sich seine Henker bekehren.

Recife, 27. Mai 1969

+ Helder, Erzbischof von Olinda und Recife;
 + Lamartine, Weihbischof und Generalvikar;
 Mons. Amaldo Cabral, Diözesanvikar;
 Mons. Emani Pinheiro, Diözesanvikar.

Am Ende der ersten Reihe stand ein Mann, der die Hände gefaltet hatte und die Augen geschlossen hielt. Er schien in Gedanken zu sein. Die anderen Gläubigen saßen um ihn herum, einige mit den Händen gefaltet, andere mit den Händen auf den Knien. Die Atmosphäre war ruhig und feierlich.

Die Gläubigen saßen in einer Reihe, die sich von der Front zur Rückwand erstreckte. Die ersten Reihen waren besetzt, die hinteren waren noch leer. Die Gläubigen saßen mit den Händen gefaltet oder auf den Knien. Die Atmosphäre war ruhig und feierlich.

Die Gläubigen saßen in einer Reihe, die sich von der Front zur Rückwand erstreckte. Die ersten Reihen waren besetzt, die hinteren waren noch leer. Die Gläubigen saßen mit den Händen gefaltet oder auf den Knien. Die Atmosphäre war ruhig und feierlich.

Die Gläubigen saßen in einer Reihe, die sich von der Front zur Rückwand erstreckte. Die ersten Reihen waren besetzt, die hinteren waren noch leer. Die Gläubigen saßen mit den Händen gefaltet oder auf den Knien. Die Atmosphäre war ruhig und feierlich.

Die Gläubigen saßen in einer Reihe, die sich von der Front zur Rückwand erstreckte. Die ersten Reihen waren besetzt, die hinteren waren noch leer. Die Gläubigen saßen mit den Händen gefaltet oder auf den Knien. Die Atmosphäre war ruhig und feierlich.

Die Gläubigen saßen in einer Reihe, die sich von der Front zur Rückwand erstreckte. Die ersten Reihen waren besetzt, die hinteren waren noch leer. Die Gläubigen saßen mit den Händen gefaltet oder auf den Knien. Die Atmosphäre war ruhig und feierlich.

Die Gläubigen saßen in einer Reihe, die sich von der Front zur Rückwand erstreckte. Die ersten Reihen waren besetzt, die hinteren waren noch leer. Die Gläubigen saßen mit den Händen gefaltet oder auf den Knien. Die Atmosphäre war ruhig und feierlich.

Die Gläubigen saßen in einer Reihe, die sich von der Front zur Rückwand erstreckte. Die ersten Reihen waren besetzt, die hinteren waren noch leer. Die Gläubigen saßen mit den Händen gefaltet oder auf den Knien. Die Atmosphäre war ruhig und feierlich.

Die große Anzahl der Gläubigen sang und betete während der heiligen Handlung. Als die Melodie, als das Lied erklang: „Niemand hat eine größere Liebe, als wenn einer sein Leben hingibt für seine Freunde“, konnte man das Schluchzen der Gläubigen vernehmen.

Wir sind hier in der Nachtwache, in einer Trauerstunde. Es gab die Befürchtung das Begräbnis müsste übereilt, ohne Beteiligung, vonstatten gehen. Andernfalls gäbe es eine Apotheose, einen „Heiligenkult“.

Nach dem zweiten Seelenamt werden wir zu Fuß bis zum Anfang der Caxanga-Straße gehen, zur Beerdigung.

Was für viele wie ein unmögliches Unterfangen galt, plötzlich wurde es für die ganze Stadt zu einer Wirklichkeit. Man möchte, dass ich mich zurückhalte, dass ich nicht allein irgendwo hingehe, dass ich nicht allein schlafen sollte. Nur, wer sagt denn, dass ich mich allein auf den Weg mache, dass ich allein schlafe. Wer mit mir geht, wer bei mir schläft, ist Gott, der Vater, der Sohn, der Heilige Geist. Wer über mich wacht, ist die liebe Gottesmutter und der heilige Joseph, dieser getreue Freund..... Es geschieht nichts, es wird nichts nur einem Zufall überlassen. Es wäre eine Gnade, ein Privileg, wenn man die achte Seligpreisung erfahren darf. .

Mit den besten Segenswünschen, Dom Helder.l

*

CEDIM

46745*

